
LOVE
story
USA Today bestselling author
LAUREN LAYNE

Love Story

Lauren Layne

Loveswept
New York

Love Story é uma obra de ficção. Nomes, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com eventos reais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A Loveswept Ebook Original Copyright © 2017 por Lauren LeDonne

Trecho de Walk of Shame de Lauren Layne copyright © 2017 de Lauren LeDonne
Todos os direitos reservados.

Publicado nos Estados Unidos por Loveswept, um selo da Random House, uma divisão da Penguin Random House LLC, Nova York.

LOVESWEPT é uma marca registrada e o colofão LOVESWEPT é uma marca registrada da Penguin Random House LLC.

Este livro contém um trecho do próximo livro Walk of Shame de Lauren Layne. Este trecho foi definido apenas para esta edição e pode não refletir o conteúdo final da próxima edição.

Ebook ISBN 9781101968888

Design da capa: Sarah Hansen

Fotografia da capa: Mikhail_Kayl / Shutterstock

randomhousebooks.com v4.1

ep

Nota de Tradução

A tradução foi efetuada pelo grupo Book Crazy Traduções, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros na maioria das vezes encontrados no aplicativo Chapters, e que não possuem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Temos por objetivo o sério vigor em incentivar que o leitor adquira as obras originais posteriormente para que os autores tenham o reconhecimento que lhe é devido por obras tão bem escritas e elaboradas.

A fim de prestar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo BC poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização a eles, tanto quanto daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o Download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa disso.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito de tal, eximindo o grupo BC de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Nunca mencione aos autores que leram o livro em português. E sempre que possível comprem os oficiais, sejam físicos ou eletrónicos, pois tais livros são o trabalho e o sustento dos autores.

Só para reforçar:

- **Não compartilhe o livro;**
- **Não divulgue ou comente em redes sociais;**
- **Não comente com o (a) Autor (a) sobre o livro em português.**

Indice

Sinopse

Prologo: Lucy

Capítulo 1: Lucy

Capítulo 2

Capitulo 3: Reece

Capítulo 4

Capítulo 5: Lucy

Capítulo 6: Reece

Capítulo 7

Capítulo 8: Lucy

Capítulo 9

Capítulo 10: Reece

Capítulo 11

Capítulo 12: Lucy

Capítulo 13: Reece

Capítulo 14

Capítulo 15: Lucy

Capítulo 16: Reece

Capítulo 17: Lucy

Capítulo 18

Capítulo 19: Reece

Capítulo 20: Lucy

Capítulo 21: Reece

Capítulo 22: Lucy

Capítulo 23

Capítulo 24: Lucy

Capítulo 25: Reece

Capítulo 26: Lucy
Capítulo 27: Reece
Capítulo 28
Capítulo 29: Lucy
Capítulo 30: Reece
Capítulo 31: Lucy
Capítulo 32
Capítulo 33: Reece
Capítulo 34: Lucy
Capítulo 35: Reece
Capítulo 36: Lucy
Capítulo 37: Reece
Capítulo 38: Lucy
Capítulo 39
Capítulo 40: Reece
Capítulo 41
Capítulo 42: Lucy
Capítulo 43: Reece
Epilogo: Lucy

Sinopse

Quando Lucy Hawkins recebe uma oferta de emprego em San Francisco, ela mal pode esperar para abrir suas asas e deixar sua pequena cidade natal na Virgínia pata trás. Sua família unida a apóia da melhor maneira possível, entregando as chaves de um carro que já viu dias melhores. A pegada? A viagem pelo país vem com um companheiro de viagem: o melhor amigo de seu irmão mais velho, também conhecido como o cara que tirou a virgindade de Lucy horas antes de partir seu coração.

Depois de passar os últimos quatro anos e cada centavo cuidando de seu pai doente, Reece Sullivan fará qualquer coisa para se livrar das memórias dolorosas – mesmo que isso signifique uma viagem de duas semanas com a única garota que já passou seu exterior cuidadosamente guardado. Mas depois de longos dias de brigas no carro que se transformam em noites úmidas em quartos de motel isolados, Reece descobre que, quando se trata de Lucy, a história deles está longe de terminar. E desta vez, eles só podem ter uma chance de um final feliz.

Prólogo

Lucy

Eu tinha oito anos quando entreguei meu coração a Reece Sullivan.

Eu tinha dezoito anos quando ele o quebrou em um milhão de pedaços.

Bem, gostaria de poder dizer que tinha vinte e oito anos quando o vi pela próxima vez, porque isso seria fofo, certo? Dez anos entre cada um de nossos mais cruciais ... *encontros*. (E sim, você absolutamente deve visualizar aspas no ar aqui.)

Infelizmente.

Eu tinha *vinte e quatro* anos quando nossos caminhos se cruzaram de novo, e eles se cruzaram no pior momento. *Você está brincando comigo*?! tipo de caminho.

Como em, minha bem intencionada mas completamente desatenta família de alguma forma nos manobrou para fazermos uma viagem de duas semanas juntos.

Sim está certo. Eu. O meu ex. Duas semanas. Um carro.

Parece complicado, certo? Hum, respeitosamente, *você não tem ideia.*

Eu mencionei que uma das primeiras paradas na viagem foi para ver meu então namorado?

Sim. Isso.

Mas, veja, às vezes ...

Às vezes, a vida não funciona como você planejou aos oito anos. Às vezes, a vida envolve dois corações partidos, um pneu furado, uma enchente-honesta-a-Deus, e alguns quartos de motel decadentes ao longo do caminho.

Meu nome é Lucy Hawkins.

Seu nome é Reece Sullivan.

E esta é a nossa história.

Capítulo 1

Lucy

Congratulations, Spock!

Eu coço meu nariz e olho para a placa feita em casa onde g parece um pube e l parece suspeitamente com um pênis.

— Sua obra? — Eu pergunto ao meu irmão.

Craig, irmão mais velho de quatorze meses, passa o braço por cima do meu ombro enquanto olhamos para a casa onde crescemos. — Brandi ajudou. Você gosta?

Eu franzo meus lábios. — Suponho que não haja um estatuto de limitações de quanto tempo esse apelido pode durar?

— De jeito nenhum. É um clássico, — diz ele, indo até a traseira de sua caminhonete e puxando minha mala para fora.

Agora, para que você não pense que eu, ou qualquer pessoa da minha família, é fã de *Star Trek*, vou parar você aí mesmo. Não estamos. Quero dizer, como a maioria dos americanos, temos pelo menos um conhecimento passageiro do clássico da ficção científica, mas é só isso.

Mas as raízes do apelido tão lisonjeiro remontam aos meus primeiros dias em casa depois do hospital, quando minha mãe, feliz com a câmera, tirou uma foto minha acenando com a mão, os dedos no *vivo e próspero* fator V. cabelo superliso e escuro caía sobre minha testa, minhas sobrancelhas grossas e ...

Sim, tudo bem. Eu parecia *totalmente* um mini Leonard Nimoy (descanse em paz).

Daí o apelido Spock. Isso costumava me deixar louca de volta quando eu era pubescente e tentava ser legal, mas agora estou sorrindo para o sinal feio que meu irmão fez e o que isso representa.

Casa.

— Sabe, em gratidão por eu ter dirigido quatro horas de ida e volta para trazê-la para casa, o mínimo que você poderia ter feito é deixar sua colega de quarto gostosa acompanhá-la, — diz Craig.

— Ela é lésbica, — rebato, tirando minha bolsa do laptop e o presente da Victoria's Secret que está cheia até a borda com maquiagem, chapinha e um grande número de absorventes internos.

— Melhor ainda, — Craig diz com reverência. — A namorada dela também poderia ter vindo.

— Você sabe que tem vinte e cinco anos agora, certo? — Eu digo, fechando a porta do carro. — Um pouco velho para estar cobiçando a ação cliché garota-com-garota.

Meu irmão balança a cabeça. — Algumas coisas nunca saem de moda, Spock. Além disso, repito: 'quatro horas de carro'. Desisti dos ingressos dos Orioles.

— Seu sacrifício foi anotado, — eu digo, beliscando sua bochecha enquanto subimos a calçada acidentada em direção à porta da frente azul familiar, a roda rangente de uma das minhas malas protestando fortemente.

— E em minha defesa, — argumento, — não é como se *planejasse* ontem ser o dia em que meu carro finalmente fosse para o purgatório.

— Mesmo? Porque, a meu ver, quando você compra um carro no Craigslist que tem cento e vinte mil milhas e é o único responsável pela destruição da camada de ozônio, você corre o risco de quebrá-lo *todos os dias.*

— Não vamos falar mal dos que partiram.

Craig está quase certo, entretanto. Veja, pensei que poderia terminar a pós-graduação sem carro, como fazia quando era estudante de graduação. Mas Virginia Tech, embora fabulosa, não é exatamente a NYU quando se trata de transporte público. A mensalidade do meu MSBA em hotelaria e gestão de turismo foi principalmente cortesia de uma pilha de empréstimos estudantis, mas os livros, a comida e o teto sobre minha cabeça eram todos por minha conta. Não havia sobrado muito dinheiro para um carro decente, então eu fiz isso.

E realmente, o pobrezinho do Subaru se saiu melhor do que Craig acredita. Mas ontem decidiu que, afinal, não poderia fazer a viagem de duas horas de volta à minha cidade natal, Charlottesville, Virgínia. E o mecânico que paguei cinquenta dólares a mais para vir até *mim* confirmou que não faria nenhuma viagem. Jamais.

Normalmente, não seria o fim do mundo. O carro já havia passado de seu auge, e eu tenho um irmão mais velho que foi *tão gentil* em vir me buscar e me trazer para casa.

Mas…

Aquele pequeno Subaru triste não deveria apenas me levar para a casa dos meus pais. Também deveria me levar da Virgínia para a Califórnia depois de amanhã para começar meu novo emprego.

Agora terei de juntar o dinheiro para uma passagem de avião, mais o custo do envio de todas as minhas coisas, sem falar do carro quando chegar a Napa.

Como se o dinheiro não fosse *suficiente*, recentemente passei uma noite de sexta-feira bastante gloriosa, abastecida com cabernet, planejando cuidadosamente uma viagem de duas semanas para ver os estados que provavelmente nunca visitaria de outra forma. Uma viagem que incluía um desvio até Miami para ver meu namorado.

Uma viagem que não vai acontecer.

Eu solto um suspiro. *Amanhã. Eu lidarei com tudo isso amanhã.*

Eu sorrio enquanto o sinal de *Parabéns, Spock* balança na brisa quente de junho.

De repente, mal posso esperar para ver que tipo de refeição gloriosamente engordante e de boas-vindas minha mãe preparou, tomar uma cerveja com meu pai e meu irmão, fofocar com minha irmã e desfrutar de duas noites com minha família antes de começar o emprego dos meus sonhos como gerente de hotelaria no Chateau St. Magrit, uma das maiores vinícolas de Napa Valley.

— Spock. — Craig diz meu nome enquanto alcanço a maçaneta da porta da frente. Eu olho para trás, e ele me dá um sorriso ligeiramente tímido. — Se vale de alguma coisa, não foi ideia minha.

— O que não foi? — Eu digo.

Então me ocorre.

A placa no jardim da frente. Os carros alinhados no beco sem saída. O fato de meus pais não terem saído para me cumprimentar, embora eu tivesse apostado muito dinheiro que minha mãe estaria esperando impacientemente na janela da sala, meu pai inventando desculpas para o porquê ele precisava estar no jardim da frente para quando eu dirigisse.

Eu gemo. — Eles não fizeram.

Craig sorri ainda mais. — Não é todo dia que sua filhinha chega em casa com um diploma elegante a reboque.

— Eu nem sou o bebê, — murmuro. Essa duvidosa honra pertence a Brandi, minha irmã mais nova de quatro anos.

Então eu respiro fundo e abro a porta.

Estou preparada para isso, mas a "SURPRESA!" ainda me faz pular um pouco. E então, embora não seja exatamente o pequeno e íntimo retorno ao lar com o qual eu sonhei por semanas, meus olhos lacrimejam do mesmo jeito, porque todos estão aqui.

Meus pais, sorrindo para mim, Brandi parecendo seriamente adulta desde que a vi na Páscoa. Tias, tios, primos. Vizinhos que me conhecem a vida toda, amigos do ensino fundamental, amigos do ensino médio. Até mesmo alguns ex-colegas de trabalho da Luna Winery, o vinhedo local da Virgínia, onde descobri meu amor pelo negócio do vinho ...

Eu deixo cair minha bolsa, ignorando o fato de que meu rímel Revlon e tampões fora de marca provavelmente estão espalhados por todo o tapete enquanto corro em direção aos meus pais com um grito de felicidade.

Não é um comportamento digno de uma adulta, mas eu não me importo.

No segundo que os braços da minha mãe me envolvem, e sinto a mão do meu pai bagunçar meu cabelo, não me importo com nada, exceto que por 48 horas gloriosas estou em *casa*.

Não me entenda mal, meu emprego dos sonhos em Napa é incrivelmente fantástico – é tudo para o que venho trabalhando desde que tinha uns cinco anos.

Mas agora, *é* aqui que eu quero estar mais do que qualquer coisa.

É o tipo de volta ao lar que você vê nos filmes Hallmark, completo com um grande buquê de *Parabéns!* balões de hélio amarrados às costas das cadeiras da sala de jantar.

É perfeito.

Mesmo quando uma rápida varredura da sala me diz que há uma ausência bastante crucial.

— Lucy Darlene Hawkins, você está muito magra! — minha mãe diz, me empurrando de volta.

Eu sorrio, porque sei que a busca de minha mãe para engordar seus filhos é a melhor forma de mostrar seu amor. Infelizmente para ela, nós três parecemos com o lado da família do meu pai, o que significa que somos magros.

Minha irmã de pernas compridas também tem a altura do meu pai, enquanto eu tenho os genes curtos, chegando a pouco menos de cinco dois. Algo que minha irmã cinco nove "mais nova" me lembra agora, apoiando o antebraço no meu ombro. — Ei, Spock. Você gosta do seu sinal? Craig e eu trabalhamos muito nisso.

— Adoro. Embora talvez você pudesse dizer à mamãe exatamente como você sabia fazer *eu* parecer tão perfeitamente com um pênis?

Minha mãe diz: — Garotas! — exasperada, e Brandi dá um sorriso atrevido para nossa mãe.

— Não tenho certeza de como é a aparência de um pênis, mãe. A que esse pênis Spock está se referindo? Um tipo de coquetel?

Todo mundo está na cozinha agora, alegremente empilhando salada de macarrão e salada de batata em pratos de papel, o enorme prato do que parece ser o frango frito da Gabby's local rapidamente se esgotando.

Estou prestes a afundar meus dentes em uma baqueta quando minha mãe a puxa do meu rosto e a joga em um prato.

— Que diabos? — Eu digo. — Eu pensei que você disse que eu estava muito magra.

— Você tem toda a sua vida para comer, — minha mãe diz, batendo palmas com entusiasmo, uma mecha de cabelo escuro caindo em sua bochecha. — Temos algo para você.

Eu olho em volta, percebendo que "nós" significa minha família imediata, embora minha irmã e meu irmão pareçam decididamente mais céticos sobre a surpresa do que meus pais tontos.

Eu deixei minha mãe me levar para a garagem, seguindo meu pai enquanto os irmãos se arrastavam atrás.

Admito que estou esperando que o momento *ta-da* seja um pouco mais, bem ... qualquer coisa.

Eu olho ao redor em nossa garagem familiar e desordenada. Vejo muitos ancinhos, uma lata de lixo transbordando porque meu pai se esqueceu de colocá-la no meio-fio ontem. Ali está o velho e horrível carro marrom ... A única coisa nova é uma escada, e não consigo imaginar como ela justifica um *ta-da*!

Meus pais ainda estão radiantes de expectativa, esperando minha resposta.

Eu dou a Craig e Brandi uma *ajuda*! veja, mas eles estão muito ocupados tentando não desmoronar.

É meu pai que cede, limpando a garganta e gesticulando com a mão em direção ao carro.

Eu examino o carro, carinhosamente apelidado de Horny por meu irmão, seu primeiro ano do ensino médio, e então eu vejo.

O laço.

Não um laço grande, mas um laço vermelho esfarrapado de aparência suja que eu acho que teve uma vida anterior como uma árvore de Natal.

— Umm …

— Spock, estamos te dando Horny! — minha mãe deixa escapar, aparentemente farta da minha densidade.

Sua declaração é demais para meus irmãos aguentarem e os dois caíram na gargalhada, retirando-se para a cozinha para voltar à festa onde havia vinho.

Oh, o que eu não daria por vinho agora.

— Eu, hum ... você está me dando o carro? — Eu pergunto.

— Porque o seu quebrou, — explica meu pai, caminhando para frente para bater a chapa amassada de Horny.

— E este aqui ... não está quebrado? — Eu pergunto com ceticismo.

Olha, não é que eu não esteja agradecida. Meus pais estão tentando me dar um carro, agradeço a doçura do gesto, é só ...

O que há sobre Horny é o seguinte: ele mal conseguiu levar os três filhos o ensino médio. Quero dizer, Horny é o carro que estalou e balançou ao percorrer as 3,2 milhas até Jefferson High, não importava quem estava atrás do volante.

Vou até mesmo deixar tudo claro aqui e dizer que, no início do meu primeiro ano, fiquei com *vergonha* de aparecer no Horny. Então percebi que tinha sorte de ter

um carro, e bem ... Não sei, acho que Horny se tornou parte do charme das crianças Hawkins, porque o carro era praticamente uma instituição desde o reinado de Craig na escola até Brandi.

Mas o pobre Horny parou de trabalhar anos atrás. Para desgosto de Brandi, ela desistiu do fantasma apenas dois meses antes de sua formatura no ensino médio, e ela passou o último período de seu último ano sendo apanhada pelos meus pais.

— Ele vai levar você para a Califórnia, — papai diz, dando outra pancada no carro.

— Mesmo? — Dou um passo à frente e passo um dedo hesitante ao longo do painel familiar. Ele tomou banho, então pelo menos isso é alguma coisa. — Porque da última vez que eu soube, ele não conseguiria nem sair da garagem.

— Sim, bem, nós o negligenciamos por um tempo, mas ele está bem como a chuva agora, — papai diz, estufando o peito como se Horny fosse o quarto filho.

— Tipo, ele realmente começa?

— Ronrona como um gatinho, — diz minha mãe com um aceno enfático, embora eu saiba que ela nem gosta de gatos. — Não acreditamos, mas o levamos à igreja no domingo e não houve problemas.

Eu *literalmente* mordo minha língua para não apontar que isso dificilmente é uma façanha.

O Sagrado Presbiteriano fica a 1,3 km de distância da casa.

— Você levou Horny a uma oficina? — Eu pergunto, começando a me animar com a ideia de ter um carro novamente. Estou um pouco emocionada, na verdade. O dinheiro está apertado para meus pais. Papai é professor de educação física e mamãe faz um ótimo tour pela vinícola, mas o show nunca paga muito.

— Não exatamente, foi mais uma situação de troca, — diz a mãe.

— Sim? — Digo, dando a volta para o assento do motorista, já tonta com a perspectiva de dizer a Oscar que afinal poderei ir vê-lo em Miami, mesmo que não esteja exatamente dirigindo com estilo.

— Reece concordou em consertá-lo.

Estou entrando no carro enquanto meu pai diz isso, mas dou marcha à ré tão rápido que bato com a cabeça. Meu crânio nem mesmo registra a dor, porque estou muito ocupada registrando a dor em meu *coração* com o nome familiar. — Desculpa, o que?

— Reece, — minha mãe diz, me dando um olhar perplexo. — Ele sempre foi bom com carros.

— Ele consertou o carro em troca de quê?

E então eu sinto – eu realmente *sinto* – a mudança de ar ao meu redor quando a porta lateral da garagem se abre, e uma nova presença suga todo o ar do espaço.

Eu não me viro. Eu não me movo mas eu sinto seus olhos em mim. Sobre mim.

— Reece está indo para a Califórnia também, — minha mãe desatenta continua. — Na verdade funcionou perfeitamente. Agora vocês dois podem ir juntos, e seu pai e eu não temos que nos preocupar com vocês sozinhos no meio do nada com um carro de vinte e poucos anos.

Eles acham que o carro vai ser o problema aqui? Não é o carro que é tóxico para mim. É *ele.*

Reece Sullivan. O melhor amigo do meu irmão. O "outro filho" dos meus pais.

Lentamente, me forço a virar e, embora esteja preparada, a força daquele olhar azul-gelo ainda faz algo perigoso para mim.

Ele pisca, rápido e arrogante, e eu respiro fundo e me pergunto ...

Eu me pergunto se meus pais teriam uma opinião diferente sobre seu pequeno plano se soubessem que seu mecânico improvisado é o mesmo cara que estourou minha cereja seis anos antes sob seu próprio teto.

E então partiu meu coração vinte e quatro horas depois.

Capítulo 2

LUCY, OITO, REECE, NOVE

O garotinho limpou apressadamente as costas da mão sobre o nariz que fungava ao ouvir alguém subindo no Big Toy, os dedos passando rapidamente em seus olhos úmidos.

Ele tentou sufocar a onda de raiva com a intrusão. Craig provavelmente estava apenas tentando ajudar. Mas ele ouviu a Sra. Hawkins dizer a Craig que Reece precisava de espaço agora, e Reece estava grato por seu melhor amigo não o ter seguido até o quintal e no topo do Big Toy. Não estava lá para vê-lo chorar.

No que dizia respeito a Big Toys, este era péssimo. Só tinha um deslize estúpido e um balanço que rangia. Mas o Big Toy era mais do que Reece tinha em sua casa, e a primeira vez que Reece veio, ele e Craig usaram algumas tábuas e lençóis para criar um forte muito legal.

Ele não tinha vontade de construir um forte hoje.

Reece fungou. Seu amigo estava demorando muito para subir a escada curta. Ele virou a cabeça no momento em que uma cabeça escura apareceu, e Reece piscou em choque irritado com a garota invadindo sua privacidade.

Ele só conheceu a irmã mais nova de Craig uma vez. Ele a tinha visto na escola e no ônibus, mas os alunos da quarta série não tinham muito a ver com os da terceira.

E toda vez que ele ia à casa de Craig, Lucy estava sempre a caminho de brownies, treinos de futebol ou balé.

Mas ela estava aqui agora. De todo o momento podre ...

Lucy rastejou sobre as mãos e joelhos até ele, e ele notou a caixa de lenços de papel quebrada em sua mão. Sem a menor hesitação, ela se sentou ao lado dele na plataforma, balançando as pernas para ficar pendurada como as dele, e entregou a Reece a caixa de lenços de papel.

Ele empurrou de volta para ela.

Ela piscou para ele com olhos verdes, a caixa de tecido azul estilhaçada contra seu peito.

Ele pensou que talvez tivesse ferido seus sentimentos, mas ele não se importou. Hoje não.

Lucy se virou e olhou para frente, ainda segurando a caixa de lenços de papel.
— Minha mãe me disse que sua mãe foi para o céu.

Novas lágrimas imediatamente encheram seus olhos, mas ele se recusou a pegar o lenço de papel enquanto as piscava para longe. Os meninos não choram.

Exceto, que o pai de Reece tinha. Ontem, ele chorou e chorou e chorou quando o policial passou por sua casa.

Houve um acidente….

Reece engoliu um soluço, fungando dramaticamente antes de se virar e olhar para a garota ao lado dele. — Você pode ir embora? Eu não gosto de você.

Eu não quero que você me veja chorar.

Ela olhou para ele com atenção. — Você quer ficar sozinho?

— Obviamente, — *ele disse com todo o desdém que conseguiu reunir.*

Ela não desviou o olhar. — Minha mãe disse que seu pai deixou você aqui. E que sua irmã não saiu do quarto.

— Então? — Ele não queria pensar no fato de que seu pai não o havia abraçado. Ou que Trish, de quatorze anos, não dissera uma única palavra desde que soube da notícia.

Ele estava sozinho.

Lucy deu um grande suspiro que lembrou Reece de quando sua mãe estava frustrada com seu pai. Um som que ele nunca mais ouviria ...

As lágrimas correram novamente, e desta vez ele não foi rápido o suficiente, e elas estavam escorrendo por suas bochechas, pingando de seu queixo mais rápido do que ele poderia enxugá-las.

Ele olhou para Lucy com vergonha, mas ela não pareceu se importar. Ela enfiou a mão no bolso de seu moletom rosa e puxou algo.

Reece observou, incrédulo, enquanto ela erguia o baralho de cartas. — Go Fish? — ela perguntou.

Ele só conseguia olhar. Sua mãe tinha acabado de faleceu, *e essa garotinha queria brincar de Go Fish?*

Foi ...

foi ...

Lentamente, Reece acenou com a cabeça, de repente percebendo que ele faria qualquer coisa para ter uma pausa de pensar em sua mãe. Para não pensar em como nada mais seria o mesmo.

Lucy deu-lhe um grande sorriso e começou a distribuir as cartas, o tempo todo conversando sobre como sua amiga Robin quebrou o braço e ganhou um gesso rosa e como Lucy o assinou com um coração, e como ela esperava que sua mãe a deixasse desistir do balé porque queria fazer ginástica em vez disso, e como ela encontrou uma uva mofada em sua lancheira e como foi a coisa mais nojenta de todas.

Eles jogaram um jogo.

Então outro.

No terceiro jogo, os olhos de Reece secaram. Seu estômago ainda doía, mas seu peito não doía tanto. Pela primeira vez, desde que lhe disseram que sua mãe havia morrido, ele pensou que não poderia morrer também.

Eles brincavam e brincavam, e Lucy conversava, e Reece até riu uma ou duas vezes.

Finalmente, ele ouviu a voz da Sra. Hawkins chamando-os para jantar.

Lucy começou a pegar as cartas e colocá-las de volta no baralho. Reece pegou uma dez de paus, jogando com o canto enquanto reunia sua coragem.

Quando ela estendeu a mão pequena com expectativa para a carta, ele respirou fundo e a entregou, encontrando seus olhos. — Obrigada. Por ficar comigo.

Lucy piscou, parecendo um pouco confusa, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo ela passar uma tarde com um bebê chorão.

Então ela deu a ele um pequeno sorriso, parecendo um pouco tímida pela primeira vez desde que foi até ele, como se ela tivesse acabado de perceber algo. — Eu nunca vou embora se você não quiser.

Capítulo 3

Reece

Aprendi há muito tempo que a vida não é justa.

Aprendi quando tinha nove anos e minha mãe foi atropelada e morta por um motorista bêbado na faixa de pedestres em frente a uma loja de donuts.

Aprendi há apenas alguns meses, quando meu pai finalmente cedeu ao câncer no estômago.

Aprendi quando minha irmã mais velha se livrou de mim bem quando eu mais precisava da família.

Resumindo? A vida não é justa e as pessoas vão embora. Entendo.

Mas agora, o que parece mais injusto do que qualquer outra coisa é que a pessoa que eu mais odeio por ter saído parece muito gostosa em minúsculos shorts jeans e uma camiseta branca, com olhos assassinos.

Lucy Hawkins. Ela seria minha queda final se eu já não tivesse atingido o fundo do poço.

Está na ponta da minha língua dizer, *Ei, querida*, ver o fogo dela acender ainda mais, mas os pais dela estão aqui e eles não sabem de nossa, hum, *história.*

Eu sei disso. E agora meu maldito pau está se lembrando muito bem de como era correr minha mão por aquelas panturrilhas macias, minha língua pelas coxas ainda mais suaves.

Pode haver alguma dor em algum lugar com as memórias, mas principalmente há raiva. Raiva que eu não percebi antes que fosse tarde demais, pois apesar de todo o riso fácil de Lucy Hawkins e charme de garota da porta ao lado, ela na verdade é apenas uma pirralha egoísta. Sempre um pé fora da porta, seus olhos no que está à frente em vez de no que está bem na frente dela.

Suas mãos encontram seus quadris estreitos e ela me olha. — Reece.

— Lucy, — eu digo em resposta.

— O que você está fazendo aqui?

A pergunta me irrita. Tenho tanto direito de estar aqui quanto ela. Delia Hawkins foi uma mãe tanto para mim quanto para ela, tendo colocado pelo menos tantos band-aids em meus joelhos machucados ao longo dos anos quanto nos de Lucy. E Tim Hawkins era mais pai para mim do que o meu, me ensinando de tudo, desde

como jogar uma bola de futebol a como dirigir um carro, quando eu tinha dezesseis anos e meu próprio pai estava no meio da depressão.

Inferno, ultimamente, sinto que tenho mais direito de estar aqui do que Lucy. Enquanto eu conserto o triturador de lixo quebrado dos pais dela, limpando suas calhas e consertando a porra deste carro, ela está andando de salto alto em algum restaurante chique, planejando sua fuga para a Califórnia.

Acho que nesse último não posso culpá-la, já que estou atrás da mesma coisa. Mas, caramba, gostaria como o inferno de ter sabido sobre os planos da Princesa Lucy antes de aceitar o emprego na vinícola de Sonoma.

Ela está atrás disso pela glória. Eu estou atrás disso para a mudança.

Trabalho com vinhas desde os quatorze anos e, por mais orgulhoso que seja de fazer parte da região vinícola da Virgínia, preciso sair daqui. Longe das memórias.

Eu me candidatei ao emprego na Abbott Vineyards em Sonoma um dia depois de enterrar meu pai. Não porque achasse que era bom demais para a Vinícola Beaumont, onde fui vinicultor assistente por três anos, mas porque simplesmente não posso ficar nesta porra de cidade agora.

É como se houvesse um fantasma em cada esquina, seja dos meus pais, ou minha irmã, ou Lucy, até mesmo meu maldito cachorro Dudley, que eu tive que sacrificar alguns meses atrás.

Foi ideia de Craig que eu saísse da cidade por um tempo. A ideia dele também é que eu me aproxime dos pais dele, perguntar sobre como consertar o velho carro e usá-lo para levar minha bunda para a Califórnia.

Eles nem mesmo hesitaram, e eu os amo por isso.

O que não estou amando no momento é o fato de que, no segundo que o precioso carro da filha do meio quebra, eles a impõem a mim. Quer dizer, eu entendo. É lógico. Duas pessoas precisando fazer um movimento cross-country, um carro ... e uma tonelada de bagagem, e não estou falando do tipo literal.

— Isso vai ser perfeito, — diz a mãe de Lucy, alheia ao ressentimento que fervilha entre sua filha e eu. — Estávamos preocupados com você fazendo esta viagem sozinha, querida, especialmente naquele carro, e assim você terá alguém para ajudar se o carro quebrar.

— Eu posso conseguir Triple A, — Lucy diz, cruzando os braços.

Eu rolo meus olhos. *Diva*. Quero lembrá-la de todas as tardes de verão, quando ela teve um pneu furado e me ligou para consertá-lo. Eu. Não é um número AAA anônimo. *Eu*.

Mas então, isso foi antes de ela começar a *fantasiar*.

— Agradeço a oferta, — Lucy está dizendo, — mas todo o meu motivo para querer fazer uma viagem de carro era para realmente ver o país no caminho.

— E o quê, estou planejando fazer a viagem de olhos fechados? — Eu pergunto, encostado no batente da porta. Sinto que seus pais olham surpresos com meu tom áspero, mas não desvio o olhar de Lucy.

Ela me olha com olhos verdes em forma de gato irritado, um contraste surpreendente com seu cabelo escuro e pele bronzeada. — A viagem que planejei levaria duas semanas.

Que porra?

Poderíamos facilmente ir da Virgínia para a Califórnia em alguns dias, mesmo sem forçar muito.

— *Duas semanas?* Qual era o seu plano, apenas dirigir em grandes voltas pelo Kansas?

Ela ignora meu sarcasmo, olhando para seus pais. — Agradeço muito a oferta, rapazes, mas se não vou parar em Miami no caminho, é melhor simplesmente voar.

Miami? Só Lucy Hawkins iria da Virgínia para a Califórnia pela *Flórida*.

— Tenho certeza de que Reece não se importará com o desvio, — Delia está dizendo. — Reece, você já esteve na Flórida?

— Não. — Não estou planejando isso também.

Pensei que seria um dia frio no inferno antes que Lucy e eu concordássemos em algo, mas estamos na mesma página agora. Esta viagem conjunta é inútil. Ela pode pegar o carro se quiser, mas de jeito nenhum vou entrar lá com ela. Vou encontrar outra maneira de chegar à Califórnia.

— E poderia ser bom para Oscar conhecer um amigo da família, mesmo que ele nunca tenha conhecido sua família de *verdade*. — Delia ainda está divagando.

Há um leve beicinho no tom da mãe de Lucy, e estreito meus olhos para os três Hawkins, que parecem estar tendo algum tipo de impasse silencioso.

Em seguida, o nome é registrado. — Oscar? — Eu pergunto, antes que eu possa pensar melhor sobre isso.

— Meu namorado, — diz Lucy em uma voz doce, me lançando um sorriso atado com veneno.

Namorado. A palavra balança através de mim.

Eu sabia que ela estava saindo com alguém, mas imaginei que fosse algum idiota super educado que ela largaria quando se mudasse para o outro lado do país.

Isso é o que Lucy faz. Olhar para a frente, seguir em frente.

Mas se ela está planejando sair do caminho para ver o cara ... Algo quente e perigoso passa por mim. *Posse*.

Eu não quero Lucy Hawkins. Tirei *essa* quimera do meu sistema há muito tempo.

E ainda assim, eu me ouço proferindo as palavras mais idiotas da minha vida:
— Eu não me importaria de ver Miami.

O olhar que ela me lançou teria me feito rir se eu não tivesse sido tão rígido com o choque do que acabei de concordar.

Eu. Lucy. Tesão.

E não estou falando sobre o carro.

Capítulo 1

LUCY, QUINZE, REECE, DEZESSEIS

A música terminou, e Lucy levantou a cabeça do travesseiro e estendeu a mão e bateu de volta em seu CD player para que a música se repetisse.

Não era nem uma boa música. Dois dias atrás, ela e sua amiga Kayley falaram sobre o quanto elas odiavam.

Agora, entretanto, ela estava ouvindo com novos ouvidos. A estrela pop não estava mais cantando sobre dores de cabeça genéricas, ela estava cantando sobre a dor de Lucy.

Seu telefone tocou, e ela o atendeu, depois o deixou cair novamente quando viu que era uma mensagem de Paige. Como Kayley, Paige estava morrendo de vontade de saber tudo sobre o que acontecera esta tarde na casa de Tyler. Queria saber se Lucy finalmente havia conseguido seu primeiro beijo.

Lucy rolou de costas quando a cantora começou seu refrão sobre como o garoto de quem ela gostava, gostava de outra garota.

Eu entendo você, *Amber, Lucy disse silenciosamente à cantora que só deu o primeiro nome.* Eu entendo você.

Houve uma batida na porta do quarto e Lucy deu um suspiro. — Vá embora!

Houve um momento de silêncio, então alguém falou. — Você está bem?

Lucy se endireitou. Ela presumiu que era Brandi ou Craig dizendo que era hora do jantar, mas não era.

Ela balançou as pernas para fora da cama e escovou o cabelo para trás, desejando estar usando algo diferente de short de ginástica e da camiseta que ela usou para treinar.

— Entre.

A porta se abriu lentamente, e o rosto familiar de Reece Sullivan apareceu na porta. Seus olhos azuis piscaram brevemente sobre ela, então se estreitaram. — Você está bem? — ele repetiu.

Ela arranhou o nariz. — Claro.

Seus olhos se estreitaram ainda mais e ele entrou no quarto, fechando a porta antes de se recostar nela com os braços cruzados. Como Craig, Reece fez futebol americano universitário no segundo ano, mas ao contrario de *Craig, ele não usava sua jaqueta letterman em todos os lugares que ia. Hoje ele estava vestindo uma camisa pólo branca e jeans, seus antebraços bronzeados de trabalhar nos vinhedos depois da escola.*

— Eu preciso bater em alguém? — ele perguntou, sua boca puxando para cima em um canto. — Além disso, que diabos é essa música?

Lucy estendeu a mão e acertou o botão de pausa. — Estou chafurdando.

— Eu posso ver isso. Quer falar sobre isso?

Ela cutucou sua cutícula. — Não com você.

— Ei, — ele repreendeu suavemente. — Você sempre me disse o que está incomodando você.

— Sim, bem, isso é diferente.

E isso era *diferente. Reece era um de seus melhores amigos, e ela sabia que era uma das dele, apesar da diferença de idade, apesar do fato de ser a irritante irmã mais nova de seu melhor amigo.*

Normalmente, ele era a primeira pessoa para quem ela corria com o que a estava incomodando. Ele tinha um jeito calmo de chegar ao cerne de cada questão e fazê-la ver que o que quer que ela estivesse preocupada não era o fim do mundo. Ela supôs que, desde que ele teve uma situação difícil com sua irmã indo e sua mãe morrendo, que ele tinha uma perspectiva diferente da maioria de suas amigas, que pensavam no conceito de tragédia *aplicado apenas ao cancelamento do programa favorito.*

Este *tópico embora ... isso era diferente. Reece era quieto, mas muito gostoso,* especialmente *pelas meninas de sua classe. De jeito nenhum ela iria dizer a ele que pensava que finalmente conseguiria seu primeiro beijo de Tyler Vance hoje, apenas para saber que ele queria que ela o arranjasse com sua amiga Paige.*

Reece se afastou da porta, vindo se sentar ao lado dela na cama, inclinando-se para frente de forma que suas mãos ficassem entre os joelhos. Ele olhou e encontrou os olhos dela. — Problemas com o cara?

Ela mordeu o lábio. — Ninguém gosta de mim.

Ele piscou surpreso, então soltou uma risadinha. — Não deixe isso subir à sua cabeça, mas você é uma das garotas mais populares da classe de calouros.

Lucy balançou a cabeça. — Não, é que todos me conhecem porque participo de todas as atividades extracurriculares possíveis e converso muito. Mas os caras ... eles não gostam de mim assim.

— Ah.

Reece desviou o olhar, olhando para suas mãos.

Ela coçou o nariz novamente, de repente envergonhada. Não era um sentimento que ela estava acostumada a ter perto de Reece. Ele sempre a fazia se sentir segura. Confortável. Mas ultimamente ... ultimamente ele a estava fazendo sentir outra coisa também.

— Achei que seria diferente depois que me livrasse do aparelho ortodôntico, — disse ela, sentindo-se estúpida por dizer isso. — Eu pensei que talvez ninguém quisesse beijar uma garota com aparelho ortodôntico, mas já faz quatro meses, e ...

— Aguenta. Isso é sobre beijar?

Ela encolheu os ombros, sentindo o calor em suas bochechas. — Eu sou a única no meu grupo que não foi beijada.

Reece esfregou as mãos no rosto. — Não tenho certeza se sou a pessoa certa para ter essa conversa.

— Por que não? Você beijou muitas garotas.

Ela queria que ele negasse, mas ele não o fez.

— Olha, — ele disse, pressionando as palmas das mãos juntas em agitação e então se levantando. — Se isso faz você se sentir melhor, os primeiros beijos não são tudo o que eles dizem ser.

Ela franziu o cenho. — Eles não são?

Ele balançou sua cabeça. — Definitivamente não. Nada para se esperar, realmente.

— E depois do primeiro beijo, — ela rebateu. — Esses são melhores, certo?

Ele desviou o olhar e arrastou os pés. Acenou com a cabeça.

— Bem, então, — ela disse, cruzando os braços presunçosamente. — Como posso chegar a esses *beijos, até eu tirar o primeiro do caminho?*

Seu olhar voltou para o dela, os olhos se estreitaram com algo. — Muito ansiosa para beijar, Luce.

Ela tentou manter sua presunção, mas ela escorregou. — Eu só quero saber o que há de tão errado comigo. E quanto a mim, que grita mau beijador?

Ele franziu a testa e deu um passo à frente. — Ei. Pare com isso. Não há nada de errado com você. Você é simplesmente bonita e confiante. Os caras estão intimidados.

Ela bufou para esconder o fato de que seus olhos estavam marejados. Isto foi tudo tão embaraçoso.

— Ele gosta mais de Paige, — disse ela, odiando a oscilação em sua voz.

— Idiota, — disse ele com firmeza. — Esqueça-o. Encontre alguém melhor para o seu primeiro beijo.

— Mas você disse que os primeiros beijos são uma droga. Por que eu iria querer infligir algo ruim a alguém bom?

Ele sorriu e jogou as mãos em exasperação. — É impossível conversar com você. O que você quer que eu diga aqui?

— Nada, — disse ela, empurrando as mãos nos cabelos e puxando o rabo de cavalo em frustração. — Sinto muito, estou de mau humor.

Seus olhos se suavizaram um pouco enquanto a estudava. — Depois de terminar o primeiro beijo, você vai parar de ser estranha?

Ela ergueu os ombros. — Claro. Até eu começar a ficar obcecada pelo segundo.

Reece revirou os olhos e deu um passo em sua direção. — Não diga ao seu irmão, ok?

Ela franziu o cenho. — Dizer a ele o quê?

Ele engoliu em seco e colocou as duas mãos grandes nos ombros dela, aproximando-se ainda mais. — E definitivamente não diga a seus pais.

Então ele abaixou a cabeça, e antes que ela pudesse registrar o que estava acontecendo, antes que ela pudesse absorver o fato de que Reece Sullivan estava prestes a beijá-la, seus lábios pressionaram contra os dela.

Ele não se demorou, mas também não recuou imediatamente. A boca dele ficou na dela apenas o tempo suficiente para ela registrar o beijo, e então ele deu um passo para trás e enfiou as mãos nos bolsos.

Ela olhou para ele em choque, e ele olhou para todos os lugares em seu quarto antes de finalmente encontrar seus olhos com um olhar quase desafiador. — OK? Agora você vai descer para jantar?

Lucy assentiu, embora tivesse certeza de que não seria capaz de comer nada.

Reece estava errado.

Primeiros beijos eram absolutamente *o que eles eram para ser.*

Capítulo 5

Lucy

— Você está sendo estranha.

Empurro a mala que acabei de carregar, mas ela não se move o suficiente para eu fechar o porta-malas. — Você tem dito isso a manhã toda, — murmuro.

— Porque você esteve estranha a manhã toda, — diz minha irmã, juntando-se a mim para tentar mover minha mala. Só que ela pesa, tipo, quarenta e cinco quilos, e a coisa não se move. Não com as outras malas, caixas de mudança e uma quantidade geral de lixo que já coloquei lá.

Eu me levanto e solto um suspiro irritada, puxando o laço de cabelo do meu pulso e prendendo meu cabelo em um coque bagunçado. — Eu acho que só estou percebendo que estou realmente fazendo isso. Estou me mudando para outro estado. Outro fuso horário.

Brandi se vira, encostada na mala que sai do porta-malas, e cruza seus braços longos e magros enquanto me estuda. — Nah.

— O que você quer dizer com 'nah'?

— Você está toda nervosa porque está prestes a passar duas semanas com Reece. Em um carro. Apenas vocês dois.

Apenas o som de seu nome envia algo através de mim. Eu mordo meu lábio e resisto à vontade de puxar meu telefone do bolso de trás e verificar a hora. Combinamos estar na estrada às sete da manhã, então ele deveria estar aqui a qualquer hora.

— Ainda não consigo acreditar que ele concordou com isso depois do que aconteceu entre vocês.

Eu estreito meus olhos. Brandi é a única – e quero dizer a *única* – que sabe sobre nossa história, e só porque, na época em que Reece e eu estávamos fazendo o que quer que estivéssemos fazendo, ela tinha quatorze anos contra meus dezoito, o que é simplesmente o mais irritante, idade curiosa na história do sexo feminino.

Embora eu suponha que, de certa forma, funcionou a meu favor que foi ela quem nos pegou nos beijando uma vez. Meu irmão teria batido em seu amigo. Meus pais teriam sido ... eu não sei ... eu acho que seus cérebros teriam explodiram.

Mas Brandi estava na nona série quando nos surpreendeu e, embora ela estivesse com os olhos arregalados e chocada, ela também estava totalmente ansiosa

para manter um segredo "apenas entre nós, irmãs". Tenho certeza de que o drama absoluto disso a alimentou durante a maior parte do ensino médio.

Seis anos depois, ela manteve meu segredo, embora eu quase deseje que não o tivesse feito. Talvez se a família soubesse quem e o que Reece realmente era, eles não teriam bolado esse plano ridículo.

— Você poderia ter me avisado, sabe? — Eu murmuro.

— Não houve tempo. Sinceramente, eu não sabia o que eles estavam planejando até o dia. Quer dizer, eu sabia que eles estavam entregando o carro a Reece, mas não sabia que ele estava indo para a Califórnia ou que seu carro tinha mordido a poeira.

— Bem, não é como se você precisasse de tempo suficiente para enviar um telegrama maldito. Uma mensagem rápida, 'Ei, irmã, mamãe e papai vão tentar enviar você e o maior idiota do planeta em uma expedição de duas semanas juntos' teria sido ótimo.

Brandi desvia o olhar e eu estreito meus olhos.

— Diga-me, — eu digo.

Ela encolhe os ombros e olha para trás. — Não sei, acho que só pensei ... talvez seja bom para vocês. Resolver as coisas. Nada tem sido o mesmo desde o que aconteceu com vocês dois.

Agora é a minha vez de desviar o olhar. Brandi sabe que Reece e eu estivemos juntos, mas não sabe por que terminamos. Essa é uma peça do quebra-cabeça que *ninguém* conhece.

Bem, Reece conhece. Vendo como ele era a causa disso.

— Só vai ser 'bom para nós'… — coloquei isso entre aspas no ar — … se um de nós acabar morto e essa pessoa for ele, — murmuro.

Brandi apenas olha para mim, seus olhos parecendo mais sábios do que parece justo para uma garota de 20 anos.

— Onde está todo mundo? — Eu pergunto, mudando de assunto antes que ela possa me psicanalisar do jeito que ela faz com todo mundo desde que partiu para a faculdade.

Brandi marca o ponto com os dedos. — Mamãe está na cozinha, empacotando uma caixa térmica para você e tentando não chorar. Papai está fingindo consertar a prateleira perfeitamente fina do banheiro, também tentando não chorar ...

— Oh garota, — eu murmuro em uma expiração.

Ela acena com a cabeça solenemente. — Você quebrou a família.

— Onde está Craig? Ele pode dizer algo estúpido e distrair os pais. Sua especialidade.

Ela encolhe os ombros. — Ele prometeu se despedir de você antes de ir para o trabalho, mas como ele está sempre atrasado, eu não ficaria surpresa se ele quisesse

dizer que iria passar por você na estrada e acenar. São todas as suas coisas ou há mais lá em cima que não vai caber?

Eu empurro Brandi para longe da minha mala e retomo a tentativa de enfiá-la no porta-malas. — Eu tenho mais uma mochila e minha bolsa para o laptop que precisa entrar lá em algum lugar.

— Vou pegá-las, — diz Brandi, quase correndo para a garagem.

Dois segundos depois, percebo por que ela estava tão ansiosa para ser útil.

— Legal da sua parte deixar espaço para minhas coisas.

Respiro fundo e me viro, irritada ao ver que Reece parece bem descansado, perfeitamente calmo, e nem um pouco exausto com o fato de que ele está prestes a se mudar para o outro lado do país.

Comigo.

Ele está vestindo jeans e uma camiseta branca, que devem ser enfadonhas, mas ficam incrivelmente bem nele. Ele ficou maior desde os dezenove anos e quero dizer isso da melhor maneira possível.

Reece sempre esteve em forma, graças aos esportes do colégio que ele nunca se importou, mas sempre foi bom.

Mas ele se enche ainda mais em todos os lugares certos: ombros largos, quadris e cintura estreitos, braços bronzeados e fortes. Há uma tatuagem desconhecida aparecendo na manga de seu braço direito, e meus dedos coçam para estender a mão e empurrar o algodão para ver o que é.

Uma vez, eu poderia ter. Uma vez, quando éramos melhores amigos. Uma vez, quando éramos muito mais do que amigos. Mas agora ... agora tenho certeza que sua pele iria me queimar. Brimstone e tudo isso.

— É só isso que você está trazendo? — Eu pergunto, meus olhos passando rapidamente sobre a mochila pendurada no ombro e a bolsa de lona aos seus pés.

— Uma coisa boa também, — ele diz, olhando para o porta-malas abarrotado.

— Estamos nos mudando, — eu digo, minha voz um pouco mais chorona do que eu gostaria que fosse. — *Devemos* trazer todas essas coisas.

— Sim, bem, nem todos nós que estamos nos mudando *temos tudo isso*, — diz ele, com uma voz rouca.

Eu imediatamente sinto a picada, extremamente aguda, porque suspeito que Reece está falando uma verdade simples, em vez de tentar me irritar.

Minha família não é rica. Nem mesmo perto. Somos da classe média no sentido mais sólido da palavra, e os presentes de Natal costumam vir de lojas de segunda mão.

Reece nem mesmo conseguiu isso.

O jantar pode nunca ter sido chique nas noites em que Reece comia com minha família (o que era frequente), mas o espaguete, ou o resto do frango, ou qualquer refeição pronta que estávamos tendo era mais do que seu pai ou irmã se lembrava de alimentar ele de volta para casa.

— Mova-se, — ele murmura, sacudindo o queixo para me afastar do caminho.

Eu não me movo, e nossos olhares se chocam, uma batalha silenciosa de vontades que ele vence apenas me acotovelando fisicamente para fora do caminho.

Sem outra palavra, ele começa a puxar tudo que coloquei no porta-malas.

— Ei! Eu preciso de tudo isso, — eu digo, desviando do saco de lixo cheio de roupas de cama.

— Bem, então cale a boca e deixe-me descobrir como encaixar tudo aqui, — diz ele, puxando uma mala enorme como se fosse nada.

A manga de sua camiseta sobe um pouco mais alto, me distraindo, mas não consigo ver o que é a tatuagem.

— Por que você concordou em fazer isso? — Eu pergunto, cedendo e ajudando-o a tirar o resto das minhas coisas embaladas ao acaso para fora do carro para que possamos recarregá-lo.

— Concordar com o quê?

Eu rolo meus olhos. — A viagem de carro.

— Bem, pelo que vejo, — diz ele, apoiando as mãos nos quadris enquanto examina as coisas que agora estão por toda a garagem, — você atrapalhou minha viagem. Seus pais me ofereceram o carro se eu pudesse consertá-lo e eu precisava de uma maneira de sair daqui. Não estava contando com você.

Eu mordo meu lábio, sentindo uma pequena pontada de culpa. Meus pais amam Reece, quase como um filho, mas me incomoda um pouco que eles não achem nada em empurrar sua filha para ele. Não foi *exatamente* renegar a promessa que fizeram a ele, mas é uma espécie de negócio ruim.

— Eu posso desistir, — eu digo baixinho. — Comprar uma passagem de avião.

Ele se abaixa, pegando a maior das caixas de papelão e facilmente colocando-a no porta-malas antes de manobrá-la em direção aos assentos que eu abaixei. — Você não veria seu namorado então.

Oscar. Certo.

É mais do que alarmante eu mal ter pensado nele nos dois dias desde que soube que Reece e eu faríamos essa viagem juntos. Caramba, em primeiro lugar, metade do motivo pelo qual eu queria fazer a viagem era para parar em Miami, e agora estou só ... não sei.

Eu disse a Oscar a boa notícia de que a viagem estava de volta, mas eu deliberadamente o enganei sobre o momento. Eu quero surpreendê-lo. Estou

planejando isso há semanas, embora em nenhum lugar em meus cenários imaginários de ver o rosto feliz e surpreso de Oscar estivesse Reece Sullivan espreitando ao fundo.

Reece pega a caixa perto dos meus pés, então me lança um olhar incrédulo enquanto administra o peso com facilidade. — O que diabos está aqui? Ar?

— Sim, coloquei muito ar lá dentro, Reece. Nunca se sabe quando você pode precisar disso.

Ele rasga a aba de cima e dá um grunhido de desgosto ao ver os travesseiros dentro. — Leve-os para fora.

— Eles foram caros. Plumas. Eles estão vindo.

— Seus travesseiros de *plumas* ainda podem vir, mas não há razão para que eles estejam na caixa. Podemos empurrá-los para as outras coisas.

— Você já pensou sobre os arranjos para dormir? — Eu deixo escapar, ignorando seu comando sobre os travesseiros, e observando enquanto ele continua a carregar o porta-malas, de alguma forma fazendo tudo caber muito melhor do que eu.

Ele não para, nem mesmo olha para mim, o que é um pouco insultuoso. — Quando planejei a viagem, economizei o suficiente para comprar motéis baratos. Estou supondo que você fez o mesmo.

Ele tem razão. Eu economizei, mas é um pouco chocante o jeito que ele nem parece brincar sobre nós economizarmos dinheiro e dividirmos um quarto.

Compartilhando uma cama.

Eu mordo meu lábio novamente. — Eu me sinto mal, sabendo que você provavelmente planejou passar algumas noites na estrada, e eu planejei por duas semanas.

— O que Lucy quer, Lucy consegue. Não é assim que funciona?

— Estou tentando ser decente aqui, Reece, — digo. — Estou dizendo que posso ajudar a pagar pelo seu quarto, algumas das noites, já que sei que é minha culpa que estamos prolongando.

Seu olhar azul é assassino quando ele olha para mim. — Eu não quero o seu dinheiro. Eu não quero nada de você. Faz muito tempo que não quero.

Meu próprio temperamento se rompe junto com o dele. — Sim, eu percebi isso. Porque o que eu estava dando, você poderia encontrar em alguma outra garota se quisesse, certo? Oh espere. Você *queria.*

Ele joga suas próprias coisas no porta-malas antes de fechar a escotilha do carro. — Vá dizer adeus à sua família. Vamos colocar esse pesadelo na estrada.

Certo. *Certo*. Porque o céu nos proíbe de adiarmos o inevitável de terminar o que começamos anos atrás: destruir um ao outro.

Capítulo 6

Reese

Craig Hawkins é meu melhor amigo desde que estávamos na quarta série.

Tudo começou assim.

Uma garota malvada chamada Katie ou Kelly ou Kimmy estava me dando uma merda pelo fato de minha mãe ter acidentalmente agarrado um dos Band-Aids My Little Pony da minha irmã Trish, em vez do Power Rangers que eu havia pedido, e depois bateu na minha testa como se não fosse arruinar minha masculinidade.

(Sim, isso foi quando o maior problema da minha vida era o padrão dos meus curativos, mas você ainda deve sentir pena de mim, porque a humilhação era real.)

De qualquer forma, Craig deu um passo à frente com uma arrogância impressionante para uma criança de nove anos e disse a Kelly ou Katie ou qualquer que seja o nome dela para parar com isso.

Eu retribuí o favor no dia seguinte, compartilhando um pouco do copo de manteiga de amendoim de chocolate que minha mãe tinha me mandado como um lanche, embora não devêssemos trazer lanches de amendoim, porque alguma criança provavelmente tinha alergia. (Provavelmente Katie / Kelly / Kimmy.)

De qualquer forma, uma amizade formada por band-aids e produtos de nozes aparentemente dura para sempre, porque somos melhores amigos desde então.

Eu faria qualquer coisa pelo cara.

Agora, aposto que esta é a parte em que você pensa que estou arrasado por ter traído a amizade dele por ficar com sua irmã mais nova, mas não é bem assim.

Quer dizer, não me entenda mal, não é como se ele *soubesse*. Pelo menos tenho certeza de que não. Mas também não é aquela história clichê do irmão mais velho em que Craig ameaçou castrar qualquer cara que ousasse dar uma olhada em sua irmã mais nova, me levando a esconder minha luxúria por anos, até que eu finalmente cedi, seduzi a irmã gostosa e agora passar minha vida me sentindo culpado.

Craig é um bom irmão mais velho, mas nunca foi do tipo superprotetor. Esse sempre foi meu show. Todo mundo sempre sabe que não gosta de foder com as garotas Hawkins, mas não porque Craig iria chutar a bunda delas – mas porque *eu* faria.

E sim, se aplica a ambas as garotas – eu mataria qualquer um que já tentasse machucar Lucy o*u* Brandi, mas na verdade Lucy sempre foi a única no meu radar.

No início, era uma questão de idade – Brandi é cinco anos mais nova do que eu, e é claro que eu cuidei dela quando pude, mas nossos caminhos nunca se cruzaram muito fora da casa dos Hawkins.

Lucy, porém, sendo apenas um ano mais nova, sempre esteve na minha visão periférica. Bem, nem sempre. Por um tempo, ela não foi periférica, tanto quanto tudo *que eu podia ver*.

Mas de qualquer maneira, eventualmente comecei a cuidar de Lucy, não apenas por causa da proximidade, mas também por causa da ... necessidade. Não que ela precisasse tanto de um guardião, já que sempre se sentiu como se fosse minha, e eu protejo o que é meu, sabe?

Merda, aonde eu queria chegar com isso?

Craig. Certo.

Embora Craig sempre fizesse os comentários necessários sobre dizer aos porcos no colégio para ficarem longe de sua irmã mais nova, ele nunca disse uma palavra para mim. Porque ele confiou em mim? Provavelmente.

Mas aqui está a coisa.

Ele *deveria* ter dito algo. Não o culpo pelo que aconteceu, obviamente, mas confesso que às vezes gostaria que, pelo menos uma vez, ele tivesse feito tudo de *Eu te amo como um irmão, mas toque na minha irmã e eu te mato.*

Eu teria ouvido. Talvez. *Talvez.*

Ele nunca fez isso – nunca disse uma palavra maldita.

Então, toquei na irmã dele, apesar do meu bom senso, e a coisa toda explodiu na minha cara como dinamite enfiado em um bolo de merda.

Cinquenta por cento culpa dela, cinquenta por cento minha.

Cem por cento devastador.

— Você está bem, cara?

— Sim. — Sou grato por meus óculos de sol, então Craig não pode ver a mentira em meus olhos.

— Agradecemos por você fazer isso, — diz ele, baixando a voz para que Lucy não possa nos ouvir. Não que haja muito risco disso. É difícil ouvir qualquer coisa além dos gemidos da Sra. Hawkins.

— Não tem problema.

Outra mentira. É um *grande* problema. Já é ruim ter que passar duas semanas com ela. Pior que seja em quartos tão próximos. Pior de tudo, temos que parar e ver a porra do *Oscar* sobre o que deve ser uma viagem para minha nova vida.

— Spock me mataria por dizer isso, mas estou um pouco aliviado porque o carro dela quebrou antes da viagem. Nenhum de nós pensou que aquele carro tivesse uma chance no inferno de sair da Virgínia, muito menos para a Califórnia.

— E você acha que Horny tem? — Eu digo, acenando com o queixo para o carro marrom – sim, marrom.

— Cinquenta-cinquenta, — Craig diz, batendo no teto do carro. — É estranho pensar que provavelmente será a última vez que verei o carro onde tirei minha primeira pontuação. Lembra da Amy Pearson?

Eu lembro. Seios pequenos, bunda grande, ruiva. Outras áreas vermelhas também.

(E não me olhe assim. Ela e Craig nunca foram sérios, e eu não percebi isso até um ano depois que ele ficou com ela.)

— Sim, eu me lembro, — eu digo.

Também me lembro que Lucy e eu ficamos no banco de trás desse carro também. Foi a primeira vez que passei por baixo da blusa dela, e juro por Deus que parecia a primeira vez que toquei um seio em vez da centésima. Foi assim com Lucy. Cada maldita coisa parecia a primeira vez.

E então parecia a última.

Merda.

Eu olho para o meu relógio e Craig percebe. — Sim. Isto já durou tempo suficiente. Mãe, — ele chama gentilmente para a mãe, que está dizendo a Lucy com voz aguada para mandar mensagens de hora em hora. — Eles precisam pegar a estrada.

— Claro que sim, — Delia Hawkins diz, enxugando as lágrimas. — Então você não dirige depois de escurecer! Você não vai dirigir depois de escurecer. Você vai? Reece?

— Não, senhora, — digo, indo abraçar a mulher que praticamente me criou.

— E *você* vai mandar mensagens de hora em hora também, certo? Mas não enquanto dirige. Cada parada. Eu quero saber tudo sobre esta viagem, vocês, crianças, vão ter o melhor tempo.

Eu a abraço com mais força e tento ignorar o silêncio amuado de Lucy atrás de mim. Não fizemos contato visual desde que a família dela se reuniu em volta do carro para se despedir.

Não desde que eu disse a ela que não queria nada dela. Porque as mentiras continuam vindo esta manhã, aparentemente.

O pai de Lucy me entrega um cartão Triplo A enquanto vou abraçá-lo. — Não é o presente de despedida mais glamoroso, — ele diz um pouco rispidamente enquanto bate nas minhas costas. — Mas vou me sentir melhor sabendo que você tem, se ficar preso em algum lugar.

— Ninguém nesta família acredita nas minhas habilidades mecânicas? — Eu pergunto com uma piscadela.

— Eu acredito, — Brandi diz, envolvendo seus braços magros em volta do meu pescoço e me dando um beijo estalado na bochecha. — E pelo que vale a pena, meu dinheiro está em você e Lucy se matando muito antes de o carro morrer.

Eu estreito meus olhos para ela, que ela não consegue ver através dos meus óculos de sol. Ou talvez ela possa ver, porque ela me dá um sorriso largo que é cheio de atrevimento de irmã mais nova. Isso é o que Brandi sempre foi. A irmã mais nova Lucy, deveria ter sido. Exceto onde meus sentimentos por uma irmã sempre foram estritamente fraternos, a outra ...

— Reece. Você vem, ou o quê? — Lucy diz.

Eu me viro para brigar com ela *que* não sou eu que estou latindo nos últimos vinte minutos, mas me distraio quando vejo que ela está perto da porta do motorista.

— Estou dirigindo, — declaro.

Ela enfia os óculos de sol na cabeça, empurrando o cabelo escuro para trás e me encara. — Esta é a minha viagem. Meu plano. Eu dirijo.

— Lucy … — sua mãe murmura.

Nós dois ignoramos Delia. — Claro, você pode dirigir — eu digo, dando a Lucy um sorriso fácil que faz seus olhos se estreitarem. — As chaves estão no bolso esquerdo da frente.

Seu olhar desce para a frente da minha calça jeans, apenas por um segundo, mas é o suficiente. Merda. Grande erro de julgamento de minha parte. Tudo o que preciso é ela olhar para o meu pau para lembrar como foi quando ela o tocou. Com as mãos, boca ...

Eu reprimo um gemido, não exatamente querendo deixar para seus pais que eu era o primeiro boquete da filha deles e que ela era muito boa nisso.

— Lucy, você está fazendo o cara dirigir por todo o maldito país, — Craig diz, vindo em meu socorro. — Ao menos deixe-o assumir o primeiro turno ao volante. Além disso, você está meio que quebrando o negócio dele. Ele pensou que pegaria Horny sozinho.

Eu nunca odiei o apelido deste carro estúpido tanto quanto agora, em à beira de uma ereção completa (trocadilho intencional), na frente dos meus pseudo-pais, tudo por causa da memória de uma garota da qual eu nem *gosto.*

Eu posso dizer pela expressão no rosto de Lucy que ela quer discutir, não porque ela realmente esteja morrendo de vontade de dirigir, mas porque ela me odeia demais para *me* deixar dirigir.

Mas ela não pode realmente ir lá sem sinalizar que ela e eu não nos distanciamos tanto nos últimos anos, como todo mundo supõe, ao menos colidimos e, então, deliberadamente desviámos o curso.

Inferno, eu não ficaria surpreso se seus pais estivessem realmente casando com esse esquema deles. Não no sentido romântico – mas os dois mencionaram ocasionalmente que é uma pena que nós dois não somos tão próximos como costumávamos ser.

Lucy e eu felizmente os deixamos acreditar que é devido às circunstâncias – eu cuidando de Pops, ela assumindo o controle do mundo da hospitalidade ou algo assim.

A maneira como ela me dá um último olhar antes de sacudir o dedo para bater os óculos de sol sobre os olhos me diz que ela pretende manter seus pais no escuro, mesmo que ela gostaria de nada mais do que ficar cara a cara comigo agora mesmo.

Mas a maneira como ela rosna "Idiota" baixinho enquanto passamos, contornando a parte de trás do carro, me deixa saber que vamos ficar frente a frente mais tarde.

Enquanto Lucy dá a seus pais e irmã uma última rodada de abraços, eu abraço Craig, um pouco surpreso por sentir uma pontada de arrependimento quando ele bate nas minhas costas uma vez, e depois de novo, como se não estivesse totalmente pronto para me soltar.

Tenho me empenhado tanto em sair desta cidade, começar de novo onde não sou o *pobre garoto que perdeu a mãe*, que mais tarde seria definido como *o garoto ranzinza com tal atitude.*

Mas eu percebo agora que, por mais merda que eu esteja deixando para trás, há coisas boas também, e todas estão bem aqui nesta entrada de automóveis.

— Até mais, cara, — Craig diz.

Sua voz parece um pouco mais rouca do que o normal, e eu aceno, de repente muito feliz por estarmos os dois usando óculos escuros.

— Fale logo, — eu digo.

Ele acena com a cabeça, em seguida, empurra o queixo em direção a Lucy. — Cuide dela. Acho que não preciso te dizer isso. Você sempre foi melhor nisso do que eu.

Eu fico imóvel, esperando por qualquer indício de que ele sabe o que está acontecendo entre nós, mas ele soa muito sério, como se ele realmente pensasse que eu sou a melhor pessoa para cuidar do ciclone que é Lucy.

Sua confiança me rasga um pouco, mas, em vez disso, aceno com a cabeça e digo a única coisa que posso. — Eu irei. Sempre.

A cabeça de Craig vira ligeiramente, verificando se sua irmã ainda está sendo atacada por sua mãe, e então se aproxima. — Veja esse personagem do Oscar. Nenhum de nós gosta dele.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Pensei que nenhum de vocês o tivesse conhecido.

— Exatamente.

Com aquele pouco de inutilidade, Craig me mostra seu velho sorriso familiar e dá um tapa no capô do carro em uma despedida final com um "Cuidado, cara", antes de contornar o carro para forçar a manobra de Lucy para longe de seus pais, dando-

lhe um abraço e, em seguida, não muito gentilmente, empurrando-a para o banco do passageiro.

Eu respiro fundo. Cá vai disto.

Eu levanto minha mão mais uma vez, gesticulando adeus para a família que tem sido praticamente minha, a casa onde eu passei mais do que alguns feriados, e em meio a um refrão de "Dirija com cuidado, ligue sempre", eu entro no carro ao lado da garota que uma vez quase me matou.

Há um momento de silêncio quase sufocante e me pergunto se sou capaz de sobreviver nas próximas duas semanas.

Então Lucy abaixa a janela, e a pressão diminui, mas apenas por um minuto, porque ela manobra metade de seu corpo para fora da janela para acenar adeus a sua família com os dois braços, e a posição me dá uma visão privilegiada de sua bunda em seu short minúsculo.

Sim. Sem chance de nós dois sobrevivermos essas duas semanas vivos.

Capítulo 7

LUCY, DEZESSEIS, REECE, DEZESSETE

— Droga, Lucy, você está me dando uma chicotada, — disse ele, esfregando o pescoço antes de se virar para olhar para ela.

— Não é minha culpa que Horny é mais velho que a Constituição dos EUA.

Ele riu. — Isso é específico.

— Eu fiz um teste de História dos EUA hoje, — ela murmurou enquanto mexia nos controles, tentando encontrar os limpadores de para-brisa.

— Você acabou de ligar os máximos.

Lucy suspirou e deixou as mãos pousarem no colo. — Não sei por que você concordou em me ensinar a dirigir quando obviamente não quer estar aqui.

— Porque seus pais sabem que você não os escuta, e eu perdi uma aposta com seu irmão. Além disso, eu sou o único com as chaves desta parte da propriedade do Sr. Jensen onde não há nada além de sujeira e ervas daninhas para você destruir.

Lucy bateu os dedos no volante. — É aqui que você aprendeu a dirigir? — ela perguntou, olhando ao redor para o grande nada que fazia parte da propriedade vinícola onde Reece trabalhava.

— Sim.

— Quem te ensinou, seu Pai?

Ele desviou o olhar. — Nah.

— Trish?

Ele bufou. — Isso teria sido antes ou depois de ela partir para Las Vegas sem sequer um bilhete de despedida?

Lucy engoliu em seco, irritada consigo mesma por trazer sua irmã abandonadora e seu pai que mal registrou que ele tinha um filho.

— Desculpe, — ela disse suavemente.

Ele baixou a cabeça para trás contra o encosto de cabeça. — Não se preocupe com isso. E para responder à sua pergunta, foi seu pai quem me ensinou.

Ela não pôde evitar o riso. — Eu amo que ele ensinou vocês, *mas não a mim.*

— Talvez ele soubesse que eu iria ouvi-lo. — Reece virou a cabeça e sorriu para ela e, por um momento irritante, Lucy prendeu a respiração.

Ele era tão bonito que ela não conseguia suportar às vezes. Não importa o quanto ela tentasse se lembrar que ele era Reece, estava ficando cada vez mais difícil pensar nele como uma figura de irmão.

Especialmente quando ele estava tão perto e não havia ninguém por perto. Seus olhares se encontraram e se prenderam, e sua mente voou de volta para o primeiro beijo. Ela pensou nisso muito mais do que deveria.

Ela teve alguns beijos desde então, mas Reece mentiu quando disse que os beijos melhoravam depois do primeiro.

Nada tinha chegado perto daquele dia em seu quarto.

— Estamos bem por hoje? — ele perguntou, quebrando o momento. Se fosse um momento.

Ela riu. — Bem, vamos ver, eu aprendi a diferença entre o pedal do acelerador e o freio, e ... bem, é sobre isso.

— E o pisca, — disse ele, levantando um dedo. — Sou um ótimo professor, Luce.

— Uh-huh. Eu realmente *devo a você pelos dez minutos que você tirou de sua agenda lotada de futebol e apalpando Abby Mancuso.*

Ele deu uma risada assustada. — Craig está me delatando.

Ela forçou um sorriso. — Ele não precisa. Eu tenho olhos, e vocês ficam um sobre o outro entre as aulas.

— Cuidado, — disse ele, enquanto tirava o telefone do bolso e folheava as ligações perdidas. — Você quase parece com ciúmes.

Ela desviou o olhar e não disse nada para que ele não soubesse o quão certo ele estava.

Reece abriu a porta do carro da família e saiu. — Chave. Eu vou te levar para casa.

Lucy relutantemente voltou para o lado do passageiro, sabendo que isso significava o fim de seu tempo juntos. Parecia que quanto mais velhos ficavam, mais ocupados ficavam, e ela quase não o via mais.

Exceto na escola, e ela falava sério quando disse que a boca dele sempre estava fundida com a cabeça da chefe da equipe de debate. Uma loira bonita e inteligente chamada Abby, que fez Lucy se sentir uma líder de torcida estúpida em comparação.

Provavelmente porque ela foi *uma líder de torcida estúpida. E presidente do corpo discente, e querida do teatro, e capitão de corrida, e quase todas as outras atividades que ela pensou que ficariam bem em sua inscrição para a faculdade, visto que suas notas eram boas, mas não ótimas.*

No caminho de volta para sua casa, Lucy se forçou a manter as coisas leves enquanto eles discutiam e brincavam de um lado para outro da maneira que havia se tornado sua coisa *nos últimos meses.*

Eles ainda eram amigos, mas havia uma borda quase inimiga em suas conversas agora. Quase como se aquele beijo um ano antes os tivesse feito perceber que eles não eram realmente irmão e irmã, e agora eles colocaram paredes como podiam.

Poucos minutos depois, Reece puxou Horny para a garagem dos Hawkins antes de puxar as chaves do carro de seu pai do bolso e dirigir-se para a garagem. — Diga a seus pais Ei, — ele disse, a atenção ainda presa em seu telefone.

— Claro, — disse ela, levantando a mão em um aceno manco que ele nem mesmo viu.

Ela estava voltando para a garagem quando ele chamou seu nome.

Lucy se virou.

— Mesma hora amanhã? — ele perguntou com um sorriso, colocando o telefone de volta no bolso.

Lucy sorriu de volta e acenou com a cabeça, esperando como o inferno que ele nunca descobrisse o quanto vê-lo se tornou o ponto alto de sua semana.

O ponto alto de tudo.

Capítulo 8

Lucy

Parece que foram cerca de onze horas de um silêncio sufocante e constrangedor antes de eu registrar que ainda nem chegamos à rodovia.

Eu olho para o relógio do painel, um pouco surpresa ao perceber que Reece o fez funcionar novamente.

Já se passaram três minutos desde que saímos da minha garagem.

Três minutos desde que deixei minha antiga vida para trás para embarcar na minha nova com ... ele.

Posso odiar o cara ao meu lado com o tipo de aversão devastadora que só uma mulher desprezada é capaz, mas odeio silêncios constrangedores quase tanto, e minha boca gorda se abre antes que eu possa impedir.

— Assim. Como você tem estado?

Reece bufa e nem mesmo olha para cima quando liga seu pisca-pisca e puxa para a pista de conversão para a rampa de acesso. — Mesmo? Estamos fazendo isso?

— Bem, qual era exatamente o seu plano? Para não falarmos um com o outro por duas semanas?

— Na verdade não. — Seus polegares tamborilam contra o volante. — Meu plano era fazer esta viagem sozinho em cerca de cinco dias, me estabelecer em meu novo emprego em Sonoma e permanecer felizmente sem saber que você estava indo nessa mesma direção.

Eu olho para isso, um pouco descrente. — Oh vamos lá. Você sabe que a região vinícola da Califórnia sempre foi meu sonho. Não ocorreu a você que eu poderia estar lá?

Ele encolhe os ombros e olha pela janela. — É um lugar grande o suficiente. Tenho certeza de que poderíamos ter passado muito tempo sem nos vermos. Você de um lado do negócio, eu do outro.

Eu me arrepio um pouco. Eu não iria tão longe a ponto de dizer que há tensão entre os vinicultores e as pessoas que vendem o vinho, mas não é incomum para os vinicultores subirem em seus cavalos, porque são eles que realmente estão lidando com as uvas.

E não é que eu não os admire. Tendo crescido numa região vinícola, ainda que nova e emergente, compreendo a importância de todo o processo de vinificação, do solo às vinhas, do esmagamento aos cascos. Eu entendo tudo isso. Eu fui criada nisso.

Mas eu me ressinto da implicação sutil de que só porque minha paixão é educar outras pessoas sobre isso – mostrando a eles o quão mágico o vinho pode ser, com o queijo certo ou a configuração certa – eu sou de alguma forma uma falante insignificante.

Era uma vez, Reece entendeu isso. Na época em que nos sentávamos acordados até tarde da noite, minha cabeça em seu ombro, seus dedos emaranhados em meu cabelo, ele ouvia enquanto eu falava sobre começar minha própria vinícola. Virgínia, Califórnia, Argentina, Austrália, não importava. E embora ele nunca tenha dito uma palavra sobre seus próprios sonhos, eu secretamente sempre pensei que íamos fazer isso juntos – um pequeno vinhedo boutique com vinho que era premiado e acessível / apropriado.

Eu viro minha cabeça e olho pela janela. Isso foi há muito tempo atrás.

Quando ele entra na rodovia, tardiamente me ocorre que, com ele ao volante, ele poderia facilmente ignorar minha rota e dirigir direto para a Califórnia, como era seu plano original.

Eu alcanço o banco de trás e procuro ao redor até que eu apareço com o diário azul onde eu cuidadosamente planejei a viagem, com instruções de direção, opções de motel e um lugar para anotar pensamentos sobre todas as diferentes paradas.

Ele está indo para o sul, pelo menos. Isso é um começo.

Reece olha rapidamente para o meu caderno enquanto eu aliso minha mão sobre a página onde escrevi o *Dia Um* em letras encaracoladas no topo, seguido pelas instruções.

— Você sabe que eles têm GPS para isso, certo? — ele pergunta.

Eu encolho os ombros. — Sim. Vou usar isso se nos perdermos. Mas mastiga os dados do meu telefone e não quero pagar o extra se ultrapassar a minha mesada.

Ele não responde, provavelmente porque ele não pode transformar minha declaração em uma briga.

— Achei que poderíamos parar em Wilmington esta noite. Carolina do Norte, — eu continuo.

— Eu sei onde Wilmington fica, Luce. E porquê? Podemos facilmente chegar a Miami em um dia.

Eu cerrei meus dentes, odiando que ele estivesse falando mal de mim, como se eu não tivesse me preocupado em olhar a distância da Virgínia à Flórida. Ele nunca costumava fazer isso. É uma das coisas que eu mais adorava nele (além de seus olhos, sorriso, mãos, risada, etc.) – o jeito que ele não me tratava como se eu fosse jovem e estúpida como Craig costumava fazer. Reece sempre me tratou como se fôssemos iguais, como se eu fosse tão inteligente quanto ele, apesar de ter nascido um ano depois.

Isso acabou, aparentemente.

— Eu sei que *podemos* fazer isso, — eu digo. — Mas o objetivo desta viagem não é fazer o que queremos?

— O que *você* quer dizer.

— Bem, droga, Reece, eu não chamei você de nada. Você teve uma saída e não a aceitou.

— Eu não vi *você* a recusar educadamente.

Eu abro minha boca, em seguida, fecho-a, porque ele está certo. Faz dois dias que estou zangada, chateada por ele nos ter metido nisso, mas a verdade é que não tive de concordar com isso só porque ele concordou.

A verdade é…

Eu não sei a verdade. A verdade é que estou confusa. E talvez a verdade é que estou um pouco curiosa para saber por que ele disse sim. Ainda mais curiosa para saber por que eu não lutei contra isso.

O homem partiu meu coração. Eu deveria manter distância, e ainda ... aqui estamos.

— O que há em Wilmington? — ele pergunta, depois de mais alguns momentos tensos de silêncio. — Outro namorado?

— Sim, *outro* namorado, — eu respondo maliciosamente. — Eu não mencionei isso? Eu tenho quatro.

Ele muda de faixa. — Difícil de fazer malabarismos?

— Nem um pouco, — eu digo docemente. — Veja, eu apenas observei a maneira como *você* tentou fazer malabarismos com várias namoradas e falhou, e então fiz exatamente o oposto.

Ele olha para mim então, um sorriso zombeteiro no rosto. — Oh, querida. Quando eu te reivindiquei como minha namorada?

Eu respiro rapidamente, porque é uma das coisas mais dolorosas que ele pode dizer – Descartando aquele verão como se não fosse nada.

E talvez ele saiba que foi longe demais, porque há algo como arrependimento que pisca em seus olhos azuis antes que ele olhe de volta para a estrada.

Eu engulo o nó na garganta e passo a mão trêmula sobre o caderno mais uma vez. — Vamos pegar a 64 para a I-95 South, — digo, aliviada por minha voz não vacilar.

Com o canto do olho, eu o vejo acenar com a cabeça uma vez antes de estender a mão e ligar o rádio.

É rock. Merda dos anos oitenta que odeio, mas é melhor do que silêncio. E é definitivamente melhor do que falar.

Viro minha cabeça para olhar pela janela e tento me concentrar em Oscar – tento imaginar como será quando eu o surpreender. Veja, eu conheço Oscar. Se ele souber que estou indo, ficará todo nervoso, deixará os funcionários do restaurante muito empolgados e nervosos também. Quero ver seu novo restaurante como em qualquer dia. Eu quero vê-lo em seu elemento.

Então, sim, ele ficará surpreso, mas não irritado. Oscar é tranquilo, lindo e adora rir. Ao contrário do cara ao meu lado, que nunca teve nada fácil na vida e parece que não ri há meses.

Ele provavelmente não tem.

Então me ocorre que há algo que eu não disse, algo que preciso dizer – mesmo quando estou sentada aqui odiando-o.

— Como você está, de verdade? — Eu pergunto. — Eu realmente sinto muito pelo seu pai.

As palavras saem como um sussurro, e no começo acho que ele não me ouve, porque ele não responde.

Está bem então. Acho que não vamos falar sobre aquele dia.

Então me lembro com quem estou lidando. Reece Sullivan pega todas e quaisquer emoções e as enterra profundamente. Qualquer tipo de gesto gentil provavelmente será ignorado ou, pior, usado como arma.

Tudo bem então. Eu ataco com o único recurso que tenho no momento, ligando o rádio para country.

Reece *odeia* country.

Eu aumentei.

É uma música clássica de Jenny Dawson. "Heartbreaker."

Perfeito. Absolutamente perfeito.

Capítulo 9

LUCY, VINTE E QUATRO, REECE, VINTE E CINCO

Lucy entrou nervosamente na pequena funerária; por um segundo ela pensou que estava no lugar errado.

Um rápido olhar para a direita mostrou a placa modesta e manuscrita dizendo às pessoas por que estavam aqui.

Lugar certo.

Mas tão poucas pessoas.

Seu peito doía.

Ninguém se virou para olhar para ela quando ela entrou, todos perdidos na tristeza da ocasião.

Ela avistou as costas de quatro cabeças, todas em uma fileira, todas familiares. Lucy mordeu o lábio, percebendo tardiamente que deveria ter contado a eles que estava chegando.

Não que eles ficassem tristes em vê-la, mas não era hora nem lugar para surpresas.

Não era como se ela quisesse fazer uma grande entrada ou algo assim, é só ... sua família nem tinha perguntado se ela estava vindo. Como se não tivesse ocorrido a eles que ela arranjaria tempo.

A compreensão foi mais chocante do que ela queria admitir, até para si mesma. Então, novamente, não é como se ela tivesse dado motivos para pensar o contrário.

Ela certamente não tinha dado a ele *razão para pensar o contrário.*

Lucy chegou até a fileira de cadeiras onde sua família estava sentada. O pai dela estava no fim, olhando para ela distraidamente, então olhando duas vezes quando a reconheceu.

Sua mãe e irmãos fizeram o mesmo, sorrisos misturados com a tristeza em seus olhos.

Ela tocou o ombro do pai, com a intenção de passar por ele para ir se sentar na cadeira vazia ao lado de Brandi, mas mesmo quando ela começou a se mover naquele direção, seus olhos esquadrinharam a sala para a razão pela qual ela veio.

Ele estava sozinho.

Por que não havia ninguém com ele?

Reece se sentou sozinho na primeira fila, assentos vazios de cada lado dele. Um casal mais velho estava sentado atrás dele – sua tia e seu tio, se ela estava se lembrando corretamente – mas ela nunca tinha visto alguém tão completamente sozinho.

A mãe de Lucy leu seus pensamentos. — Ele queria um pouco de espaço, — ela sussurrou baixinho.

Besteira, *Lucy pensou.*

Não que ela dissesse isso para sua mãe. Mas por que todos insistem em acreditar em Reece quando ele mostra sua coragem?

Por que ninguém viu que eu quero ficar sozinho *era seu código para deixar todos fora do gancho? Por que ninguém entendeu que ele não* queria *estar sozinho, ele apenas esperava isso?*

Ele não gostaria de vê-la. Ela sabia disso.

Caramba, ela não tinha certeza se queria vê-lo. Não depois de tudo que havia acontecido entre eles.

A última vez que se falaram foi há mais de um ano, em um terrível jantar de Ação de Graças, onde os dois deram um show doloroso para a família dela, fingindo que não haviam partido o coração um do outro.

Não, risque isso. Foi o coração dela que se partiu. Ela não tinha certeza se ele tinha um onde ela estava preocupada.

Mas isso não mudou o fato de que o pai de Reece tinha acabado de morrer, e ele estava sozinho.

Antes que ela pudesse pensar melhor sobre isso, ela se moveu em direção a ele, examinando a sala enquanto o fazia.

Havia menos de trinta pessoas presentes no funeral de Jeff Sullivan.

Não é surpreendente, talvez, visto que o homem havia se isolado por anos, mesmo antes de o câncer cobrar seu preço.

O que foi *surpreendente era que sua própria filha ainda não tinha aparecido.*

Ou talvez não. Trish Sullivan não olhou para trás quando fugiu de sua família uma década atrás. Lucy não ficou tão chocada que, aparentemente, nem mesmo os funerais valiam a pena.

Ela não culpou Trish por precisar de alguma distância quando sua mãe morreu e seu pai se transformou em um zumbi. Lucy fez *culpá-la por deixar seu irmão muito mais novo para se defender sozinho.*

Não importa. Isto não era sobre Trish.

Isto era sobre Reece.

Lucy engoliu em seco ao chegar à primeira fila e, antes que perdesse a coragem, foi direto para ele, sentando-se na cadeira à sua esquerda.

Ele olhou para ela em estado de choque.

Reece abriu a boca, e ela se preparou para ele dizer a ela para dar o fora daqui, mas antes que ele pudesse falar, houve um pigarro na frente da sala, e um pastor subiu ao pequeno pódio ao lado do caixão de Jeff Sullivan e começou seus comentários de abertura sombrios.

— Só até que acabe, — Lucy disse baixinho. — Então, você nunca mais terá que me ver de novo.

Reece brincava com um pedaço de papel amassado nas mãos. Parecia que tinha sido dobrado e desdobrado um milhão de vezes.

Um elogio, ela percebeu.

Seus olhos lacrimejados. Pobre Reece.

Ele não se moveu o tempo todo. Não até que ele brevemente deixou seu assento para se levantar e fazer um pequeno elogio sombrio sobre seu falecido pai.

Quando ele voltou para seu assento, Lucy examinou brevemente seu rosto. Não havia nenhum traço de lágrimas, e isso de alguma forma tornou tudo ainda mais triste.

Sem pensar, ela deslizou a mão na dele. A primeira vez que ela o tocou em seis anos.

Ele enrijeceu, e ela se preparou para ele se livrar dela.

Em vez disso, seus dedos se separaram muito lentamente até que estivessem palma com palma. Então ele entrelaçou seus dedos com os dela e apertou com força. Os olhos de Lucy lacrimejaram e ela não tinha certeza se era pela pressão de seu aperto ou pela dor que sentia vindo dele em ondas.

Reece não tinha ninguém agora.

Uma vez, ele pode tê-la tido, mas aquele navio navegou da maneira mais dolorosa possível.

Fiel à sua promessa, ela partiu após o fim do funeral.

Tudo sem Reece Sullivan dizer uma única palavra à mulher que um dia o amou de todo o coração.

Capítulo 10

Reese

O motel para o qual Lucy nos direciona é tão ruim quanto eu esperava, dado o preço. A "piscina" parece um aspirante a esgoto, e o telhado está a uma tempestade tropical de desabar.

Mas ela me disse que é "perto do rio", seja lá o que isso signifique.

Eu entro no estacionamento e desligo a ignição, o silêncio é a primeira pausa que tivemos em horas de uma guerra de rádio em curso. Aumentar o volume toda vez que mudávamos a estação não era exatamente maduro, mas caramba, se não era bom.

O silêncio agora é ensurdecedor, porém, e quando eu olho em direção à placa de check-in torta, a estranheza da situação me atinge.

Aqui estão dois jovens razoavelmente atraentes fazendo check-in em um motel às quatro horas de uma tarde úmida, com ... quartos separados.

Talvez quem está trabalhando na recepção vai assumir que somos irmãos.

Dou uma olhada furtiva na longa extensão da coxa magra de Lucy saindo de seu shortinho.

Não. Não irmãos.

Eu empurro a porta do carro antes de fazer algo estúpido como babar ou tatear. Eu piso na calçada e me espreguiço. Realmente não preciso me alongar. A viagem durou apenas algumas horas, o que é uma merda, considerando que poderíamos ter ido muito mais longe.

E ainda, enquanto inalo, tentando limpar minha cabeça de Lucy, admito que talvez ela esteja no caminho certo com seu pequeno plano, porque há algo estranhamente bom em parar só porque podemos. Algo indulgente sobre passar um tempo em um lugar que não exige trabalho ou lavanderia ou ter seu coração partido por pessoas morrendo e morenas bonitas indo embora.

Percebendo que Lucy ainda não saiu do carro, coloco a palma da mão no topo do Horny e me inclino para ver o que está acontecendo.

Ela está rabiscando naquele caderno idiota, o lábio inferior desenhado entre os dentes enquanto escreve.

— Cara. O que são você está fazendo?

Ela não para de escrever.

— Olá? Esquisita, está quente. Vamos lá.

Ela fecha a caneta e lê o que acabou de escrever. — E então, depois de não falar por mais de trezentas milhas, suas primeiras palavras são *cara* e *esquisita*. Não estou mais intrigada com o porquê de ele não ter namorada ...

Eu rolo meus olhos e bato a porta do lado do motorista em sua frase, e a porta do passageiro se abre um segundo depois.

Ela se alonga como eu, inspira como eu também, antes de sorrir. — Isto é o que eu queria.

Minhas sobrancelhas levantam. — Isto? Um motel de uma estrela à beira da estrada com mais baratas do que hóspedes?

— Relaxa, vovô. Estamos de férias.

— Sim, não é isso, — murmuro, enquanto a sigo em direção ao balcão de check-in.

O cara de trinta e poucos anos com um cavanhaque desgrenhado não dá a mínima se queremos um ou quatro quartos, embora ele nos dê quartos vizinhos sem que tenhamos que pedir.

Estou aliviado. Por mais tortura que seja dividir a parede com ela, não adoro o quão isolado o motel é, e aposto que as fechaduras das portas não resistiriam a um peido forte.

O cartão AAA que o pai dela me deu torna a taxa já barata ainda mais barata, e estou um pouco aliviado em perceber que se continuarmos encontrando lugares baratos e ruins como este, não terei que gastar tanto de minhas economias durante esses duas semanas como eu pensava. A última coisa de que preciso é ficar tentado a dividir um quarto para economizar dinheiro.

Com as chaves na mão, voltamos para o Horny para pegar nossas malas. Eu abro o porta-malas, pegando a mochila onde arrumei roupas e escova de dentes e outras coisas, e espero ela pegar uma de suas novecentas sacolas.

Eu olho impaciente quando a vejo simplesmente examinando o conteúdo. — Não acho que este lugar tenha um carregador, Hawkins.

Ela franze os lábios. — Tentando descobrir em quais bolsas eu coloco quais coisas.

Eu resmungo de frustração. — Você não fez uma bolsa de viagem?

Ela ri. — Uma bolsa de *viagem*? Acalme-se, Bourne.

— Você está me dizendo que tem um diário de viagem com adesivos idiotas, mas não uma bolsa de viagem?

Ela coça a têmpora. — Oops?

— Inacreditável, — murmuro, empurrando minha própria bolsa para ela. — Quê? Vou trazê-los hoje à noite, mas depois você reembala tudo em uma.

Com o canto do olho, vejo sua saudação zombeteira e, cinco minutos depois, estou puxando três bolsas volumosas, duas delas cor-de-rosa, em direção aos nossos quartos.

Lucy destranca a porta primeiro, e ela abre com um rangido cansado. Eu a sigo para dentro do quarto, não tão surpreso com o leve cheiro de mofo, nem com a colcha horrível.

Deixo cair suas malas sem cerimônia na cama, com a intenção de pegar minha própria bolsa e dar o fora daqui, seja para um banho ou uma cerveja, ainda não decidi.

Eu paro quando vejo sua expressão.

— Vamos, — digo, tirando a alça da minha bolsa de seu ombro magro, tentando ignorar o fato de que posso sentir o calor de sua pele mesmo através de sua camiseta. — Certamente, a cinquenta dólares por noite, você não esperava nada mais.

— Não, — ela diz com um sorrisinho alegre. — É só que ... algum dia, Reece. Algum dia …

Eu endureço, congelando por uma fração de segundo enquanto coloco minha bolsa sobre meu próprio ombro. Algum dia. É tão *ela*.

Ela sempre foi mais obcecada com algum dia do que hoje.

É um jogo que ela adorava, começando quando éramos crianças, revezando-se com sonhos distantes.

Algum dia, vou tirar meu aparelho.

Algum dia, terei meu primeiro beijo.

Algum dia, contarei a minha família sobre nós.

Algum dia, faremos isto em uma cama maior.

Algum dia, serei a queridinha de Napa.

— Algum dia o quê? — Eu estalo, me perguntando o quão maiores e mais precoces seus sonhos se tornaram.

— Algum dia, deixaremos a Mercedes no manobrista de um resort quatro estrelas, com balas de menta no travesseiro e champanhe gelado.

Lucy sorri para mim, um pouco tímida e muito feliz, seu rosto tão esperançoso que parece um chute no saco.

— Como eu pensei, — eu estalo. — Você é mais esnobe agora do que era aos dezoito.

Eu passo por ela, empurrando a frágil porta aberta.

— Reece? — sua voz é hesitante, um pouco magoada.

Eu volto, encontro os olhos dela. — Você conhece a maior falha em seu último cenário de algum dia? — Eu pergunto, deixando um sorriso de escárnio enrolar meu

lábio. — Pode haver um hotel chique em seu futuro, talvez até mesmo o Mercedes, mas com certeza não há, e nunca haverá, um nós.

Saio para o sol brilhante, sem esperar por uma resposta quando bato a porta atrás de mim.

Porque se importar?

Quaisquer coisas que precisemos dizer um ao outro não importam mais.

Capítulo 11

LUCY, NOVE, REECE, DEZ

— Isso é estúpido. Eu quero jogar beisebol.

— Você não pode, — Lucy disse ao irmão enquanto ajustava o guardanapo sobre a cabeça. — Mamãe disse que você tem que brincar comigo e com a Brandi, já que é o aniversário dela.

Brandi, de cinco anos, assentiu. — E eu quero brincar de casamento.

Craig, de dez anos, suspirou com a exasperação do irmão mais velho. — Se você vai brincar de casamento, não deveria querer ser a noiva?

Brandi fez uma careta para ele de onde ela estava em cima de um refrigerador surrado para trazê-la às alturas de seus companheiros. — A noiva é chata. Eu quero ser o pastor.

— Tudo bem, — disse Craig, chutando um tufo de grama. — Mas por que eu tenho que ser o porteiro?

— Bem, você não pode ser o noivo, porque Spock é a noiva, e irmãs não podem se casar com irmãos, — disse Brandi com uma lógica infantil impecável.

Craig fez uma careta para Lucy, como se fosse sua culpa, e ela apenas encolheu os ombros. — Ela tem razão.

— Podemos, hum, apenas acabar com isto? — Reece Sullivan perguntou, puxando uma velha gravata-borboleta vermelha que Lucy e Brandi haviam roubado do armário de seu pai.

Brandi deu a ele um olhar curioso, seu rabo de cavalo torto tocando seu ombro enquanto ela o estudava. — Você não quer ser o noivo?

Reece fez uma careta. — Eu não quero me casar. Jamais.

O rosto de Brandi ficou vermelho, o sinal certo de um ataque de raiva total, e Lucy correu para apaziguar a aniversariante.

— Vamos, rapazes, vamos acabar logo com isto. Seremos rápidos e isso deixará Brandi feliz.

— Como é que você não está mais irritada? — Craig perguntou, dando a Lucy um olhar suspeito. — Você deveria andar de bicicleta com Robin.

— Eu queria fazer algo de bom para minha irmã, — disse Lucy com um sorriso sereno.

Craig revirou os olhos e Brandi sorriu, ambos aceitando a resposta pelo valor facial.

Enquanto Reece e Lucy estavam diante do "Reverendo Brandi" e fingiam trocar votos, ela deu uma olhada em Reece e o viu lançando-lhe um olhar astuto.

Ela quebrou o contato visual e mordeu o lábio, perguntando-se se ele sabia.

Imaginando se ele sabia tão bem quanto ela, que algum dia ... Eles trocariam votos de verdade.

Capítulo 12

Lucy

Quando planejei esta viagem, pensei que faria isso sozinha – e pensei que tinha me preparado para um pequeno golpe de solidão de rolar por uma cidade estranha sozinha.

Mas, sentada aqui no lindo restaurante de Wilmington que marquei semanas atrás, percebo que há algo pior do que viajar sozinha.

É *pior* viajar com alguém que absolutamente te despreza. Estar sentada sozinha em uma mesa de quatro lugares, não por causa das circunstâncias, mas porque seu companheiro de viagem não suporta ver você.

Suponho que não seja justo. O ódio é mútuo. E tenho quase certeza de que o odeio pelo que ele fez, mais do que ele me odeia. O que levanta a questão. Por que ele me odeia?

Nunca entendi bem essa parte.

Ele é aquele que estragou tudo.

Ele é quem estava beijando outra garota poucas horas depois de entrar nas minhas calças pela primeira vez.

Eu: a injustiçada.

Ele: o errado.

Mas não tinha sentido assim no motel esta tarde. Parecia que *ele me* odiava.

Tomo um gole do meu chardonnay melhor-do-que-o-esperado e me chuto mentalmente por ter ido *lá* com ele hoje. O estúpido jogo Algum dia tinha acabado de sair da minha língua. Aparentemente, os últimos seis anos de desgosto não foram suficientes para apagar os dez que vieram antes disso. A década da minha vida em que Reece não era apenas uma parte da minha vida, ele era a minha vida. Meu tudo.

O garçom se aproxima, pergunta se eu quero outra taça de vinho, e bem, que diabos, claro que eu quero. O restaurante fica a uma curta caminhada do motel; Eu posso tropeçar para o motel se necessário.

Eu parei de pedir minha comida, imaginando que eu poderia muito bem esticar o jantar, já que não estou exatamente morrendo de vontade de voltar para o motel nojento. Além disso, posso dormir um pouco amanhã, começar mais tarde. Nossa próxima parada é Savannah, que dificilmente é uma viagem estafante de vários dias de Wilmington.

Respiro fundo e tento me acalmar. E mesmo quando me ordeno a não fazer isso, pego meu celular, que coloquei propositalmente de bruços sobre a mesa para não olhar as mensagens que chegam.

Ou melhor, as mensagens que *não* chegam.

Estou tentando muito não me preocupar com o silêncio de Oscar. Meu namorado tem um novo restaurante – eu, de todas as pessoas, sei quanto tempo leva, a energia, o foco, as longas horas.

Ainda assim, não passou despercebido que as únicas vezes que ouvi falar dele nas últimas semanas foi quando ele está respondendo a mim. Não há comunicação proativa, é tudo reativo. Eu digo que sinto falta dele, sinto *sua falta, baby*. Eu digo que o amo, eu *adoro você, baby*.

É muito pedir que eu seja a única que pode dizer 2 às vezes? Que ele me diz que sente minha falta, *espontaneamente*?

Eu bufo e viro o telefone novamente, sentindo uma pontada de irritação, não com Oscar, mas com Reece.

A agenda lotada de Oscar não tinha me incomodado até Reece voltar para minha vida, e embora eu não consiga descobrir como os dois poderiam estar conectados, é bom ter alguém para culpar.

Pego o cardápio, contemplando o aperitivo de bolo de siri quando sinto todo o clima mudar. É como se a sala ficasse mais quente *e* mais fria, e meu corpo ficasse em alerta máximo.

Eu sei antes de olhar para a porta o que verei.

O olhar azul gelado de Reece se fixa em mim, e ouço seu gemido silencioso ecoar em minha própria cabeça. De todos os restaurantes ...

A sério. De todos os restaurantes, ele escolhe este?

Mesmo tendo esse pensamento pouco caridoso, percebo que não é tão surpreendente. Aposto que Reece escolheu este lugar pelo mesmo motivo que eu: uma lista de vinhos melhor do que o normal.

Surpresa? Eu sei. Reece tem um *cara da cerveja* escrito nele, o cara de um cara até ao fim. E aposto que ele vai terminar a noite com o Jack Daniel's.

Mas, como eu, Reece cresceu na região do vinho. Como eu, as uvas e o mundo do vinho fazem parte dele. Estamos sempre observando, vendo o que os restaurantes estão servindo, o que os clientes estão comprando, o que nossos concorrentes estão fazendo.

Aposto que o histórico de pesquisa do telefone dele se parece muito com o meu: a melhor carta de vinhos de Wilmington.

Por um momento de calor, estou com medo – e esperançosa – de que ele siga este caminho. Que ele vai se juntar a mim, e vamos continuar de onde paramos antes, com nossa luta, ou nossa lembrança ou ... o que seja.

Seu olhar se afasta de mim, e ele dá um sorriso rápido para a anfitriã antes de caminhar até o bar e se sentar lá, de volta para mim.

Está bem então.

Eu olho de volta para o meu menu, tentando não me sentir picada. Tentando também não me sentir tão ciente do fato de que a anfitriã loira fofa estava dando a ele um tipo de *venha aqui*, e ele não parecia exatamente desinteressado.

Eu não me importo. *Eu não me importo, eu não me importo, eu não me importo*. Eu tenho um namorado e Reece Sullivan está totalmente no meu passado.

— Senhorita, posso trazer um pouco de comida para você?

Eu olho para o garçom enquanto ele coloca minha segunda taça de vinho na minha frente. Ele é super magro, tem vinte e poucos anos e parece entediado para quem aposto que este é um emprego de verão esquecível.

— Vou começar com os bolos de caranguejo, — digo com um sorriso agradável. — Ainda decidindo minha entrada.

— Sem problemas, — ele diz, rabiscando meu pedido em seu caderno.

Sério? É difícil lembrar o "bolo de caranguejo" daqui para o computador?

Eu empurro o pensamento mesquinho de lado. É uma das maldições de estar na indústria da hotelaria. É muito difícil sair para comer sem analisar tudo.

Tudo bem, *julgando* tudo.

Ainda assim, escolhi sabiamente. A verdadeira carta de vinhos por taça do restaurante é ainda melhor do que a listada no site, e o restaurante tem uma boa vibração, uma combinação perfeita de sofisticado e acessível e ...

A vibração é arruinada quando Reece se joga na cadeira em frente a mim.

Ele parece irritado, como se tivesse na minha mesa contra sua vontade, e eu entendo totalmente como ele está se sentindo. É a mesma razão pela qual não desisti da viagem. Podemos nos odiar, mas somos parte um do outro. Mariposa para o chama, ou o que quer que seja.

Exceto que eu *realmente* quero ser a chama nesta situação – não me importaria em vê-lo virar cinzas com o meu toque.

Seus olhos estão na minha taça de vinho. — Pinot grigio italiano?

— Acelga da Califórnia, — digo, feliz por poder informá-lo que ele não me conhece tão bem quanto sua expressão presunçosa sugere que ele pensa que conhece.

Ele apenas acena com a cabeça. — Tenho bebido alguns desses eu mesmo. Trabalho de investigação.

Estou interessada, embora diga a mim mesmo que é porque estou interessada no novo emprego dele na vinícola, não porque estou interessada nele.

— Abbott faz chard?

Seus olhos se erguem por um segundo, um pouco surpreso por eu saber e lembrar o nome de seu novo empregador.

Reece acena com a cabeça uma vez. — É o pão com manteiga deles.

Eu me inclino para trás e olho incisivamente para seu copo de vinho tinto. — Interessante. Você sempre foi um cara com mistura de Bordeaux.

— Eu posso trabalhar com qualquer coisa.

Sua confiança silenciosa me dá uma emoção inesperada e uma pontada relutante de admiração, porque sei que é verdade. Quando estávamos ... juntos, Reece era tão apaixonado pelas uvas quanto eu pela sensualidade do produto acabado.

Ele transformou essa paixão em uma habilidade séria. Eu morreria antes de admitir, mas o segui nos últimos anos. Ele tinha recebido uma dúzia de artigos como um novo vinicultor promissor, até mesmo dando um punhado de entrevistas para algumas das revistas de vinho de maior sucesso sobre por que Virginia estava ganhando sua reputação como a próxima grande novidade do vinho.

Eu vejo quando ele pega seu copo, dando um giro rápido e cheirando antes de tomar um gole.

Oh mama.

Meu estômago dá um pequeno salto, porque, caramba, se ele não pega o hábito entupido e esnobe do vinho e torna-o sexy como o inferno. Não há nada de exigente na maneira como seus longos dedos envolvem o copo, na maneira como ele saboreia o vinho como se fosse o dono.

— Bom? — Eu pergunto, minha voz um pouco rouca.

Ele olha de volta para mim. — Está tudo bem.

Reece hesita apenas um breve segundo antes de estender o copo para mim. Sua carranca me diz que não é uma oferta de paz, mas um reconhecimento relutante de que estamos nos elementos um do outro agora. Podemos nos odiar, mas ambos amamos vinho.

Sem palavras, deslizo meu próprio copo pela mesa para ele enquanto pego o vermelho de sua mão, ignorando a estranha sensação de familiaridade enquanto nossos dedos se tocam.

O vinho é ousado, um pouco curtido da melhor maneira possível.

Eu giro e fungo, então tomo um pequeno gole, depois outro. — Cab. Também da Califórnia.

Ele está me observando. Um aceno rápido é a confirmação de que estou certa. Sem elogios, mas também não preciso disso.

Ele toma um gole do meu vinho, e então mudamos de volta sem palavras, como se fosse a coisa mais natural do mundo compartilhar vinho. Antes, teria sido. Uma vez, eu imaginei que todas as minhas noites seriam exatamente como esta, sentada

em frente a ele, persuadindo seu eu taciturno a conversar, enquanto analisamos e apreciamos o vinho.

Claro, eu não tinha previsto que isso aconteceria assim – com nós dois alternando entre querer matar um ao outro e não falar nada.

A tensão silenciosa é interrompida pela chegada do meu bolo de caranguejo. — Trouxe uma configuração extra, — disse o garçom, colocando um pequeno prato e guardanapo enrolado na frente de Reece.

Reece já está empurrando sua cadeira para trás. — Não, obrigado. Vou pegar algo no bar.

— Espere, — eu digo, antes que eu possa pensar melhor sobre isso.

Reece fica imóvel enquanto o garçom se afasta, não dando a mínima para o nosso pequeno drama.

— Você pode ficar, — eu digo. — Se você quiser.

Seu olhar pisca sombriamente. — Não estou interessado.

— Podemos falar sobre vinho, — digo, um pouco desesperada. — Não precisamos ser ... pessoais.

Não temos que lutar.

Eu o vejo vacilar, e me inclino para frente, de repente desesperada para não comer o jantar sozinha. — Ou não podemos falar nada. Sua escolha. — *Só não vá embora.*

Ele recostou-se na cadeira, parecendo aborrecido consigo mesmo, mesmo enquanto pegava o guardanapo. — Eu vou ficar. Mas sem falar. Muitas testemunhas para quando eu sentir a necessidade inevitável de estrangulá-la.

Resisto a sorrir vitoriosamente enquanto mergulhamos silenciosamente nos bolos de caranguejo.

Meu telefone vibra e, por hábito, eu o viro, exalando quando vejo que é Oscar. *Finalmente.*

Pensando em você. mal posso esperar para ver meu bebê.

Aí está. Isso é o que eu queria – saber que ele está pensando em mim. Que ele até lembra que tem namorada.

Mas quando eu dou uma olhada pela mesa para a expressão taciturna de Reece, fico surpresa com a incômoda percepção de que não estou tão animada com a mensagem de Oscar quanto deveria.

Capítulo 13

Reese

No dia seguinte, nem mesmo chegamos ao posto de gasolina em Wilmington antes de começarmos a discutir pelo rádio.

— Ok, é isso, — eu estalo. — Nova regra. Quem quer que esteja dirigindo controla o rádio.

Ela me encara por trás dos óculos de aviador, batendo os dedos naquele diário idiota que começou a rabiscar no segundo em que entramos no carro. A maneira como sua caneta se move furiosamente pelo caderno não me dá dúvidas sobre o que ela está escrevendo: como ela planeja me matar e enterrar o corpo.

— Seu plano estúpido seria totalmente justo, — diz ela alegremente, — se você fosse me deixar dirigir.

Eu cerro meus dentes, debatendo minhas opções. Por um lado, eu realmente odeio música country. Eu nem tenho certeza se ela gosta muito, ela está apenas tolerando me torturar.

Por outro lado, já tenho sérias dúvidas quanto à minha capacidade de sobreviver a esta viagem. Estar tão perto dela o tempo todo maldito sem ser capaz de tocá-la está me deixando louco.

Dirigir pelo menos manterá minhas mãos ocupadas, mas meus ouvidos pagarão o preço.

— Vamos nos revezar na música, — eu finalmente rosno. “Troque de estação a cada meia hora.

— Ótimo, eu irei primeiro, — ela diz docemente, estendendo a mão e entoando uma música horrível sobre uma varanda da frente.

Eu encho o Horny com gasolina (nenhuma quantidade de meus ajustes poderia melhorar a baixa quilometragem do carro), enquanto Lucy vai até a loja para comprar *guloseimas.* Sua palavra.

Ela sai no momento em que estou voltando para o lado do motorista, e eu paro e fico olhando, apenas por um segundo. Ela está usando shorts jeans minúsculos novamente, desta vez eles são brancos, e uma camiseta rosa colante que tem mais de um motorista de caminhão salivando enquanto ela faz seu caminho de volta para mim e para o carro.

Eu finalmente tiro meus olhos de suas pernas por tempo suficiente para registrar que ela invadiu metade da loja. — Eu estava pensando em parar no McDonald's para o café da manhã, — eu digo irritado.

Ela apenas sorri e dá a volta para o meu lado do carro, apontando para o banco de trás para que eu possa abrir a porta de trás para ela. — Parece bom.

— Meu ponto é que você não precisa limpar as prateleiras.

— Sim, entendi, Grumpy, — ela diz, empurrando os dois sacos de papel protuberantes em um pedaço de espaço atrás do meu assento.

Pouco antes de bater a porta, ela bate algo contra meu peito, e eu olho para baixo, as emoções fervendo enquanto registro a bolsa amarela familiar. M & M's de amendoim. Meu favorito, porque eles eram os favoritos da minha mãe.

Eu resisto à vontade de atirar a bolsa em seu rabo de cavalo enquanto ela dá a volta para o lado do passageiro. Me sinto uma criança por pensar isso, mas: *Não é justo.*

Não é justo que essa garota me conheça tão bem, que ela possa contornar minhas defesas com algo tão simples como comprar um doce.

O que acontece é que suspeito que ela nem faz isso para me torturar. Acho que ela sabia que eu iria querer o maldito doce mais tarde. Antecipando-se, como sempre.

Eu coloco a sacola M&M no console entre nós, e nenhum de nós diz uma palavra quando saio do posto de gasolina e sigo em direção à rodovia.

Estamos indo para Savannah hoje. Só Deus sabe porquê, embora eu não ache que haja um *motivo* para nenhuma de suas paradas.

Diferente de Miami, quero dizer.

O *porquê* dessa parada é muito claro. Lucy tem namorado. Outro cara passou as mãos na parte de trás daquelas panturrilhas magras, outro cara relaxou entre suas coxas depois de deixá-la bem molhada, outro cara viu aqueles seios perfeitos, os provou …

— Sua vez.

Eu olho para cima. — O que?

Ela aponta para o console. — Já passou meia hora. Sua vez de escolher a música.

Graças a Deus.

Exceto que não estou com humor para música, em vez disso, estendo a mão e aperto o botão liga / desliga, deixando-nos em silêncio.

Um erro.

Agora não há nada além do som do ar condicionado de Horny e meus pensamentos sujos sobre repetir na minha cabeça.

Estou prestes a ligar o rádio novamente. Rock. Rap. Contry. Qualquer coisa para bloquear as memórias de como seu pequeno corpo parecia bem sob o meu, ou como sua boca sempre foi faminta pela minha, como se ela tivesse sido feita apenas para mim.

O silêncio sufocante é interrompido pelo zumbido de um celular. Eu fico tenso, me preparando para a pontada de ciúme que o namorado dela está entrando em contato com ela novamente, mas eu percebo que é o meu próprio telefone.

Vou pegar o telefone no porta-copos, onde coloquei ao lado dos M&M, mas Lucy é mais rápida.

— Uh-uh, — diz ela em uma voz cantante e repreensiva. — Você não estava ouvindo a palestra da minha mãe. Sem telefone enquanto dirige.

Então, antes que eu possa arrancá-lo dela, ela passou o polegar pela tela, atendendo a chamada.

— Telefone de Reece Sullivan.

— Lucy …

Ela levanta um dedo. — Onde ele está? Ele está no banheiro. Pode demorar um pouco, se é que você me entende.

Pego o telefone, mas ela muda para o outro ouvido, batendo na minha mão. — Shannon, você disse?

Fod-dddaa-sssse.

Shannon é uma garota gostosa, mas pegajosa com quem eu estava saindo alguns meses atrás.

Uma que eu poderia ter "esquecido" de dizer que estava me mudando.

— Claro que vou passar a mensagem! Ele definitivamente sente sua falta também, hun. Uh-huh. Uh-huh. Sim, com certeza direi a ele. Tenho que correr, porém, ele está gritando por mais papel higiênico.

Com isso, Lucy encerra a ligação e coloca meu telefone de volta no porta-copo com um barulho.

Eu olho para cima. — Satisfeita com você mesmo?

Ela mostra todos os dentes em um sorriso zombeteiro. — Shannon sente sua falta. Diz que ela está na cidade no próximo fim de semana.

Eu resmungo em resposta.

— Você não disse a ela que estava se mudando?

Eu levanto um ombro.

Lucy está me estudando. — Você disse a Abby?

Eu não posso evitar. Eu vacilo. Abby Mancuso. Minha namorada do colégio e a responsável pela implosão minha e de Lucy.

Na verdade, isto não é justo. Abby foi o catalisador. A responsabilidade por aquele momento infeliz recai exclusivamente sobre mim e Lucy.

— Não, — eu estalo. É o máximo de informações que ela conseguirá de mim sobre esse assunto.

Lucy vira a cabeça e olha pela janela. E embora eu me mande calar a boca, continuo falando.

— Eu não falo com Abby há meses.

Talvez anos? Eu não consigo me lembrar.

Lucy bufa. — Sim. Já ouvi isso antes.

Eu ajusto meu aperto no volante para não socar o painel de frustração.

— Seu namorado sabe que você está se esquivando de suas mensagens? — Eu estalo.

Ela vira a cabeça. — O que?

— Oliver, — eu digo, deliberadamente faltando seu nome. — Ele estava mandando mensagem para você ontem à noite. Ele sabe que você está comigo?

— Sim. Ele sabe que meus pais me acorrentaram ao cara que é como um segundo irmão.

Suas palavras pretendem ser um soco e ela acerta o golpe. Eu não consigo parar o estremecimento.

Lucy e eu podemos ter sido tão próximos quanto irmãos uma vez, mas ela nunca foi como uma irmã para mim, e eu também não fui um para ela.

— Como você o conheceu? — Eu pergunto.

Ela empurra os óculos mais para cima do nariz e olha fixamente para a frente agora. — Não aja como se você se importasse.

A evasão é diferente de Lucy. Ela é o tipo de garota que fica cara a cara; nunca lhe ocorreu realmente jogar jogos de palavras. — Você está tendo dúvidas.

— Não estou.

— Sobre ele, ou sobre surpreendê-lo? — Eu pergunto.

Ela não responde, e estou chateado em saber o quanto eu gostaria que ela tivesse dito que era o primeiro.

— Nós nos conhecemos em um restaurante, — diz ela, decidindo responder à minha pergunta original, afinal. — Foi o meu primeiro estágio e ele era subchefe. É como o assistente …

— Eu sei o que é um subchefe, — eu estalo. — Às vezes até consigo arrancar o feno fora dos meus dentes.

— Sabe, pensei que Horny estava puxando para a esquerda porque o pneu estava sem ar, mas agora vejo que o chip em seu ombro é o que está puxando o carro dessa maneira.

— Quem deu o primeiro passo? — Eu pergunto, continuando nosso padrão destrutivo de escolher e escolher aquilo a que respondemos.

— Fui eu, — ela diz. — Ele era gostoso e inteligente.

— E conectado.

Sua cabeça gira. — Ou seja?

Dou uma olhada rápida para ela enquanto mudo de faixa para passar por um caminhão lento. — Quer dizer, não pode machucar ter um cara no negócio, certo? Um novato com conexões?

Ela pisca e posso sentir que está ferida, mas não me desculpo. — Você está tão certo, — ela ronrona, se recuperando rapidamente. — Na verdade, eu tentei seduzir o dono, mas ele era gay, então estou presa no caminho lento de dormir para chegar ao topo.

— Não foi isso que eu quis dizer, — murmuro.

— Então o que? — ela se encaixa, abrindo os M&M de amendoim. Tardiamente, percebi que nunca paramos para tomar café.

— Eu só quis dizer que você sempre foi motivada. Sabia o que você queria. — Estendo minha palma, e ela despeja alguns dos doces coloridos na minha mão antes de pegar um e colocá-lo na boca enquanto continua a me encarar.

— Eu não vou me desculpar por ir para a faculdade, Reece.

Eu não quero que você se desculpe. Mas que tal você se desculpar por ir embora sem se despedir. Sem me dar chance de explicar qualquer coisa.

Eu jogo a palma da mão cheia de M&M na minha boca. — É impossível conversar com você.

— Você começou, — ela diz, e eu quase sorrio, tendo flashbacks de quando éramos crianças, ainda tentando descobrir como falar um com o outro.

Lucy se inclina para frente, ligando o rádio novamente. Contry de novo, mas eu deixo isso.

Porque ouvir o cara balbuciando sobre seu coração partido é muito melhor do que relembrar o meu.

Capítulo 14

LUCY, DEZOITO, REECE, DEZENOVE

— Se seu irmão me pegar, ele vai me matar, — Reece murmurou enquanto se içava pela janela do quarto de Lucy.

— Não, ele não vai, — disse ela, colocando rapidamente a palma da mão no topo da cabeça dele para impedi-lo de bater na moldura. — Eu posso lidar com Craig.

Ele parou diante dela, estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Minha pequena protetora.

Lucy estendeu a mão e colocou os braços sobre os ombros dele. — Mas meus pais. Eles vão te matar.

Ele estremeceu e começou a recuar. Lucy imediatamente se arrependeu de suas palavras brincalhonas. — Não vá, — ela sussurrou.

Sua expressão estava torturada. — Eu não posso estar aqui, Lucy. Essa coisa com a gente ... é uma loucura. Está errado.

— Não parece errado, — ela disse, segurando sua bochecha. — Parece mais certo do que qualquer coisa que eu já experimentei.

Seus olhos se fecharam enquanto ele deixava os dedos dela percorrerem seu rosto, a palma da mão raspando em sua barba por fazer, as pontas dos dedos levemente ao longo de seus lábios. — Por que não posso ficar longe de você?

— Eu não quero que você fique longe, — disse ela, estendendo a mão e trazendo a boca dele para a dela.

Seu beijo foi hesitante no início, como se ainda estivesse tentando se convencer a ir embora.

Lucy o beijou com cada grama de desejo em seu corpo de dezoito anos, mostrando-lhe com as mãos e os lábios o que ela ainda não era corajosa o suficiente para dizer a ele com palavras.

A maneira gananciosa com que suas mãos agarraram sua bunda, a maneira gentil como ele espalmou seus seios, seu gemido silencioso quando ela inclinou os quadris para ele disse-lhe tudo o que ela precisava saber.

Isso disse a ela que ele sentia o mesmo. Mesmo que ele não soubesse ainda.

Capítulo 15

Lucy

— Você está inquieta, — Reece diz com uma voz irritada.

Ele está sempre irritado. Você percebeu?

— Minha saia continua subindo, — eu murmuro, mudando para puxá-la para baixo.

— Talvez se você usasse algo maior do que um pedaço de fita adesiva enrolada em sua bunda ...

Sorrio um pouco que ele notou. Não que eu precisasse da confirmação *verbal* de que Reece notou minha roupa hoje. Poucos momentos na minha vida foram tão gratificantes quanto sair do meu quarto de motel em Savannah e encontrá-lo encostado na lateral do carro, parecendo entediado.

Entediado até que ele me viu em uma minissaia coral larga e um top preto de seda. As sandálias de salto alto não afetam.

Ele piscou e ficou tenso, e por um segundo eu tive que me lembrar que estava vestida para Oscar. Não Reece.

Se eu repetir isso com bastante frequência, talvez se torne verdade.

Então Reece gritou comigo sobre estar atrasado, mesmo depois de eu ter insistido em ir embora ao raiar do dia ... e assim estamos de volta ao normal.

Eu coloquei meu caderno de lado. Queria que o diário fosse mais uma lembrança – uma maneira de ter certeza de que realmente me lembro da jornada, em vez de me concentrar apenas no resultado final, que tende a ser meu MO.

Mas tem sido surpreendentemente ... terapêutico.

Depois de longas horas no carro com Reece e todas as memórias assustadoras, ajuda ter uma saída. Um lugar para falar sobre minha frustração e minha dor e ...

Porcaria. Lá vou eu pensando em Reece novamente.

Digo a mim mesma que é porque estamos nos aproximando de Miami e estou ... nervosa.

Tive sete horas para pensar sobre a minha emoção, para antecipar o exato momento em que entro no restaurante de Oscar. Eu programei para chegar lá por volta das 3h30. O restaurante é um local badalado tarde da noite, o que significa que

não abre antes das cinco, e eu sei que Oscar geralmente chega lá antes das três para supervisionar a preparação da noite que se inicia.

Mas, admito, há algo que eu não pensei.

Depois da grande *surpresa*! momento, *então* o que? Oscar ainda tem um restaurante para administrar.

Todo o meu motivo para surpreendê-lo é porque não quero que ele faça nada de especial para a minha chegada (o homem é propenso a gestos grandiosos, às vezes cafonas), mas ao *não* avisá-lo, ele também não teria planejado tirar a noite de folga.

Eu sei que ele vai planejar uma folga amanhã, quando ele achar que eu vou ficar. E embora eu vá ficar duas noites em Miami (sim, Reece está *emocionado* com isso), ainda vai ser potencialmente estranho para mim. tipo ... passar a noite inteira no restaurante? Como a pequena mulher?

ECA.

Uma coisa que sei sobre o setor de hotelaria é que pode ser um pouco enervante para amigos e familiares vê-lo em seu local de trabalho. Professores, operários da construção, recepcionistas, médicos ... eles não costumam ter outras pessoas importantes para observá-los no trabalho.

Mas, no ramo de restaurantes, você está em exibição, seus mundos colidindo. E sei por experiência própria que pode ser irritante.

Tarde demais para desistir agora, Hawkins.

Reece estende a mão e abaixa um pouco a irritante música rock estridente (é a vez de escolher). — Então, onde vamos ficar esta noite?

Eu fico parada. *Opa.*

Outra coisa que não pensei. Embora eu tenha encontrado meticulosamente a opção de hospedagem mais barata em cada parada, não o fiz em Miami. Achei que ficaria com Oscar, e esse ainda é meu plano.

Eu não tinha contado com Reece na equação, também precisando de um lugar para ficar. "Hum." Pego meu telefone na bolsa. — Espere, deixe-me encontrar algo real rápido.

Eu vejo o momento em que ele clica, porque os nós dos dedos dele ficam ligeiramente brancos no volante. — Não se preocupe com isso. Vou encontrar algo.

— Não, não, isso fazia parte do acordo, — digo, já examinando os resultados do meu telefone para hospedagem barata. — Eu arrasto você nesta viagem, pelo menos posso encontrar um bom lugar para você ficar. Vou até pagar por isso.

O olhar que ele me lança é assassino, mesmo através dos óculos escuros. — Eu juro por Deus, Lucy, se eu não estivesse dirigindo agora, eu estrangularia você.

— Estou tentando ser legal.

— Sim, bem, oferecer para pagar pelo meu quarto de motel para que você possa ficar com seu namorado por dois dias enquanto eu sento e espero por você não é a maneira de fazer isso.

— Não fique irritado. Você sabia que esse era o acordo, — eu digo, empurrando meus óculos na minha cabeça para que ele possa sentir o calor do meu brilho. — E não é como se eu estivesse deixando você para se defender sozinho em uma cidade de um cavalo; é a loucura de Miami Beach. Tenho certeza de que você conseguirá encontrar uma garota ou doze para ficar quando sairmos daqui a alguns dias.

Ele dá uma risada incrédula. — Inacreditável, porra. Mesmo no caminho para surpreender seu namorado, você ainda está preocupada com minha vida sexual.

— Eu não dou a mínima para a sua vida sexual, — murmuro.

No que deve ser o pior momento possível para um engarrafamento, chegamos a uma paralisação completa na estrada lotada, e Reece lentamente se vira para mim, colocando seus próprios óculos no topo da cabeça, seus olhos azuis ardentes e furiosos. Ele apoia uma mão contra a parte de trás do meu encosto de cabeça enquanto me estuda.

— O que? — Eu estalo.

Seu sorriso é lento e letal. — Mentirosa. Você está pensando na minha vida sexual. Acho que é isso que a deixa inquieta. Você está pensando em mim dormindo com outras mulheres muito mais do que você está pensando em você dormindo com Oscar.

Eu começo a revirar os olhos e me virar em direção à janela, mas ele coloca um dedo longo sob meu queixo, puxando meu rosto para ele.

— Negue, — diz ele, em voz baixa. — Negue que a roupa não era para mim. Que você está tendo dificuldade em lembrar o nome do seu namorado quando estou por perto.

— Isso é uma merda, — eu estalo. — Eu não penso em você assim há anos. Te odeio.

Ele sorri enquanto seu dedo acaricia meu queixo. — Sim. Sim você odeia. Mas você me quer.

— Eu não.

Mas o efeito de seu dedo frio contra minha pele quente ameaça fazer de mim uma mentirosa, então eu o empurro para longe e empurro meu queixo em direção à estrada. — O tráfego está se movendo. Acho que estamos perto. Eu preciso encontrar um lugar para você ficar para que eu possa ir ao restaurante do Oscar.

Sua mandíbula fica tensa. — Dê-me as instruções para lá. Vou te deixar e te tirar da minha cabeça.

— Para que você possa entrar nas calças de outra pessoa?

Ele não morde a isca. Provavelmente uma coisa boa, já que parece que estamos andando em círculos. *Estale, estale, risque, morda.*

É exaustivo e um pouco triste, honestamente. Porque eu sei que se qualquer um de nós abaixar a guarda, mesmo que seja um pouquinho, encontraremos o que sempre esteve lá. Uma amizade para sempre – uma conexão que nunca senti com ninguém.

Mas com esse tipo de intensidade vem o risco – um risco que não compensou para nós.

Anotei instruções detalhadas para a casa de Oscar e as li em uma voz monótona enquanto dirigíamos pela Miami lotada.

E quanto mais perto chegamos de Flame, mais impaciente eu fico, e não consigo descobrir se é nervosismo ou excitação ou raiva ou arrependimento ou apenas uma vaga sensação de mal-estar.

— Pronto, — digo, apontando quando vejo a placa do lugar dele, repentinamente animada, mesmo em meio a todo o nervosismo.

Reece não diz nada quando nos aproximamos do restaurante. Flame está no coração da badalada South Beach, e eu não pensei exatamente em todo o cenário de estacionar / pegar minhas coisas, e mordo meu lábio.

— Vá, — diz ele rispidamente, puxando para o meio-fio.

Eu dou a ele um olhar nervoso, mas sua expressão é ilegível. — E as minhas coisas? Acho que posso levar minha bolsa comigo ...

Ele bufa. — E estragar o efeito dessa saia curta? Mesmo eu não te odeio tanto. Encontro você mais tarde. Depois de namorar, quantas garotas foi mesmo? Doze?

Eu sorrio um pouco porque sua voz é mais provocadora do que irritada pela primeira vez. — Poderia muito bem adicionar mais uma. Uma dúzia de Baker.

Ele ri e meu coração dói com a enxurrada de memórias. De como costumávamos falar tão facilmente, de como costumávamos rir tanto ...

— Vá buscar o seu cara. Surpreenda a merda dele.

Ele diz isso em um tom fácil, mas eu me pergunto se isso é difícil para ele. Me vendo ir para outro cara.

Deus sabe que é difícil para mim me afastar desse cara por outro.

Nossos olhares se fixam, e, não pela primeira vez, estou impressionada com a péssima ideia que essa viagem foi, despertando memórias que deveriam ter sido deixadas para trás. E estou aprendendo rapidamente que as boas lembranças doem ainda mais do que as ruins.

Abro a porta do carro antes que possa dizer algo totalmente idiota. — Vou mandar uma mensagem, — digo, saindo com cuidado para não mostrar a ninguém. Mesmo assim, posso sentir o olhar de Reece na minha bunda.

Quando eu olho para trás, seu olhar é desafiador, me desafiando a chamá-lo – desafiando-me a reconhecer a tensão entre nós.

Em vez disso, bato a porta e giro nos calcanhares, me recusando a deixá-lo continuar mexendo na minha cabeça.

O restaurante tem uma área de estar externa, mas está vazia, e eu abro a porta silenciosamente, com o coração batendo forte com ... alguma coisa. Excitação, digo a mim mesma. Estou animada para ver meu namorado.

Eu resisto à vontade de ver se Reece e Horny ainda estão na calçada e entro no restaurante.

Está quase quieto. Um cara e uma garota falam espanhol enquanto colocam talheres nas mesas, dando-me apenas um olhar rápido e desdenhoso antes de voltar para a conversa.

Um barman chega do fundo, caixa de bebida na mão, e me lança um olhar amigável. — Perdida?

— Estou procurando o Oscar.

Ele me dá uma olhada e depois encolhe os ombros. — Back office, eu acho. Última porta à direita, depois dos banheiros.

Eu sorrio em agradecimento e, desta vez, quando caminho em direção a Oscar, estou realmente animada. Faz tanto tempo que não o vejo e ...

Déjà vu.

O *pior* tipo de déjà vu.

Meu namorado está em seu escritório. Mas ele não está sozinho.

Ele tem um braço em volta da cintura de uma morena sensual, o outro aberto em sua bunda, e leva dez segundos inteiros para registrar minha presença antes de afastar sua boca da dela.

Oscar me encara em choque, depois horror, e então de alguma forma fica pior, porque a garota solta uma risadinha assustada e levanta a mão para limpar seu brilho labial coral da boca do meu namorado.

Por algum motivo, isso dói mais. Aquele gesto casual e íntimo que me diz que não é um primeiro beijo, não é um erro de bêbado que só uma vez foi cometido.

Não, na verdade, *não* é isso que dói mais.

O que mais dói não é a traição de Oscar. É que me lembra de uma traição há seis anos, que doeu cerca de mil vezes mais do que esta.

De repente, a dor daquela memória vem me esmagando, tão pesada que sinto meus joelhos dobrarem.

Eu me viro no momento em que Oscar diz meu nome, mas este quadro de merda ainda não acabou comigo.

Bloquear minha fuga é ninguém menos que Reece Sullivan.

Meu coração torce. Eu não posso. Eu simplesmente *não* posso agora.

Sem palavras, ele estende meu celular para mim. — Caiu da sua bolsa no carro.

Eu me forço a encontrar seus olhos, querendo saber o quanto ele viu. Ele não está olhando para mim.

Seu olhar está fixo em Oscar. E pelo olhar assassino no rosto de Reece, ele *viu tudo.*

Capítulo 16

Reese

Eu tenho uma escolha: perseguir Lucy ou enfiar meu punho na cara do idiota que a fez chorar.

No começo, estou pensando o primeiro – me importo muito mais com Lucy do que com esse idiota.

Mas então eu vejo. Vejo que, em vez de parecer absolutamente devastado por apenas perder a melhor garota que já teve, Oscar se volta para a *outra* garota. Aquela com quem ele está namorando passa um braço em volta do ombro dela, como se quisesse protegê-la do inconveniente de testemunhar sua namorada de coração partido.

Eu quero matar ele.

Já se passaram anos desde que me comuniquei com meus punhos. Eu superei isso em algum momento do colégio, quando percebi que a maioria das pessoas simplesmente não vale a pena. Esse cara, porém – ele merece. Porque *Lucy* vale a pena.

Eu não faço uma grande produção disso. Dou alguns passos para frente, espero até que ele se afaste de sua nova garota com uma vaga zombaria *o que você vai fazer sobre isso?* expressão.

O estalo de meus dedos contra seu nariz diz a ele *exatamente* o que vou fazer a respeito. Vai sempre para o nariz. Claro, o gancho de direita no queixo contribui para melhores filmes de ação, mas um nariz quebrado deixa um bom lembrete. E eu quero esse idiota lembrando o que ele perdeu – quem ele perdeu – toda vez que ele olhar para aquele nariz torto no espelho.

A garota faz um barulho estridente, tentando puxar as mãos de Oscar longe de seu nariz enquanto ele me encara com descrença puta, mas eu terminei aqui.

Estacionei Horny ilegalmente a meio quarteirão acima do meio-fio e amaldiçoo quando vejo que Lucy não viu o carro ou optou por não se refugiar ali. Eu coloquei minhas mãos em meus quadris, tentando descobrir para onde ela poderia ter fugido.

E se houver uma sensação doentia de déjà vu espreitando no fundo da minha consciência, eu a ignoro. Não posso me dar ao luxo de pensar nisso agora. Não posso me dar ao luxo de pensar em seis anos atrás, quando aquele de quem ela estava fugindo era eu.

Naquele dia, eu a deixei ir. Um erro. Não vou repetir hoje.

Eu examino as negócios próximos. Starbucks, compras, um monte de restaurantes ...

Ela não entraria em nenhum desses. Não enquanto ela estava chorando. Ela não gostaria de ser vista todo manchada; ela iria querer espaço….

Eu imediatamente começo a ir em direção à água, que felizmente não é difícil de encontrar em Miami.

Eu chego à praia, que felizmente não está lotada em um dia nublado da semana.

Eu a vejo e meu coração se parte. Ela não tirou aqueles sapatos ridículos, os saltos altos afundaram na areia, jogando seu peso para trás, embora seus ombros estejam rolados para a frente.

Minha garota parece *quebrada*, e estou percebendo que um nariz torto não foi punição suficiente para esse Oscar.

Eu ando devagar em direção a ela. Minhas botas e jeans não são exatamente adequados para a praia, mas eu ignoro isso. Eu ignoro tudo, exceto Lucy. O som suave das ondas abafa qualquer som de seu choro, o que de alguma forma faz com que as lágrimas escorram pelo seu rosto ainda mais como um soco no estômago.

Eu deveria ter pensado em algo para dizer. Deveria ter tentado descobrir se ela quer que eu me ofereça para bater no cara, ou diga a ela que ele não vale a pena, ou que ela é cem – *mil* – vezes mais bonita do que a outra garota ...

Nada disso importa. Não há conversa, não há nem pensamento. Há apenas fazer, e eu lentamente estendo a mão, minha mão em seu ombro enquanto a puxo para mim, meus movimentos um pouco ásperos.

Ela vem facilmente, seu rosto contra meu ombro, seu hálito quente contra minha camiseta fina com um suspiro trêmulo.

Eu envolvo um braço em volta de sua cintura, o outro segurando a parte de trás de sua cabeça enquanto a puxo para perto. Ela não envolve os braços em volta de mim, apenas aperta os dedos na minha camisa enquanto enterra o rosto no meu peito.

Eu fecho meus olhos e, por um minuto, me deixo ser egoísta. Permito-me saborear tê-la perto mais uma vez, mesmo que as circunstâncias sejam uma merda.

Ela não diz uma palavra enquanto a seguro, e me pergunto se ela percebeu a mesma coisa que eu. Que não há nada a dizer, não realmente. Que aquele cara nunca foi o cara para ela, que nem vale a pena falar dele. Ele *certamente* não vale as lágrimas dela, mas Lucy sempre foi um pouco chorona. Não no sentido fraco e choroso; é apenas como ela mostra sua emoção. Feliz, aliviada, triste, animada ... ela chora.

Ela também chora quando está com o coração partido. Espero em Deus que não seja disso que se trata essas lágrimas.

Minha mão alisa suas costas, as pontas dos meus dedos quentes contra sua cabeça. Antes que eu possa registrar o que estou fazendo, meus lábios roçam seu cabelo. Digo a mim mesmo que é um acidente, mas isso é besteira. É um beijo. Uma *necessidade* por ela, mesmo agora, enquanto ela está sofrendo.

Inferno, talvez porque ela esteja sofrendo. Sempre foi meu trabalho consertar isso, e não sei como fazer no momento.

— Você conhece a parte estranha, — ela sussurra baixinho, finalmente quebrando seu silêncio.

Eu balancei minha cabeça ligeiramente.

— Eu não estou nem tão surpresa. Acho que sabia que algo estava errado, mas insisti em fazer isto mesmo assim. E você sabe a *pior* parte?

Seus dedos cavam em meu peito, pequenas garras, e eu sinto uma rápida sensação de mau presságio.

— A pior parte, — ela continua, — é que eu nem estava vendo ele enquanto estava acontecendo. Eu estava vendo você. E ela. Tudo de novo. E era como se eu estivesse morrendo por dentro, tudo de novo.

Sinto uma pontada de pânico seguida de raiva enquanto a puxo de volta com força. — Você está brincando comigo, Luce? Esse cara te traiu e eu levo a culpa por isso?

Ela levanta o queixo. — Você me traiu uma vez também.

Soltei uma risada incrédula e dei um passo para trás, passando minhas mãos pelo meu cabelo em descrença. E culpa. Não a culpa pelo que ela pensa que eu fiz, mas a culpa pela porra de como ...

Deixa pra lá.

Eu revido, a culpa me deixando na defensiva.

— Droga, — eu murmuro. — *É* nisso que você está transformando isso. Não basta eu pagar por minhas próprias ações naquela época, agora vou ter que pagar pelas dele também?

Ela enxuga as lágrimas e eu registro o tipo de choro com o qual estamos lidando aqui: choro *raivoso.*

Bem, traga isso. Eu também estou com raiva. Principalmente para mim, mas um pouco para ela também por ser tão ... tão ... Lucy.

— Mesmo agora, você não nega, — ela chora. — Mesmo agora você está aí, me olhe bem nos olhos e me diga que estou exagerando!

— Foi há seis anos, Lucy! Éramos crianças.

A coisa errada a dizer, claramente, porque seus olhos verdes ficam furiosos e ela dá um passo à frente para empurrar meus ombros. Apenas os saltos altos e a areia macia a tornam irregular, e ela cambaleia.

Estendo a mão para firmá-la e ela recua, como se tropeçar no Atlântico fosse melhor do que o meu toque.

— Bem, com certeza me senti muito *adulta* quando você tirou minha virgindade, — ela sussurra.

Eu fecho meus olhos, com a memória agridoce. — Não vou falar com você sobre isso agora. Não quando você está chateada com a traição de outro cara.

Ela solta uma risadinha que é mais triste do que qualquer outra coisa e balança a cabeça. — Eu já ouvi isso antes. Você nunca quis falar sobre isso, Reece. Você sempre agiu como se não precisasse. Como se você nunca tivesse que se explicar para a pequena Lucy Hawkins.

— Não foi assim.

— Então como foi?

Eu simplesmente não sabia o que dizer. Como dizer isso. Eu tinha dezenove anos, pelo amor de Deus. Estúpido. Com ela, comigo mesmo. Mas inteligente também. Porque enquanto a maneira como terminamos nos rasgou em pedaços, era melhor então, dessa forma, do que mais tarde.

E sempre haveria um mais tarde. Lucy Hawkins nunca iria *ficar*. Não com um cara como eu.

Ela balança a cabeça, sua mão encontrando os óculos de sol emaranhados em seu cabelo, puxando-os para baixo para cobrir os olhos inchados e raivosos.

Sem outra palavra, ela se afasta de mim, mas não se move, e percebo que seus olhos estão examinando os edifícios na praia.

— Lá, — ela diz, apontando para um dos enormes hotéis de frente para a água. — Eu vou ficar lá esta noite. Eu diria que ganhei um pouco de alarde.

Eu a sigo, porque de jeito nenhum vou perdê-la de vista. Não quando ela está tão volátil.

Não posso pagar o hotel, mas estou pagando por meus erros com essa garota há seis anos.

Poderia muito bem colocar um pouco dessa culpa no meu cartão de crédito.

Capítulo 17

Lucy

Reece me deixa chafurdar por vinte e quatro horas inteiras na traição de Oscar, que, vamos encarar, é mais longa do que o idiota merece.

Ainda assim, uma vez que o choque de ver a história minha e de Reece passar diante dos meus olhos passa, sou atingida pela percepção de que a traição de Oscar doeu por si mesma.

Quer dizer, eu pensei que ia me casar com o cara? Provavelmente não. Mas eu me importava com ele o suficiente para descobrir se ele era o único. Preocupada o suficiente para fazer nosso relacionamento dar certo, mesmo com a distância e o fato de nossos horários não terem sobreposição.

Então, sim, tirei um dia inteiro de luto e escolhi um bom lugar para fazer isso. Quando fiz a varredura na praia em busca de hotéis, eu escolhi propositalmente um que parecia ter sido grande, mas agora estava um pouco farta. Uma que faria minha conta bancária chorar só um *pouco*.

E um dia inteiro envolta em um robe genérico de hotel com vista parcial para o mar, meu diário, serviço de quarto e uma TV péssima é exatamente o que o médico receitou, porque por volta das quatro da tarde do dia seguinte à traição de Oscar, estou começando a sentir como se talvez eu pudesse sobreviver a isso.

Reece aparentemente concorda, porque cerca de três minutos depois de sair do chuveiro, ele bate na minha porta.

Eu sei que é ele pela impaciência raivosa, mas eu olho pelo olho mágico de qualquer maneira, principalmente para irritá-lo.

Sim. Ele parece chateado. Meu humor melhora.

— O que? — Eu pergunto.

— Me deixe entrar.

Eu rolo meus olhos. — Eu acabei de sair do chuveiro.

Sua cabeça levanta com isso, e eu sorrio.

— Bem, isso é progresso, — ele diz em um tom suave. — Eu meio que esperava encontrar sua bunda na cama, queijo derretido em seu cabelo.

Meu sorriso se transforma em um sorriso verdadeiro com isso. Na noite anterior, enquanto tentava reunir forças para pedir comida, o serviço de quarto chegou

com uma garrafa de chardonnay californiano e uma omelete de frango que eu não havia pedido.

Se a acelga não fosse uma dádiva morta, a omelete de frango teria sido. Eu praticamente vivi com elas durante todo o colégio. Eu não as como tanto agora, já que finjo ser uma adulta e como um pedaço ocasional de peixe ou vegetal, mas ainda é meu alimento de conforto final.

Algo que Reece aparentemente se lembrava.

— Obrigado por isso, — eu digo baixinho.

Ele revira os olhos. — Não agradeça a um homem através da porta, Hawkins. Abra o inferno.

Eu olho para a minha toalha, considerando jogar algumas roupas primeiro, mas então eu dou de ombros. É apenas Reece.

Minha vadia interior revira os olhos. Nunca houve nada *apenas* Reece sobre o que há entre nós.

Um fato que me lembro quando abro a porta e seu olhar passa por mim.

No início, seu olhar é impulsivo – um cara instintivo observando uma garota quase nua da cabeça aos pés.

Mas quando seu olhar se arrasta de volta pelo meu corpo, é mais lento. Mais deliberado.

Não um cara olhando para uma garota tanto quanto *Reece* olhando para *Lucy*, e eu sinto isso. Eu sinto isso em todos os *lugares*, e estou irritada com a memória de como Reece costumava fazer cada parte de mim parecer uma zona erógena, não apenas as óbvias.

Até meus tornozelos estão queimando. *Maldito seja o homem*.

Tento revidar, dar a ele a mesma leitura lenta, mas não é realmente a mesma quando ele está totalmente vestido ...

Meu nariz enruga em confusão. — Você está bem vestido.

Reece passa por mim e eu salto para trás, porque eu não acho que nenhum de nós pode lidar com o toque quando não há nada além de um pano felpudo cobrindo minhas partes interessantes.

— Estou usando jeans, — diz ele com desdém.

Verdadeiro. Mas eles são bons jeans. Jeans escuro, não o jeans desbotado que ele tem usado nos últimos dias. E ele está usando sapatos marrons em vez de botas, uma camisa branca de botão em vez de uma camiseta.

— Você está saindo.

Suas sobrancelhas levantam, enquanto ele coloca sua bolsa ao lado da mesa. — Foi você quem disse que estamos em Miami. E que eu tenho uma dúzia de mulheres de padeiro para dormir.

Eu rolo meus olhos para afastar o flash de ciúme. — Quantas você marcou na noite passada?

— Você quer dizer enquanto você estava enchendo seu rosto com *Real Housewives* e creme de leite, chorando em seu diário? Você não gostaria de saber. Agora vista-se. Faça algo com o seu rosto.

Eu pisco — O que há de errado com meu rosto?

Se esperava um elogio, fico desapontada, porque ele ignora a pergunta e vai até a janela com um assobio. — Bela Vista.

— A sua não é a mesma?

Ele enfia as mãos nos bolsos. — Não. Eu não tinha a *garota triste com uma roupa sexy* acontecendo quando eu fiz o check-in, então nenhum upgrade grátis. Meu quarto ficava do lado dos pobres, olhando para uma lixeira.

— Ficava? — Eu pergunto confusa com o pretérito. O plano sempre foi passar duas noites em Miami e, como já são quatro da tarde e ele quer sair, não vamos dirigir para outro lugar esta noite.

Com um sorriso, Reece se vira e se joga no sofá, dando tapinhas nas almofadas com as palmas das mãos, antes de colocar os braços nas costas do sofá. — Cama dobrável, estou certo?

— Ah … — Provavelmente é. Acho que me lembro do cara no check-in dizer algo sobre isso, mas eu estava tão atordoada….

— Você não pode ficar aqui esta noite, — eu digo.

— Claro que posso, — diz ele, inclinando-se e entrelaçando os dedos entre as coxas abertas. A confiança é muito sexy. Além disso, irritante. — Sou totalmente a favor de você celebrar o fim desse relacionamento de merda, Luce, mas não posso me dar ao luxo de outra noite aqui. Por falar nisso, você também não pode. Vamos dividir o custo deste quarto esta noite.

É uma ideia prática, mas não inteligente. Reece e eu no mesmo carro já é ruim o suficiente. No mesmo quarto ...

Mas a maneira como a atenção dele está no celular me diz que sou a única cujos pensamentos estão indo nessa direção. — Se apresse. Estamos pegando coquetéis antes jantar.

Eu pisco para ele. — Coquetéis. Quem *é* Você?

O Reece que eu conhecia odiava restaurantes. Era mais o tipo de fazer sanduíches e levá-lo a um lago isolado em algum lugar para beijá-la sem sentido, em vez de sair para tomar um *coquetel.*

Então, novamente, para ser justa, éramos adolescentes.

Ainda assim, é um pouco chocante perceber que ele pode me surpreender. Por muito tempo, pensei que o tinha imobilizado, poderia antecipar cada movimento.

Agora estou percebendo que conhecia o garoto. Eu conhecia o garoto melhor do que ele mesmo.

Mas o homem? O homem é novo. O homem é gostoso.

E mesmo enquanto mordo meu lábio e contemplo a sabedoria de passar uma noite em sua companhia, eu sei que vou fazer isso de qualquer maneira.

Porque de repente estou *desesperada*. Desesperada para conhecer o homem tão bem quanto eu conhecia o garoto.

Pela primeira vez, percebo que talvez haja esperança para mim e Reece de voltar a ser o que éramos antes. Amigos. Bons amigos.

Apenas ... sem toda a parte bagunçada de se apaixonar desta vez.

Porque essa merda *doeu*.

Capítulo 18

LUCY, DEZESSETE, REECE, DEZOITO

Lucy se sentou à grande mesa redonda, seu polegar segurando e desapertando o fecho magnético de sua bolsa de renda rosa repetidamente, mesmo enquanto ela tentava parecer relaxada.

Tentei parecer que estava sentada aqui sozinha no baile porque queria estar.

No próximo ano, ela disse a si mesma. O ano que vem será melhor.

Na Jefferson High, tanto os juniores quanto os veteranos podiam ir ao baile. Ela nunca realmente entendeu por que você foi autorizado a ir dois *anos, mas ela sabia agora.*

Era para o caso de você precisar fazer tudo de novo.

Kayley chamou a atenção de Lucy do outro lado da sala e deu-lhe um aceno simpático por cima do ombro musculoso de Mike Chevron.

Lucy fingiu um sorriso e acenou de volta. Estou bem.

Uma sombra apareceu à sua direita, e ela olhou para cima, totalmente preparada para Craig exigir o paradeiro de Luke para que ele pudesse bater o diabo fora do encontro de Lucy.

Não era seu irmão.

— Oi! — Lucy disse surpresa.

Reece sacudiu o queixo em saudação, usando o pé de seus sapatos sociais alugados para puxar a frágil cadeira dobrável ao lado dela.

Lucy lançou um olhar para ele assim que ele se sentou. — Meu irmão mandou você?

Em vez de responder, ele a estudou, seus olhos penetrantes, sem dúvida, notando o nariz vermelho e a maquiagem desgrenhada dos olhos. — Onde está Dickson?

Lucy suspirou. Luke Dickson era um dos garotos mais populares da classe júnior. Lançador inicial do time de beisebol, tesoureiro do ASB ...

E totalmente incapaz de lidar com a tequila que seu amigo idiota DJ tinha se esgueirou para dentro da limusine no caminho.

— Provavelmente vomitando na lixeira, — disse Lucy. — Sra. Gomez o pegou e chamou seus pais para vir buscá-lo.

— E você?

Lucy voltou a mexer na bolsa. — Ligarei para mamãe ou papai em alguns minutos.

Reece ficou em silêncio por mais um momento. Então ele acenou com a cabeça e, aparentemente satisfeito com a resposta dela, levantou-se no momento em que o DJ anunciou a última música da noite.

Mas ao invés de ir embora como ela esperava, Reece estendeu a mão. Lucy piscou para a mão e depois para ele.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Esta é a parte em que você diz, 'Sim, Reece, vou dançar com você'.

O coração de Lucy acelerou quando ela registrou o calor de sua mão contra a dela quando ele a colocou de pé. — E quanto a Abby? O DJ disse que esta é a última dança da noite.

Reece encolhe os ombros. — Eu verifiquei com ela. Ela não se importa. Ela não gosta muito de dançar. E ela sabe que você é praticamente minha irmã.

Só assim, as borboletas felizes fazendo o coração de Lucy bater muito rápido tiveram suas asas arrancadas.

Ainda assim, ela engoliu seu desapontamento. Dançar com alguém que a descartava como uma irmã ainda era melhor do que não dançar com ele.

Reece a conduziu para a pista de dança enquanto uma balada melosa escorria pelo sistema de som, e quando ela se aproximou dele para colocar as mãos em seus ombros, ela poderia jurar que viu algo parecido com pânico passar por seu rosto.

Lucy lambeu os lábios nervosamente quando as mãos dele encontraram relutantemente sua cintura. — Você está bonito.

Seus grandes ombros encolheram-se sob os braços. — Você pode culpar sua mãe. Ela arrastou a mim e a Craig para a locadora esta tarde.

Houve um momento de silêncio constrangedor, e seus dedos se apertaram um pouco na cintura dela antes que ele limpasse a garganta. — Você está bonita também. Bonita.

Lucy sorriu contra o tecido áspero de seu paletó, embora ele não pudesse vê-la. Ela se sentia *bonita. Seu vestido era rosa claro, com um justo, corpete frisado e uma saia fofa, que ela esperava distrair de seu pequeno tamanho do peito.*

Eles ficaram em silêncio e Lucy se permitiu registrar a pura alegria de estar nos grandes braços de Reece Sullivan.

Sim, ela sabia que ele estava namorando Abby Mancuso e, até esta noite, Lucy realmente gostava de Luke Dickson.

Mas tudo isso não mudou o fato de que nada nunca pareceu tão certo *como neste momento.*

Sem pensar, Lucy apoiou a cabeça em seu ombro, fechando os olhos. Permitindo-se fingir que esta não era apenas uma dança com um cara que pensava nela como uma irmã. Fingir que algum dia em breve ele apareceria na porta de sua casa e diria que não poderia mais sair com Abby porque estava apaixonado pela irmãzinha de seu melhor amigo ...

Seus olhos se abriram. Reece tinha acabado de puxá-la um pouco mais para perto? Nah. Provavelmente sua imaginação.

Então ela sentiu o roçar do queixo dele contra o lado de sua cabeça, o gesto demorado e fugaz, tudo ao mesmo tempo. Quase como se ele estivesse tentando se aproximar da única maneira que podia.

O coração de Lucy parecia estar rachando conforme a música diminuía, sabendo que seu momento perfeito com o cara perfeito estava chegando ao fim.

Reece se formava em apenas alguns meses e então ...

Então o quê?

A música sumiu e Lucy respirou fundo antes de fixar um sorriso brilhante no rosto e dar um passo para trás.

— Obrigado, irmão, *— ela disse provocativamente, colocando ênfase na última palavra, na esperança de colocá-lo à vontade para que ele não se assustasse com a maneira como ela descansou a cabeça em seu ombro como se estivessem juntos.*

Reece não sorriu de volta. Em vez disso, ele franziu a testa, seu rosto todo confuso *antes de balançar rapidamente a cabeça.*

Ele deu um passo para trás, parecendo que queria fugir. A dança tinha sido tão ruim assim?

— Me ligue se não conseguir falar com seus pais, — ele resmungou, antes de passar por ela.

Lucy ficou olhando para ele em confusão.

O que foi isso?

Capítulo 19

Reese

Foram necessários alguns drinques e cada grama das minhas habilidades de conversação reconhecidamente ruins, mas Lucy finalmente, finalmente perdeu aquele olhar assombrado que ela tinha desde que encontrou Oscar beijando aquela garota.

Inferno, por falar nisso, as bebidas aliviaram minha própria raiva com a maneira como ela virou a coisa toda contra mim. O fato é que não quero ficar com raiva dela. Não ontem à noite quando ela parecia tão abalada, e não esta noite quando ela parecia tão feliz.

Amanhã será em breve para lembrar todos os danos que causamos um ao outro.

Estamos na terceira parada da noite, uma boate com pátio. Normalmente não é a minha cena, mas é cedo o suficiente em uma noite da semana para que, embora a música esteja batendo forte e as bebidas fluindo, não está tão lotada que não possamos ter uma conversa na mesa que pegamos do lado de fora.

Ela apoia os cotovelos na mesa, o queixo apoiado nos dedos entrelaçados, enquanto ela me dá um sorriso que é tão parecido com a velha Lucy que quase perco o fôlego com as memórias passando por mim. — Então, quando você vai me dizer o que fez na noite passada? — ela pergunta.

Eu inclino minha garrafa de cerveja em meus lábios. Vinho não parecia certo para a ocasião desta noite, e eu não tenho certeza se confio em mim mesmo perto de Lucy e bebidas alcoólicas.

— Isso está realmente incomodando você, hein? — Eu digo.

Ela encolhe os ombros e dá um gole em seu rum e Diet como se não fosse nada demais, mas eu a conheço bem. Lucy Hawkins está morrendo de vontade de saber se eu fiquei na noite passada.

Que pena, querida. Passei dias imaginando você passando esta noite nos braços de outro cara. Jogo limpo da reviravolta.

— Eu simplesmente odeio ter perdido uma noite em Miami enfurnada no meu quarto de hotel. Esperava viver vicariamente, — diz ela muito casualmente.

Eu sorrio mais amplamente. — Você sempre foi uma péssima mentirosa.

Lucy abre a boca para replicar, mas então seus olhos se iluminam e eu vejo como seu cérebro zumbido de rum se distancia do assunto em questão. — Eu amo essa música.

Ela se vira para mim, olhos expectantes, mas eu apenas bufo. — De jeito nenhum.

Espero que ela proteste, mas ela apenas ri feliz. — Sim, eu percebi.

Eu franzo a testa, um pouco irritado por ser dispensado tão facilmente. Minha carranca se transforma em uma carranca total quando Lucy quase salta de sua cadeira. O gesto faz com que seu pescoço se incline para trás e, pela centésima vez esta noite, percebo meu erro ao encorajá-la a se vestir bem.

Ela deve ter trazido o vestido curto rosa choque para Oscar, porque é sedutor, sexy e mais quente do que foda. A blusa é justa e sem alças, agarrando-se precariamente aos seios redondos empinados, a saia batendo naquela parte provocante do meio da coxa que diz *olhe, mas não toque.*

Pelas portas abertas do pátio, mantenho meus olhos na pista de dança, irritado cada vez que alguém se move para bloquear minha visão, aliviado quando Lucy aparece novamente.

Bem, aliviado e ligado.

Não sei o nome da música, nem do artista, mas é vagamente familiar. Algum número do top 40 com uma voz feminina sensual que aparentemente implora para ser contorcida, porque os movimentos de Lucy são noventa por cento balançar o quadril.

Eu não sou o único que percebe. Um cara alto se aproxima e sem perder uma batida, suas mãos encontram os quadris dela, seus movimentos combinando com os dela enquanto se movem em perfeito uníssono com a música.

Minha cerveja congela a meio caminho de meus lábios. O que diabos é isso?

Parece coreografado pra caralho. Minha cerveja bate de volta na mesa quando Lucy levanta o braço, sua mão enganchando preguiçosamente ao redor do pescoço do outro cara enquanto ela se inclina para ele, sua cabeça contra seu peito, lábios entreabertos.

Seus olhos se fecham quando a mão do cara se move um pouco para baixo, depois para cima novamente, levantando um pouco a saia, e estou me movendo antes que possa me conter.

A música vai se transformando em outra conforme eu entro na pista de dança, uma música latina com um ritmo sexy e poderoso. Eu vejo as mãos do homem deslizarem em direção a sua bunda enquanto seus braços se levantam para envolver seus ombros e puxá-lo para mais perto.

E então eu estou lá, empurrando-o para fora do caminho, minhas mãos substituindo as dele. — Ei …

— Minha, — eu rosno para ele.

Para seu crédito, o cara apenas levanta as mãos em sinal de rendição antes de recuar. Não sei para onde ele vai depois disso, porque meus olhos estão fixos em Lucy.

Espero que ela fique chateada com a minha arrogância, mas embora ela fique momentaneamente parada, ela se recupera rapidamente, seus braços envolvendo meu pescoço enquanto ela pega o ritmo mais uma vez, e eu não acho que seja minha imaginação que seus movimentos estão mais lentos agora. Mais sexy. *Sedutor.*

Eu me movo junto com ela.

Não sou de dançar, mas posso lidar com isso. Esse balanço lento é pouco mais do que um grunhido e, embora eu não saiba nada de espanhol, a essência da música é clara. É uma promessa de noites quentes e suadas, de minhas mãos em sua pele, minha boca em sua boca….

Eu a puxei para mais perto agora, um pouco enervado por como é certo que, depois de todo esse tempo, nos movamos juntos tão bem.

O ritmo muda; há um interlúdio com a voz de uma mulher, e Lucy se afasta ligeiramente, as mãos deslizando sobre meu peito, seu olhar fixo no meu, os dentes se arrastando contra seu lábio inferior em uma sedução flagrante.

Ela se vira lentamente e meus dedos apertam com mais força, pensando que ela pretende se afastar, mas ela está apenas girando, virando-se para que suas costas estejam pressionadas contra meu peito, sua pequena bunda dobrada contra mim.

Merda. Santo inferno e foda-se. Estou morrendo.

Eu não posso me ajudar. Minhas mãos deslizam sobre seus lados, descendo sobre seus quadris, lentamente provocando o tecido para cima, apenas o suficiente para que meus dedos possam tocar suas coxas nuas. Eu a sinto congelar por meio segundo antes de ela retomar sua agitação torturante, mais deliberada desta vez, sua bunda provocando meu pau que endurece mais a cada respiração.

Continuamos assim indefinidamente, torturando um ao outro, a música, a falta de palavras, a cidade desconhecida de alguma forma nos deixando fingir que tudo isto é um sonho. Que na vida real não partimos o coração um do outro, que não nos odiaremos amanhã.

A música diminui até parar muito antes de eu estar pronto, o DJ vindo ao microfone para balbuciar sobre alguma merda.

Lucy se vira lentamente, ambos respirando com dificuldade enquanto olhamos um para o outro.

O que é que foi isso? seus olhos verdes perguntam.

Eu balancei minha cabeça uma vez. *Não sei.*

O mais próximo que posso chegar é transar seco, e isso não é sexy o suficiente para descrever o que acabou de acontecer.

Sem uma palavra, ela se vira e caminha de volta para nossa mesa. Ela pega sua bebida, que agora é quase toda água e gelo, mas eu agarro seu pulso e puxo a bebida.

Ela franze a testa e eu franzo a testa.

— Não seja estúpida, — eu digo, levantando a bebida. — Pegar uma bebida que não está sendo vigiada em um clube. Mesmo?

Ela balança um pouco a cabeça, afastando o cabelo do rosto. — Você tem razão. Você tem razão. Estúpida. Provavelmente bebi rum suficiente.

Estúpido está certo. Nós dois.

— Você quer sair daqui? — Eu pergunto.

Ela acena com a cabeça e estou aliviado. Todos ao nosso redor estão a um drinque de trepar. Não é o tipo de atmosfera em que precisamos estar. Preciso de ar fresco, um copo d'água, uma mudança de cenário….

Instintivamente, estendo minha mão para a dela, e no segundo que fazemos contato, palma com palma, percebo que ainda não estamos fora de perigo.

Este clube esquecido por Deus é o menor dos nossos problemas.

Porque, de alguma forma, Lucy Hawkins e eu devemos sobreviver a uma dança suja, beber muito e depois dividir um quarto de hotel sem nos tocarmos.

Eu mentalmente adiciono um banho frio à minha agenda para a noite.

Capítulo 20

Lucy

Então, forro de prata?

Pelo menos não estou mais pensando em Oscar.

Reece escolheu deliberadamente lugares perto de nosso hotel para que pudéssemos caminhar de volta, e quando saímos do clube, sinto um lampejo de gratidão, porque terei a chance de organizar meus pensamentos, clarear minha cabeça e obter o inferno fora da zona de perigo.

Mas estamos em Miami e é verão. O ar está denso e pesado, assim como a tensão entre nós.

Por que ele veio dançar comigo? *Porquê?*

Exceto que eu sei porquê. Amo dançar, sempre adorei dançar, e não estava tentando deixar Reece com ciúmes daquele outro cara, realmente não estava. Eu só precisava me sentir ... desejada. Reece foi gentil, mas platônico a noite toda, e Oscar, bem ... ele provavelmente estava na cama daquela outra garota.

Então, quando o cara com as mãos agarrando queria dançar comigo, quando ninguém mais tinha ... claro.

Só que Reece não estava tão imune quanto eu pensava, e de alguma forma saiu do que deveria ser uma noite libertadora, abraçando uma vibração de "Todas as mulheres solteiras", e se transformou em ... bem, o que quer que seja *isto*.

Nenhum de nós diz nada enquanto fazemos a lenta caminhada de volta para o hotel, e tudo que posso pensar é que estamos dividindo um quarto.

Para me distrair, tento me lembrar de todas as razões pelas quais deixá-lo em qualquer lugar perto de mim seria uma má ideia. Tento me lembrar de como foi quando o vi beijando outra garota.

Mas o rum está bagunçando meu cérebro, e agora o único lugar para onde minha memória quer ir é Reece e eu juntos. A primeira vez que ele me beijou. A primeira vez que ele tocou meu seio sobre a camisa. Por baixo da camisa.

A primeira vez que eu dei cabeça a ele, a primeira vez que ele colocou a cabeça entre as minhas coxas, e então, finalmente, a primeira vez que ele empurrou dentro de mim, a dor e a maravilha tudo embrulhado em uma memória gloriosa.

— Você está bem? — ele pergunta baixinho.

— Hum?

Ele olha para mim, olhos azuis brilhando. — Você parece meio sem fôlego.

Solto uma risadinha, mas não respondo.

Voltamos ao silêncio, embora estranhamente não seja desconfortável. Tudo bem, é desconfortável, mas não é desagradável. Na verdade, não.

Ainda assim, a tensão está aumentando, e eu chego ao elevador do nosso hotel antes de perceber que preciso dizer algo agora, antes que haja uma cama a alguns metros de distância.

— Eu não vou dormir com você.

Reece nem mesmo pisca, seu olhar fixo nos números do elevador enquanto subimos. — Não me lembro de perguntar.

— Mas aquela dança ...

Ele dá uma olhada. — Era uma dança. Você dançou com o outro cara também.

— O que você não gostou, — digo, com as mãos na cintura. *Admite. Você estava com ciúmes.*

Os olhos de Reece passam rapidamente por mim, arrepios deixados no rastro de seu olhar, mas ele não nega ou confirma, e estou estranhamente desapontada.

Fiel à sua palavra, porém, assim que entramos no quarto do hotel mal iluminado, a sedução parece ser a última coisa em sua mente. Ele acende a luz. Não, ele acende todas as luzes, antes de puxar sua mochila para o sofá e remexê-la, encontrando uma bolsa Ziploc de aparência suja com seus produtos de higiene pessoal.

Ele levanta as sobrancelhas quando me encontra olhando para ele. — Você quer usar o banheiro primeiro?

— Não. — Minha voz está áspera e tento de novo. — Não, vá em frente.

Reece dá de ombros e vai para o banheiro, fechando a porta atrás de si, enquanto eu me abaixo ao lado da cama e tento muito não pensar em como é bom ter seu corpo quente e firme pressionado contra mim. Tento não pensar em como, quando seus dedos roçaram minhas coxas, eu quis me virar para ele, implorar para continuar, arrastar seus dedos para cima e para cima, me tocar em todos os lugares.

Eu gemo, colocando as duas mãos sobre o rosto e caindo de costas na cama, as pernas balançando para o lado.

— Bem. Isto é uma visão.

Sento-me ereta novamente quando percebo que Reece saiu do banheiro e nem está tentando esconder o fato de que percebeu que minha saia subiu.

Eu rapidamente puxo para baixo e ele sorri. Sorri maliciosamente.

Eu dou a ele meu melhor olhar antes de fugir da cama. — Acabou no banheiro?

— Sim.

Mais uma vez, sem olhar para mim. *Bem.*

Eu passo por ele, ignorando que ele cheira a menta, sabonete e homem.

Ele te traiu. Nunca esqueça isso.

Hesito apenas brevemente antes de tirar minha maquiagem, presa entre este estranho lugar de pensar, é *apenas Reece e Ohmeudeus, é Reece.*

Mais ou menos como aquela sensação de querer estar no seu melhor para um cara e, ainda assim, saber que você não precisa, porque ele vai gostar de você de qualquer maneira.

Eu coloco pasta de dente na minha escova e aponto para meu reflexo em um aviso. — Não faça isso. Ele não gosta de você. Lembre-se. E você não gosta dele.

— O que está acontecendo aí, Hawkins? — ele chama.

— Nada. — Enfio a escova de dentes na boca, formando uma espuma furiosa.

No momento em que saio do banheiro, a névoa de rum está desaparecendo, meu sangue está esfriando, meu cérebro está ganhando vantagem sobre meus hormônios.

E então tudo vai para o inferno. Ele está parado lá com nada além de boxers xadrez azuis, e ele é um espécime de homem absolutamente perfeito.

Ele sempre esteve em forma, graças aos esportes do colégio e às longas horas nos vinhedos, mas isso é diferente. Mais uma vez, percebo que o garoto que conheci foi substituído por um homem. E ele é todo homem.

— Droga, Reece, coloque uma camisa.

Ele me lança um olhar perplexo antes de cruzar o cômodo até o armário para pegar o cobertor sobressalente da prateleira de cima. — Você já viu de tudo antes.

— Sim, mas isso foi ...

Reece pega um dos travesseiros da cama. — Isso foi o quê?

— Isso foi *antes*, — eu digo, agarrando o travesseiro.

Ele ri e o agarra de volta. — A sério? Tem tipo seis travesseiros naquela cama. Você não precisa de todos eles.

Eu pego de volta, apenas para me arrepender, porque pelo menos o travesseiro bloqueou parte da visão de seu pacote de seis. Para piorar as coisas, suas boxers estão puxadas para baixo, revelando qualidades musculosas demais.

Estou com tantos problemas.

Ele se vira e eu acho que ganhei, mas ele simplesmente vai para o outro lado da cama, pega um travesseiro diferente e vai até o sofá.

— Você não vai puxar a parte da cama? — Eu pergunto, observando enquanto ele se senta no sofá, pega o telefone da mesa lateral e começa a limpar o que quer que esteja na tela.

— Obviamente não, — ele diz.

Jogo o travesseiro na cama com mais força do que o necessário e vou até a bolsa buscar o pijama.

— Qual é o seu problema, Lucy?

— O que? — Eu estalo.

Ele nem mesmo está olhando para cima de sua cela. — Não é minha culpa que você não consiga decidir o que quer.

— O que você quer dizer?

Dou uma espiada para me certificar de que ele não está olhando, em seguida, tiro o vestido pela cabeça. Seu tom entediado me diz que ele se preocupa muito mais com quem está enviando mensagens de texto do que comigo.

— Quer dizer, você não pode decidir se quer se forçar a fingir que está tentando superar aquele Oscar de limpar a bunda, ou se você me odeia, ou se quer que eu pule em você, mas eu direi você, se você vai se despir na minha frente, é provável que aconteça o último.

Eu me viro, e com certeza ele está olhando para mim.

Eu automaticamente puxo meus braços em direção ao meu peito, a regata em minhas mãos fazendo pouco para cobrir minha frente.

Então, ao mesmo tempo irritada e motivada por sua leitura flagrante do meu corpo quase nu, eu mantenho seu olhar enquanto lentamente abaixo meu braço, deixando-o ver o sutiã branco sem alças, a calcinha listrada preta e branca com renda preta e um pequeno laço como eu vagarosamente puxo a regata sobre minha cabeça.

Normalmente eu tiraria o sutiã primeiro, mas não sou tão corajosa.

Corajosa o suficiente, porém, para virar de costas para ele, inclinando-me ligeiramente enquanto procuro a calça do meu pijama.

Acho que ouvi Reece gemer, e sorrio enquanto retiro o short de algodão branco e coloco-o mais lentamente do que o necessário.

Só então eu desabotoo meu sutiã, sob a segurança da blusa, puxando-o para longe e jogando-o na minha bolsa antes de correr para a cama.

Pego meu diário. Reece não estava nem um pouco errado quando disse que eu estava chorando em meu diário. Estou um pouco envergonhada de dizer que o caderno até agora parece mais com meu diário da sétima série com listras brilhantes rosa e azul-petróleo do que com o diário de viagem que eu imaginava.

Em vez de falar sobre os pontos turísticos e minha impressão de partes do país que eu não tinha visto antes, é um monte de, bem, *garotos*.

Na noite anterior, foram muitos rabiscos encharcados de lágrimas sobre traição e lealdade, alternando entre autopiedade por parecer ser o tipo de garota que os garotos traem e a indignação justa pelo poder feminino que eles até *ousariam*.

Hoje à noite ... Eu bato a caneta contra meus lábios, olhando furtivamente para Reece enquanto tento descobrir como capturar este dia e noite em particular de nossa viagem.

Ele está me ignorando completamente, e suponho que essa é a lição aí.

Fique de olho no prêmio, Lucy. Você está se movendo em direção a Napa e longe de sua história com Reece Sullivan. Não seja aquela garota que se move para trás.

No momento em que ligo meu telefone e apago a lâmpada, ele ainda está me ignorando, exceto que desta vez eu sei que ele está fingindo e está tão determinado quanto eu a evitar o fato de que temos negócios pendentes.

Depois de alguns minutos, eu vejo o brilho fraco de seu celular se apagar, e então não há nada além da escuridão e nosso silêncio.

Não quero falar, mas falo. — Reece?

Por um segundo ele fica quieto e acho que vai me ignorar, mas então ele pigarreia e responde em voz baixa. — Sim.

Porcaria. Não pensei sobre isso. Há tantas coisas que quero dizer, perguntar ... fazer.

Eu solto um suspiro. — Obrigado.

— Por?

Eu puxo o edredom do hotel. — Por ontem. Por vir atrás de mim e me abraçar, embora eu saiba que você me odeia.

Prendo minha respiração, esperando que ele confirme que *não* me odeia. O que é estúpido. Ele não tem motivo para me odiar. Ele é aquele que estragou as coisas.

Prendo minha respiração de qualquer maneira.

Negue. Diga que você sente minha falta como eu sinto sua falta.

Ouve-se um farfalhar e, em seguida, o ranger de uma porcaria de sofá. — Boa noite, Lucy.

Eu aperto meus olhos fechados em decepção. Sua ex-namorada está usando um pijama minúsculo, a menos de três metros dele, e ele nem mesmo está interessado.

O que ... eu não deveria me importar. Eu sei que não deveria. Reece Sullivan me machucou mais do que qualquer pessoa jamais me machucou. Eu deveria manter distância. Sem mencionar que acabei de terminar um relacionamento; a última coisa em que deveria estar pensando é em ficar com Reece.

Mesmo assim, fico acordada até tarde da noite. Querendo saber *e se*.

Lembrar as partes boas com muito mais nitidez do que as ruins.

Capítulo 21

Reese

Eu esfrego minha testa em exasperação.

— Você perdeu a saída.

Eu posso realmente ouvir os dentes de Lucy rangendo juntos, mesmo sobre o hard rock que coloquei para puni-la pelo fato de que não consigo parar de pensar em sua bunda naquele shortinho na noite passada, nem em seus seios no vestido ...

— Talvez se você me dissesse que essa era a nossa saída *antes* de passarmos por ela, — ela rebate, movendo-se para a pista da direita para que possamos sair da rodovia e voltar.

— Eu te disse, — eu rosno.

— Oh, você quer dizer quando você murmurou algo sob sua respiração e então não repetiu quando eu perguntei?

Pego meus M & M's e jogo um punhado para evitar estender o braço e estrangulá-la.

Não começamos bem esta manhã. Acho que foi dividir o banheiro que fez isso. Ter que sentar e ouvir a água correndo, sabendo que apenas uma única porta me separava de seu corpo nu.

E então ela saiu do banheiro vestindo nada além de uma toalha, o cabelo escuro pingando água sobre sua clavícula, cheirando a baunilha e Lucy …

— Você é um péssimo navegador, — ela reclama.

Eu não nego isso. Eu odeio navegar. Está me deixando louco não ser o único a dirigir. Não tenho nada para fazer com minhas mãos, muita liberdade para meu cérebro ir a lugares que não deveria.

— Direita ou esquerda? — ela pergunta impaciente quando chega ao fim da rampa. — Na verdade, não importa. Nós vamos encher de gasolina, e eu vou descobrir as direções e dirigir.

Sem chance. No segundo que ela sai do banco do motorista, eu estou dentro.

Só que a garota me conhece muito bem, porque ela puxa a bomba, desliga o carro, e olha para frente, ficando teimosamente sentada.

Eu empurro minha cabeça para trás. — Quando eu dirijo, eu bombeio.

— Sim, eu vi a maneira como você bombeia. E por mais inexpressivo que seja, não pense que não conheço seu plano, que no segundo que eu desafivelar meu cinto de segurança você estará atrás do volante.

Eu coloco um M&M verde entre meus dentes e sorrio para ela, meu humor melhorou ligeiramente por *seu* mau humor. — Luce. Você acabou de fazer uma piada de sexo com toda aquela coisa de bomba?

Ela revira os olhos e eu me inclino para frente. — Então você pensa sobre isso. A maneira como eu ... bombeio?

Lucy solta um suspiro e, aparentemente, muda de ideia sobre bombear a gasolina, porque ela sai, batendo a porta na minha cara.

Eu saio do carro depois que ela o faz. Tenho a intenção de dar a volta na frente do carro para entrar no lado do motorista, mas me sentindo mal-humorado e com mais do que um pouco de tesão, ando em direção à parte de trás do carro, parando na frente dela quando ela está prestes a alcançar a bomba de gasolina.

Ela olha para mim, seus olhos verdes ilegíveis, e isso me incomoda. Eu costumava conhecer cada pensamento dela, mas ela é cada vez mais um mistério para mim, parte pirralha infantil, parte mulher sexy e, o mais irritante de tudo, parte *minha*.

— O que? — ela pergunta.

Percebo que a empurrei contra a lateral do Horny, mais ciente do que nunca o quão apropriado é o nome do carro para esta viagem.

— Você está me deixando louco, — digo, porque é a primeira coisa que vem à minha mente e a verdade.

Seu rosto registra incredulidade. — Eu? Você é o único com calor e frio! Ou você está me confortando com um abraço, ou me mordendo, ou me mandando omeletes quando estou triste, ou colocando suas mãos em cima de mim na pista de dança, ou então nem mesmo *olhando* para mim quando estamos sozinhos no quarto do hotel.

Eu me inclino, mesmo sabendo que estou brincando com fogo. — Você queria que eu olhasse para você?

Ela desvia o olhar. — Não.

Eu pressiono meu dedo sob seu queixo, forçando seu olhar de volta para o meu. — Lucy.

— Reece.

Eu olho para os lábios dela enquanto ela os lambe, antes de encontrar seus olhos mais uma vez. — Você acha que *estou* com calor e frio? Dois dias atrás você tinha um namorado que mal podia esperar para ver.

Seus olhos vão para o lado e isso me diz tudo que preciso saber. Eu sorrio. — Você ficou *aliviada*, não foi? Você ficou aliviada que o bastardo te traiu para que você não precisasse se preocupar em terminar com ele.

— Sim, Reece. Isso é exatamente o que eu esperava quando dirigi até Miami para surpreendê-lo – que eu o pegasse com a língua na boca de outra garota. Porque isso com certeza funcionou bem para *nós*, não é?

Ela tenta se mover ao meu redor, mas eu bloqueio seu caminho, minha mão encontrando seu quadril. — Chega disso. Você tem que decidir, Luce. Você quer ficar com raiva de mim e me odiar para sempre por algo que aconteceu quando éramos crianças, ou você quer se esfregar contra mim na pista de dança e deixar isso para trás?

Desta vez, quando seus olhos voltam para os meus, eles ainda estão com raiva, mas agora também estão cheios de lágrimas, e isso rasga em mim. — Você *acha* que eu quero lembrar? Você acha que estou me agarrando a essa memória de sua traição para me divertir? *Doeu*, Reece. Ainda dói. Eu esqueço às vezes? Claro. Às vezes esqueço o que você fez. Mas só por um tempinho. Então a memória volta e parte meu coração de novo, e nenhuma quantidade de omelete ou abraços ou flertes podem consertar.

A emoção faz meus dedos cravarem em seus quadris, e eu não sei se é raiva ou exasperação ou dor, e tudo que consigo é exalar, fechando meus olhos e descansando minha testa contra a dela, apenas por um momento, tentando me recompor.

Eu recuo. — Tudo bem então. Tudo bem.

Meus braços caem para os lados e começo a me dirigir à loja para comprar água ou uma Coca-Cola, ou mais M&M. Qualquer coisa para ficar longe dela enquanto meu sangue ainda está fervendo.

— Reece.

Eu paro, mas não me viro.

— Não sou a única que está confusa, — diz ela, com um tom de desafio na voz. — Você também não sabe o que quer.

Continuo andando, porque não há nada a dizer, porque ela está certa.

Eu não sei o que quero. Quer dizer, eu sei que meu corpo quer o dela. Porra, estou meio apavorado de que meu corpo *sempre* queira o dela. Hoje, amanhã, daqui a dez anos.

Mas meu cérebro sabe melhor.

E meu coração? Merda. Meu coração tem arame farpado em torno dele há uns bons seis anos agora, e não há absolutamente nenhuma chance de que a pessoa que escorregar por baixo de minhas paredes de proteção seja a que causou o aumento dessas paredes em primeiro lugar.

Capítulo 22

Lucy

Então, atualize.

Estamos em algum lugar do Tennessee e ... sobrevivendo.

Não há outra palavra para isso, realmente. Já se passaram dois dias desde nosso tanto faz em Miami, e tem havido muita discussão sobre o rádio, onde parar para almoçar, o que comer no jantar …

Exceto que isso se torna exaustivo, assim como tentar manter nossas mãos longe um do outro, então ocasionalmente escorregamos. Ocasionalmente escorregamos para o velho Reece e Lucy, na época em que contávamos tudo um ao outro. Estou lentamente tirando o pedaço de sua vida que perdi enquanto estava na escola, embora o cara não esteja facilitando para mim.

No segundo que eu faço qualquer tipo de progresso, ele reage exageradamente ao me tratar como se eu fosse uma irmãzinha malcriada da qual ele mal pode esperar para se livrar.

Minha cabeça está latejando com a batida de sua música rock detestável. Estendo a mão novamente para trocá-la, e ele bate na minha mão.

— Qual é o seu problema? — Eu estalo.

— Cada um de nós tem trinta minutos de rádio por vez, — diz ele, sem desviar os olhos da estrada. — Tem sido assim o tempo todo.

Mais algumas noites, Eu acho. *Você consegue fazer isso*.

Então estarei em Napa, ele em Sonoma. Perto demais para ser confortável, certamente, mas haverá muito mais espaço do que neste carro estúpido. Obviamente, meu irmão de merda chamou de Horny por um motivo por que, embora eu *odeie* Reece, não consigo passar cinco minutos sem visualizar suas mãos em mim.

Meus esforços com o rádio frustrados, opto por abrir a janela em vez disso.

Reece me dá uma olhada. — Calor?

Eu não respondo. Eu não estou com calor. Bem, talvez um pouco. Principalmente é aquela maldita colônia que ele está usando desde aquela noite em Miami. Não sei como se chama, mas deveriam renomeá-la: Cooter Kryptonita de Lucy Hawkins.

Isso me faz querer pular nele toda vez que ele se aproxima.

Para ser justa, provavelmente eu gostaria de fazer isso de qualquer maneira. Mas o fato de ele cheirar a pimenta, Natal e bourbon não ajuda.

Nós dirigimos em silêncio por mais alguns minutos e eu me distraio procurando ansiosamente por uma parada para descanso para que possamos trocar de motorista. Pelo menos com minhas mãos no volante, não estou tentada a colocá-las nele.

Bem, menos tentada de qualquer forma.

Fico animada quando vejo o sinal azul revelador, e franzo o nariz quando vejo a grande notificação laranja de que está temporariamente fechado e a próxima parada de descanso não é em 64 quilômetros.

Meu humor irritado é interrompido quando o carro dá uma guinada rápida e inesperada, e ouço uma torrente de xingamentos de Reece.

Sento-me no me assento e fecho a janela para impedir a entrada de sujeira que está voando enquanto ele encosta no acostamento. — O que está acontecendo?

— Flat, — diz ele severamente enquanto Horny rola para parar na rodovia quase deserta no meio do nada.

Por um momento, há apenas silêncio, então um whoosh como um semi-camião passa zunindo.

Reece verifica por cima dos ombros para ter certeza de que nenhum outro carro está vindo em nossa direção antes de abrir o lado do motorista e sair, dando uma batida furiosa na porta.

Eu vejo quando ele coloca as mãos nos quadris, mastigando o chiclete de menta que roubou da minha bolsa na nossa última parada de gasolina, dando a volta para olhar o pneu do lado do passageiro.

Então ele me encara, como se fosse minha culpa apenas por estar mais perto.

Dou a ele meu maior sorriso de merda e, mesmo através das lentes escuras de seus óculos de aviador, sei que seus olhos estão se estreitando.

Ele marcha em direção à porta e, depois de olhar mais uma vez para o tráfego que se aproxima (alerta de spoiler, não há nenhum), ele abre a maçaneta da porta. — Saia.

— Porquê? Está quente.

Ele não responde. Ele dá a volta no porta-malas e eu o sigo com relutância, principalmente porque ele desligou o carro e, sem o ar-condicionado, está sufocando.

Hum. Não muito melhor lá fora. E está úmido demais.

Quando chego ao porta-malas, já estou suando. Reece joga uma sacola no meu peito antes de despejar outras na terra ao lado dos meus pés.

— Ei! Você está sujando minhas coisas!

Ele resmunga algo que não consigo entender e provavelmente não quero. Ele finalmente chega ao fundo do porta-malas, puxando o tecido de aparência desagradável que separa as coisas do porta-malas de, não sei ... coisas do carro.

Coisas de automóveis, como se constatou, que incluem um pneu sobressalente.

Ele se move ligeiramente para o lado para que eu possa ver melhor. Eu olho para baixo para ele, então para ele.

Reece gesticula, como se eu devesse puxá-lo para fora do porta-malas.

Eu pisco — Você não pode estar falando sério. Você se esqueceu de como trocar um pneu furado?

Sua expressão é completamente sem emoção. — Sim está certo. Transformei este carro de ser uma pilha de metal enferrujado em um automóvel em execução para levar sua bunda da Virgínia para a Califórnia, mas não ... não tenho ideia de como trocar um pneu.

Eu ignoro seu sarcasmo e faço um gesto com a mão, como se dissesse *Têm-no.*

Ele não se move. — *Você* sabe como mudar um pneu?

Eu franzo meus lábios. — Hum.

Reece usa a mão livre para enfiar os óculos de sol no topo da cabeça, me fixando com um olhar azul glacial. — Você deveria aprender.

— Porquê? Meu pai te deu um cartão Triplo A. Posso não saber trocar um pneu, mas sou muito boa em fazer ligações.

Dou a ele o que sei ser meu sorriso mais bonito, mas ele apenas bufa e usa um dedo para colocar os óculos de volta no nariz. — Vamos. Eu vou te mostrar.

— Espero que por 'mostrar a você', você queira dizer faça você mesmo, — eu murmuro.

Ainda assim, ele tem razão. Não sou uma moleca, mas também não quero ser rotulada como uma daquelas princesas com medo de quebrar uma unha.

(Verdade: se eu tivesse feito manicure nas últimas duas semanas, minha postura agora seria diferente. Mas como estão, minhas unhas estão nuas e cortadas como um aceno para a vibração casual de uma viagem de carro, então ... porque diabos não?)

Eu largo a sacola que estou segurando no chão junto com as outras, coloco as duas mãos em volta do estepe e puxo.

Ele se move, mas só um pouco. Luto com isso. Reece não é conhecido pela paciência e, depois de cerca de 45 segundos, ele se abaixa e o levanta facilmente com um braço, dando-me um sopro daquela colônia terrivelmente maravilhosa no processo.

Porcaria. Agora estou distraída.

Eu também *estou* suando muito agora, e arranco minha blusa onde ela gruda nas minhas costas.

Reece, por sua vez, parece apenas um pouco brilhante, e o visual fica muito bem nele.

Eu quero lamber.

Ele me encara. — Pega, Lucy.

— Pegar o quê?

Meus olhos estão presos em algum lugar perto de sua virilha, e eu o ouço grunhir antes de apontar para a frente do carro. — Role o maldito pneu lá em cima. Vou trazer o macaco.

Eu rio, porque a palavra *macaco* combinada com o fato de que eu estava apenas pensando sobre o seu ...

Eu limpo minha garganta. *De qualquer forma.*

Eu faço o que ele diz, desajeitadamente montando o pneu entre as minhas pernas e rolando-o para frente até chegar ao pneu do passageiro totalmente vazio.

Eu olho para o lado. — O que agora?

Ele deixa cair uma nojenta sacola de cem anos no chão. — Deve haver uma chave de fenda lá dentro. Use-a para arrancar o tampão.

Eu tenho isso.

Alguns minutos depois, eu olho para cima vitoriosamente, tampão aos meus pés.

Ele permanece impressionado.

— Chave inglesa, — ele surta.

Chave inglesa. Eu posso fazer uma chave inglesa. Ajudei meu pai com um punhado de biscates naquela época. Vasculho até encontrar a chave inglesa e a seguro para elogios. Ele me dá apenas o mais leve dos acenos.

— Agora use-a para remover as porcas de roda, mas não as remova completamente.

Eu rio novamente. Eu sei. Eu sei. Mas macaco e porcas? *Sem essa*.

Eu ouço quando ele aponta as porcas, em seguida, uso a chave para afrouxá-las, tentando ignorar o fato de que está como um milhão de graus e a temperatura só parece estar aquecendo sua colônia a níveis inebriantes.

— Eu te odeio, — eu murmuro, enquanto uma gota de suor escorre entre meus seios.

— Você vai me agradecer algum dia.

— Quando? Após o apocalipse quando o Triplo A se transforma em um iceberg, ou algo assim?

— Acho que os icebergs estão derretendo.

— *Estou* derretendo, — rebato, jogando meu peso contra a chave inglesa para soltar a última das porcas, lembrando-me de sua instrução para não removê-las completamente ainda. — Suponho que não queira ajudar?

— Nah. Estou com calor

Eu lanço o pássaro para ele, e ele tem um pouco de misericórdia e se agacha ao meu lado, puxando uma coisa de aparência estranha da bolsa. — Este é um macaco. Não torne isso juvenil.

Eu não respondo. Muito quente.

Eu observo e ouço enquanto ele me mostra como posicioná-lo, em seguida, dá a partida para levantar o carro alguns centímetros.

— Agora você pode tirar as porcas de carga completamente, — diz ele.

— Oh, uau. Posso?

Ainda assim, admito que há uma estranha sensação de satisfação em tudo isso, e faço o que ele instrui, notando a maneira como ele se afasta, de olho no carro ocasional que passa zunindo. Quer dizer, não sei o que ele vai fazer se alguém se importar conosco, mas é bom que ele se importe. Mais ou menos.

Dez minutos depois, a roda velha está desligada, a sobressalente colocada, as porcas de roda colocadas de volta no lugar.

Além de apertar rapidamente as porcas usando os músculos de seu homem, ou o que quer que seja, ele me deixa fazer tudo sozinha e, quando finalmente me levanto, estou suada e suja além da imaginação, e muito orgulhosa.

Mesmo sua expressão impassível não consegue me controlar, e eu sorrio para ele. Para minha surpresa – e tudo bem, *prazer* – ele sorri de volta.

Não um sorriso, mas um sorriso. É leve, mas também é um pouco orgulhoso, e meu coração dá um nó na garganta quando percebo o quanto quero deixá-lo orgulhoso. Por quanto eu quero que ele me queira, não apenas como um pedaço de bunda, mas como alguém importante. Alguém digno dele.

Alguém digno de sua lealdade.

Eu puxo a bainha do meu short jeans e finjo fazer uma reverência pela minha performance de troca do pneu. Ele está me olhando fixamente, como se estivesse contemplando algo.

No segundo que me endireito, sei exatamente o que ele estava debatendo.

Para me beijar ou não me beijar.

As palmas das mãos de Reece pressionam minhas costelas enquanto ele me empurra contra o carro.

Minha respiração sai em um whoosh quando colido com o metal quente de Horny, mas Reece captura o suspiro com sua boca. Esqueço tudo sobre o meu suor, tudo sobre o fato de que minhas mãos estão sujas e que ele não foi um cavalheiro em me obrigar a trocar o pneu.

Minhas mãos são gananciosas em seus ombros, a parte de trás de sua cabeça, sua cintura e suas mãos são igualmente gananciosas, tocando-me em todos os lugares.

Sua boca tem gosto de menta de seu chiclete, seus lábios um pouco salgados de suor.

O beijo se torna rápido e faminto, e também um pouco doce por toda a sua espontaneidade.

Nós dois ignoramos a buzina de um carro que passava. Em seguida, outra buzina. É finalmente a longa e irritada buzina de um semi que nos lembra que a beira de uma rodovia não é o lugar mais inteligente para se beijar.

— O que é que foi isto? — Eu pergunto, um pouco sem fôlego.

Seu olhar cai para a minha boca inchada, sacudindo brevemente sobre o meu corpo, antes de retornar aos meus olhos.

— Você me quer.

Eu pisco — *É isso* que você tem a dizer? Você me beijou.

— Você me beijou de volta.

Eu toco o canto da minha boca e faço uma carranca para ele. — Então? O que você vai fazer a respeito?

Reece, cansado, passa a mão pelo rosto. — O inferno se eu sei, Lucy. Inferno se eu sei.

Capítulo 23

LUCY, DEZOITO, REECE, DEZENOVE

— Espere! — Lucy chamou, pegando outro pedaço de pudim de chocolate do copinho e, com a colher ainda na boca, abriu a porta da frente.

Ela piscou. — Reece! Hum, você esta batendo agora?

Ele sorriu e enfiou as mãos nos bolsos, parecendo envergonhado. — A porta estava trancada. Não estou acostumado com isso a esta hora do dia. Esqueci minha chave.

— Ah, — disse ela, gesticulando para que ele entrasse. — Sim, eu tranco quando estou em casa sozinha. Estupradores e assassinos e outros enfeites.

— E, no entanto, você abriu sem saber que era eu, — disse ele, seguindo-a até a cozinha.

Ela apontou a colher para ele antes de mergulhar de volta no pudim de chocolate. — Você trouxe um bom ponto. Vou escrever isso na minha lista de Dicas de Vida para a Faculdade.

— Se você precisa de uma lista para lhe dizer para não abrir a porta para estranhos, estou pensando duas vezes sobre deixá-la partir em três meses.

Ela deu a ele um sorriso radiante enquanto terminava o copo de pudim e o jogava no lixo. Então ela içou-se para a ilha da cozinha. — Sorte minha, que você não tem uma palavra a dizer.

— Obviamente. Porque se eu tivesse, eu teria você matriculada na faculdade comunitária no final da rua, onde eu posso resgatá-la dos problemas que você está destinada.

Ela estendeu a mão para chutá-lo e ele empurrou seu pé para o lado. — Você está procurando por Craig? — ela perguntou. — Ele disse que ia fazer algumas tarefas, o que tenho certeza que significa que ele está saindo com um de seus brinquedos de garota do colégio.

Reece engoliu em seco. — Sim, não o vi muito desde que voltou da faculdade para o verão.

O coração de Lucy se compadeceu dele. Reece nunca iria admitir, mas ela sabia ele se sentiu deixado para trás com todos indo para a faculdade e ele ficando para trabalhar na mesma vinícola que tinha desde o colégio.

— Mamãe e papai estão em um jantar de festa de futebol com Brandi, mas eu ia pedir pizza. Você quer ficar?

— Nah, vou deixar você ficar com o seu espaço.

— Odeio ter espaço, — disse Lucy. — Além disso, em alguns meses eu irei embora, me metendo em todos aqueles problemas que você mencionou, e então quem vai te dizer que sua camisa é muito pequena?

Ele olhou para baixo, esfregando a mão constrangido ao longo da frente da camiseta apertada. — Sim, tenho feito cada vez mais trabalho pesado nas vinhas ultimamente. Provavelmente é hora de comprar algumas camisas novas.

Ela estalou a língua. — Coitadinho, lutando com todos aqueles novos músculos. Teve notícias de Abby desde que ela voltou para o verão? Aposto que ela vai se arrepender de que vocês terminaram quando ela vir você.

Seu olhar azul surpreso voltou para ela. — Eu juro, às vezes é como se você monitorasse meu telefone.

Lucy forçou um sorriso. — Então você ouviu falar dela.

Ele levantou um ombro desinteressado. — Ela mencionou que quer sair. Ver como eu estava.

— E como você *está? — Lucy disse, inclinando-se para frente, deixando suas pernas balançarem. — Eu quase não vejo você mais.*

Novamente com um encolher de ombros. — Não há tanta razão para vir sem Craig aqui.

Ela soltou uma risada assustada e magoada. — Ai.

Ele estremeceu. — Você sabe o que eu quero dizer.

— Na verdade não, — ela disse, os olhos estreitos. — Achei que éramos amigos também. Não melhores amigos como você e Craig, mas ... sinto sua falta.

Ela não tinha a intenção de dizer isso, mas estava lá fora, e era verdade. Lucy pode ter trabalhado muito duro durante seu último ano para superar sua paixão pelo inatingível Reece Sullivan, mas toda vez que ele aparecia de novo, seu coração estúpido parecia se lembrar que batia rápido demais para ele.

Reece engoliu em seco e cruzou os braços, quase como se estivesse se protegendo.

De que?

Ele pigarreou. — Parabéns pela formatura. Não cheguei a dizer isso na festa com sua comitiva rondando.

Ela riu. — A sério?

Reece encolhe os ombros. — O garoto Bentley ficou terrivelmente perto de você.

— Você conhece Bryan?

— Sim. Ele era de segunda linha correndo de volta quando eu estava começando.

— Você se esqueceu de bater no peito quando disse isso, — ela provocou. — E ele foi titular *depois que você se formou.*

Ela não sabia por que estava provocando Reece, mas ela poderia jurar que havia um toque de ciúme sob sua carranca. Ou pelo menos proteção.

— Eu não estou namorando ele, — ela disse calmamente.

— Bem, ele está interessado, — ele resmungou.

— Talvez, — ela concedeu. — Mas eu não estou.

— Inteligente. Você vai embora em três meses.

— Não é por isso, — disse ela.

Seus olhos se estreitaram por meio segundo, sua expressão ficando cautelosa, mesmo quando seu olhar passou rapidamente sobre o dela, com fome e relutância. Como se ele não quisesse notá-la, mas não pudesse evitar.

Ela sentiu um arrepio de esperança. Não sou só eu.

Então ele relaxou os braços e acenou com a cabeça para trás em direção à porta da frente. — Eu devo ir.

Lucy engoliu sua decepção. O que ela esperava, que ele entrasse aqui e dissesse que as coisas haviam mudado para ele também?

Que ele estava tão ciente dela quanto ela dele?

Ela não esperava por isso. Mas ela se permitiu ter esperança, e isso era tão perigoso.

— Ok. Vejo você por aí, — ela disse, forçando um sorriso.

Reece acenou com a cabeça e se dirigiu para a porta da frente, dando a ela a chance de admirar a maneira como a camisa abraçava seus ombros largos e cintura estreita, e como o jeans se ajustava perfeitamente ao seu ...

Ele se virou antes que ela pudesse apreciar completamente sua bunda. — Há algo que estive pensando.

— Diga, — disse ela, as pernas continuando a balançar preguiçosamente, como se ela não se importasse com o mundo.

— Alguma vez ficou melhor para você?

— O quê? — Lucy perguntou, não seguindo.

— Beijando.

Suas pernas pararam de balançar abruptamente. — O quê?

Reece caminhou em sua direção até ficar a apenas alguns centímetros de onde ela estava sentada. Sua posição no balcão os colocava no nível dos olhos, e o controle absoluto na maneira como ele se movia a fez perceber de repente que ela estaria seriamente perdida com esse cara se ele decidisse fazer um movimento.

— Eu prometi a você que ficava melhor depois do primeiro beijo, — ele disse, se movendo ainda mais perto, mesmo enquanto seu olhar permanecia seguro em sua clavícula. — Quero ter certeza de que não dececionei você.

— Você não me dececionou, — ela disse sem pensar.

Seus olhos voaram para os dela. — Significado?

Lucy decidiu arriscar. Como ele apontou, ela partiria em três meses. Nada a perder. Além de seu coração. — O que significa que meu primeiro beijo continua sendo meu melhor beijo, — ela sussurrou.

— Bem, isso é uma pena, — disse ele calmamente, facilitando para frente quando ela abriu os joelhos ligeiramente para dar espaço para ele se colocar entre eles. — Porque parece que me lembro que não foi meu melhor trabalho.

— Você está querendo fazer tudo de novo, Sullivan? — ela provocou, tentando desesperadamente manter a falta de ar de garota fora de sua voz. Para soar adulta.

Seu olhar caiu para a boca dela e Lucy engoliu em seco. Ela pode não ter dominado a arte de soar como uma adulta ainda, mas a mulher nela sabia que ele queria beijá-la.

Ela prendeu a respiração. Talvez tenha se inclinado para a frente…

Ele recuou, praguejando baixinho enquanto esfregava os cabelos com as mãos.

— O que eu estou fazendo? — ela o ouviu murmurar.

Reece se virou e caminhou em direção à porta da frente, e Lucy quase voou para fora do balcão, passando por ele e ficando entre ele e a porta da frente.

Ele tem um olhar irritado em seu rosto e olhou para ela. — O que?

— Você sabe o que, — ela retrucou. — Não comece algo que você não pode terminar.

— Eu nunca deveria ter começado isso, — disse ele, tentando contorná-la.

Ela deu um passo com ele, bloqueando-o. — Do que você tem medo?

Ele a surpreendeu rindo. — Com você? Tudo.

— Eu também, — ela sussurrou, dando um passo à frente.

Reece ficou tenso, mas não se afastou. — Não faça isso, Lucy.

Ela o ignorou, e antes que seu cérebro pudesse dizer a seu coração para voltar à linha, ela ficou na ponta dos pés e o beijou.

Foi um beijo suave e estranho. Ele era muito mais alto do que ela, e embora ela tivesse tido bastante experiência em beijos nos últimos dois anos, a maioria tinha sido com caras beijando-a, e não o contrário.

Ela pressionou com mais força, seu coração afundando quando Reece não respondeu. Ele não moveu um único músculo enquanto os lábios dela se moviam suplicantes contra os dele.

Lucy caiu para trás, sem saber qual emoção era mais forte: humilhação ou devastação.

Ela engoliu em seco. — Eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu não deveria ter ...

Lucy deu um passo para o lado para fugir escada acima para a segurança de seu quarto, mas ele a agarrou, envolvendo seu braço com os dedos, e a puxou contra ele.

Reece abaixou a cabeça, hesitando por uma fração de segundos antes de sussurrar, — Foda-me.

E então sua boca se fechou sobre a dela, quente e possessiva. Lucy engasgou de surpresa antes de abrir os lábios nos dele.

As mãos de Reece encontraram seus ombros, empurrando-a para a porta da frente. Uma vez que ela estava presa entre a porta e seu corpo, suas mãos levantaram para seu cabelo, emaranhando-se nele e inclinando sua cabeça para que ele pudesse levar o beijo mais profundo.

Lucy o beijou de volta com tudo o que tinha, enquanto uma palavra se repetia em sua cabeça: finalmente.

Capítulo 21

Lucy

A chuva está violenta contra nosso para-brisa e tento não trair meu nervosismo enquanto olho para o meu telefone.

Reece não desvia o olhar do para-brisa, mas sua visão periférica deve notar. — Oscar de novo?

ECA. Oscar.

Depois de dias sem nada, Oscar aparentemente percebeu que agiu como uma ferramenta e me quer de volta. Estou inclinada a pensar que a outra garota percebeu que ele era um pedaço de merda e foi embora. Se o cara tivesse me perseguido então, eu ainda não o teria aceitado de volta, mas o fato de que ele esperou por dias? *Passou*.

Reece finalmente cedeu, perguntou por que meu telefone estava explodindo, mas depois que eu disse a ele, apenas murmurou "Aquele filho da puta" e não mencionou novamente.

— Nah. Eu bloqueei ele, — eu digo batendo minhas unhas contra a tela.

Reece assobia. — Droga. Cruel. Você me bloqueou naquela época?

— Não precisava. Você não me perseguiu exatamente.

Ele não nega, e caímos em um silêncio tenso enquanto a chuva bate mais forte.

Tem sido assim desde o nosso beijo, nós dois perdidos em pensamentos enquanto fazíamos nosso caminho para nossa próxima parada, retirando-nos para nossos respectivos quartos de motel. Passei a noite assistindo a um documentário estranho sobre o processo de fabricação do chocolate, seguido por *Armageddon* (clássico), e me convencendo a não bater na porta de Reece como eu queria.

A tensão diminuiu um pouco quando nos encontramos para o café da manhã, ambos comprometidos em manter uma conversa educada, mas acho que ambos preferimos o silêncio.

Eu olho para o meu telefone enquanto ele vibra mais uma vez. — É minha mãe de novo, — eu digo com um suspiro. — Diz que há um monte de avisos de mau tempo vindo em nossa direção.

Ele ri baixinho. — O quê, ela colocou um rastreador GPS no Horny?

— Nah, mas você conhece Delia. Exige check-ins regulares, sabendo onde estamos, o que estamos fazendo, quem está dirigindo, a que velocidade está dirigindo.

— O limite de velocidade. Sempre.

Eu bufo. A única atenção que Reece parece prestar ao limite de velocidade é ir pelo menos dez mais.

Não tanto agora, no entanto. O que deveria ter sido uma viagem fácil é tudo menos isso. A chuva tem sido constante, e quando penso que não pode cair com mais força, ela cai.

Prendo a respiração quando passamos por um semi, seus pneus gigantes chutando um dilúvio de água no para-brisa que temporariamente coloca nossa visibilidade em zero.

Dou uma olhada nervosa para Reece e, embora ele não diga uma palavra, seus nós dos dedos parecem estar um pouco brancos no volante.

Finalmente passamos pelo semi e a visibilidade melhora, mas apenas ligeiramente. Ainda não há nada além de um borrão no para-brisa e, embora eu nunca tenha realmente me considerado do tipo ansiosa, finalmente reconheço o que está se aproximando na última hora.

— Estou meio que pirando aqui, — digo a Reece. — Podemos parar? Esperar a chuva passar um pouco?

Ele não responde imediatamente, mas ou ouve o nervosismo em minha voz ou também quer uma pausa do tempo do Juízo Final, porque ele lentamente segue para a pista da direita e depois para a rampa de saída mais próxima.

Estou pensando que talvez possamos matar o tempo no McDonald's ou no Taco Bell, mas Reece me surpreende ao parar no estacionamento de uma lanchonete à beira da estrada que parecia ser adorável e agora está simplesmente cansada.

Eu olho para o banco de trás e franzo os lábios quando percebo que não tenho absolutamente nenhuma ideia em qual caixa meu guarda-chuva pode estar. Ou se ele sequer fez a viagem. Algumas das minhas coisas que meus pais enviarão mais tarde.

Reece estende a mão atrás do meu assento, puxando sua jaqueta. — Coloque isso na sua cabeça.

Eu pego enquanto ele empurra no meu peito. — Mas é couro.

— Você está me zoando. É?

Eu rolo meus olhos com o sarcasmo. — Você ama essa coisa. Não vou usá-lo como guarda-chuva.

Reece encolhe os ombros. — Como quiser.

Sem outra palavra, ele abre a porta e sai para a chuva forte vestindo apenas uma camiseta e jeans.

A porta bate em meu protesto, e eu me arrasto atrás dele, hesitando apenas brevemente antes de segurar sua jaqueta sobre a minha cabeça e correr pelo estacionamento atrás dele.

Puta merda, nunca na minha vida vi uma chuva assim. O trovão estala alto e com raiva no momento em que alcanço Reece.

Ele abre a porta para mim e eu corro para dentro antes de tirar seu casaco da minha cabeça. Eu começo a entregá-lo a ele, então começo a rir quando o vejo.

Ele está *encharcado.* A água está escorrendo por seu rosto, sua camisa passou de perfeitamente seca a totalmente molhada nos quinze segundos que levou para ir do carro até a lanchonete.

Antes que eu possa considerar minhas ações, eu corro a mão em seu cabelo curto, rindo mais enquanto a água jorra por toda parte.

— Você está encharcado, — eu digo, minha mão já indo puxar a camisa em seu ombro, querendo ver se está tão molhada quanto parece.

Seus dedos envolvem meu pulso, puxando minha mão antes que eu possa tocá-lo. Minha risada morre quando encontro seus olhos: eles são azuis e brilhantes. — Posso jogar bem na próxima semana até chegarmos à Califórnia, mas não quando você me toca.

Eu puxo minha mão de volta. — *Mesmo*. Então o que foi aquilo ontem quando você passou por cima de mim? Ou na noite anterior na pista de dança?

Seus olhos estão frios. — Erros.

Abro a boca para responder que não parecem erros, mas felizmente sou salva de proferir aquela declaração estúpida pela abordagem de uma garçonete cansada, mas de aparência amigável. — Este é um lugar para sentar-se, crianças. Onde você quiser.

Reece acena em agradecimento e reclama uma cabine próxima sem olhar para mim.

Eu deslizo para o banco de vinil rachado em frente a ele, teimosamente ignorando a forma como sua camisa se agarra ao seu peito. Ele não quer ser tocado. Bem. Vou levantar um para ele. Sem olhar também. Eu nem vou estar *ciente* dele.

Só que isso não parece ir para os dois lados, porque de repente percebo que ele está muito ciente de mim e da minha camisa molhada. A jaqueta cobriu minha cabeça, mas com a chuva caindo forte em todos os sentidos, minha regata ficou um pouco ... pegajosa. Incapaz de resistir, eu arqueio minhas costas ligeiramente sob o pretexto de alongamento depois de um longo dia no carro.

Acho que o ouvi gemer baixinho antes de pegar o cardápio que a garçonete colocou na mesa.

— Posso pegar algo para vocês, crianças?

Eu sorrio, porque ela parece ter cerca de cem anos, e provavelmente parecemos crianças para ela.

— Diet Coke, por favor.

— Coca-cola normal para mim, — Reece diz, abrindo um sorriso amigável. — Eu gosto das coisas reais.

Eu pisco um pouco. Quando foi a última vez que o vi sorrir assim? Amplo e descarado, talvez um pouco coquete?

Quer dizer, ele flerta comigo, mas sempre há uma vantagem, como se estivéssemos em uma batalha de vontades ao mesmo tempo.

A garçonete dá um tapa em seu braço. — Guarde para a garota bonita. Tenho idade suficiente para saber melhor sobre os garotos que se parecem com você.

É a minha vez de sorrir para ela. — Bem, Darla, — eu digo, depois de uma rápida olhada em seu crachá. — Gostaria de ter conhecido você há alguns anos, para saber que este veio com uma etiqueta de aviso.

— Não ligue para ela, — Reece diz em um tom entediado, voltando sua atenção para o menu. — Apenas certifique-se de dobrar o pedido dela. Metade para ela, metade para a bagagem que ela insiste em carregar.

Darla se afasta com um estalo de língua e eu chuto Reece por baixo da mesa. — Mesmo?

Ele abaixa o menu apenas ligeiramente para encontrar meus olhos. — Alguma chance de fazermos esta refeição em silêncio?

Em resposta, eu estendo a mão e coloco o menu na mesa para que eu possa ver seu rosto, ignorando seu suspiro.

— Sim, Lucy? — ele pergunta com paciência exagerada.

Eu dobro minhas mãos. — Obrigado por dirigir hoje.

A cabeça de Reece se inclina para trás, olhando exasperado para o teto descascado. — Isso, depois de dias reclamando de eu não deixo você dirigir?

Eu olho pela janela para a chuva raivosa. — Eu não queria dirigir nisso.

Seu olhar segue o meu. — É uma loucura. Já que sua mãe está estudando meteorologia enquanto estamos nesta viagem, ela te contou quando vai diminuir?

— Não, mas ela ordenou que eu baixasse nada menos que cinco aplicativos de clima no meu telefone, — eu digo, pegando o iPhone e clicando em um deles.

— O que? — Reece pergunta quando eu franzo a testa.

Viro minha tela para que ele possa ver o que estou olhando. O aplicativo está focado em nossa localização e há dois pontos de exclamação vermelhos e um laranja.

— Com o que estamos lidando? — ele pergunta. — Gafanhotos? Falta de alimentos?

— Tempestade forte, inundações repentinas e ... ah, isso é bom. Aviso de tornado, — eu li.

— Merda, — ele murmura, pegando o menu novamente.

Darla volta com nossos refrigerantes, e eu peço um queijo grelhado com bacon, enquanto Reece pega um hambúrguer.

— Qual é o veredicto sobre o tempo? — Pergunto a Darla, enquanto ela rabisca nossos pedidos. — Vai acabar?

Ela olha pela janela, batendo com a caneta. — Para onde vocês estão indo?

— Cidade de Kansas.

Ela franze os lábios. — Não faria isso. Não aconselharia meus filhos a fazer isso, nem meus netos. Tem estado assim desde a noite passada, o rio está cheio, a rodovia está inundada em alguns pontos.

Darla dá de ombros e se afasta em seus tênis brancos brilhantes, já gritando nosso pedido em direção à cozinha.

— Bem, isso é encorajador, — Eu digo.

— É só chuva, — Reece diz.

Os deuses do clima discordam e toda a lanchonete se ilumina com um relâmpago seguido por um trovão que soa como se estivesse bem em cima de nós. A chuva bate ainda mais forte contra a janela.

Pego minha palha, batendo contra a mesa para cutucá-la através da embalagem antes de mergulhá-la no refrigerante. — Então você nunca me contou. Você já falou com Abby?

A Coca de Reece para a meio caminho de sua boca. — A sério? Agora? Aqui?

Eu mordo meu lábio e fico inquieta com a embalagem. — Acho que está em minha mente. Por causa de Oscar, — eu esclareço rapidamente, para que ele não ache que eu estive pensando sobre o beijo de ontem na estrada *sem parar*.

Ele estreita os olhos e sei que não tem nenhuma intenção de responder à minha pergunta. Eu posso ver no conjunto teimoso de sua mandíbula, mesmo antes de ele estalar de volta. — Isso não é mais da sua conta.

— Como você pode dizer isso? — Eu pergunto. — Considerando que ela é a causa de nossa separação.

— Besteira, — ele rebate, antes de abaixar a voz e se inclinar para frente. — *Você* é a razão pela qual nós ... terminamos. Merda, estávamos namorando?

Eu me inclino para frente. — Eu com certeza pensei assim quando entreguei meu cartão V.

Seus olhos se estreitam. — Você age como se tivesse entregado facilmente. Como se não tivesse levado todo o maldito verão para entrar em suas calças.

Eu sorrio lentamente, porque embora suas palavras sejam cruéis, seus olhos são afetuosos, e por acaso eu sei que aqueles meses de preliminares foram muito agradáveis. Para nós dois.

— Então você se lembra.

Seus olhos escurecem. — Inferno, sim, eu me lembro. Cada coisa maldita. A maneira como você beija, a maneira como você prova, os sons que você faz. Lembro-me do olhar em seus olhos na primeira vez que cutuquei você, surpresa e entusiasmo, e ...

Eu engulo secamente. — E o que?

Reece balança a cabeça. — Nada.

Não é nada. Eu sei exatamente o que ele viu em meus olhos naquela noite. *Amor*.

Mas ele não diz isso, e eu com certeza não vou dizer.

Darla traz nossa comida, e o resto de nossa refeição é quase toda silenciosa, nós dois perdidos em pensamentos, ou memórias, ou no meu caso ... ciúmes.

No colégio, havia apenas uma pessoa que causou uma onda em nossa amizade e essa pessoa foi Abby. Eles namoraram por dois anos, e eu sempre soube que ela tinha tudo que eu não tinha. A foto do baile. As mãos dadas. Os jogos de futebol.

Ela era a namorada e também teve o cuidado de me manter no papel de "irmã mais nova". Abby fez questão de ser legal com o meu relacionamento com Reece, mas sempre de uma forma ligeiramente condescendente, como se quisesse lembrá-lo de que eu era praticamente sua irmã.

O melhor dia da minha vida foi saber que eles se separaram quando ela foi para a faculdade.

Não Isso não é verdade. O melhor dia da minha vida foi quando Reece me beijou de verdade.

Mas o pior dia da minha vida foi quando percebi que, embora ele pudesse estar dormindo comigo, seu coração ainda estava com ela – com a namorada do colégio que foi para a faculdade apenas para voltar correndo para seus braços abertos, enquanto eu, a patética e adorável rebote, observou.

Literalmente observou.

— Lucy.

Eu olho para cima quando vejo Reece me observando, e mesmo que ele pareça cauteloso e frustrado, há algo mais lá também. Algo vulnerável, até um pouco sensível.

Então ele o desliga. — Deixa pra lá.

Ele acena com a cabeça para o meu prato quase vazio. "Você acabou?

Eu concordo.

Reece pega sua carteira, joga algumas notas, e foge para fora da mesa, indo em direção à porta da frente.

— Podemos dividir, — eu digo, pegando minha bolsa e sua jaqueta, e correndo atrás dele.

Ele não se preocupa em responder, e quase bato em suas costas enquanto o sigo na tempestade.

Eu vejo imediatamente porque ele parou, entendo exatamente porque ele está xingando baixinho.

O estacionamento é uma piscina. — Puta merda, — eu grito sobre o vento uivante, levantando minhas mãos para proteger meus olhos para que eu possa olhar para Horny. A água está com mais da metade dos pneus. — O que aconteceu?

— Acho que eles não estavam brincando com o aviso de enchente, — ele responde.

Eu olho para ele. — E agora? Não podemos dirigir nisto. E Darla disse que a rodovia também está inundada.

Reece verifica o estacionamento antes de apontar para a nossa direita.

Demoro um segundo para perceber o que estou olhando. Luzes de néon fracas diziam *Motel*, exceto com o t apagado. Mesmo com a forte tempestade, posso dizer que o motel não teve um único upgrade desde a administração Reagan.

— Você só pode estar brincando comigo.

Reece sorri para mim, parecendo deliciosamente infantil, mas a maneira como a camisa está colada em seu torso novamente é totalmente masculina. — Sim. Vamos ficar em Moel.

Com isso, ele agarra minha mão, me puxando em direção ao carro para que possamos pegar nossas coisas, e eu grito de horror enquanto o sigo através da água que chega até meus tornozelos. Aparentemente, onde quer que estejamos, a drenagem é péssima.

— Não podemos ficar naquele lugar nojento, — grito atrás dele, caminhando em direção ao carro.

Ele olha para trás, o sorriso feliz ainda no lugar, como se estivesse *gostando* disso. — Assustada?

— Hum, sim. De herpes. Mofo. Percevejos.

Reece ri baixo e alto enquanto tira as chaves de sua calça jeans encharcada e abre o porta-malas. Enquanto eu encaro seu perfil feliz, me ocorre que a única coisa de que eu realmente deveria ter medo está bem na minha frente: o garoto que uma vez quebrou meu coração, e que eu estou apavorada em breve terá o poder de fazer isso tudo de novo.

Capítulo 25

Reese

Para surpresa de ninguém, o motel tem muitos quartos disponíveis. Não há necessidade de dividirmos um quarto.

Digo a mim mesmo que estou aliviado. Aliviado por haver uma parede e duas portas me separando da encharcada, Lucy.

Há quanto tempo não a vejo assim, eu me pergunto, enquanto corremos do balcão de check-in para nossos quartos.

Há quanto tempo não *estou* assim? Leve, despreocupado e ... feliz?

Não desde que meu pai ficou doente, certamente.

Talvez nem mesmo depois que eu cruzei os olhos com uma Lucy de coração partido sobre a cabeça loira de Abby Mancuso e soube que minha vida nunca mais seria a mesma, que nunca mais me sentiria tão feliz como naquele verão em que Lucy olhou para mim como se eu fosse a luz da vida dela – como se eu fosse digno.

Mas estou sentindo algo próximo agora. Tive um vislumbre de como minha vida poderia ter sido quando estupidamente a beijei na beira da estrada ontem como um cara que não conseguia se conter.

Porque eu não pude. Nada poderia ter me impedido de beijar Lucy naquele momento, ela parecia toda orgulhosa, vitoriosa e suada, e minha.

Ontem, ela tinha sido perigosa para mim, e a situação só está piorando. Mais intensa.

Sei que parece uma merda de hippie, mas tenho a estranha sensação de que essa chuva apocalíptica está de alguma forma limpando. Tipo, está lavando a porcaria dos últimos anos, limpando as memórias que nos assombram.

O estacionamento do motel não está tão inundado quanto o da lanchonete, mas isso realmente não importa. Estamos encharcados, minha jaqueta de couro provavelmente estragada, mas eu não me importo.

Eu não me importo com nada, mas o fato de que estamos sorrindo, e talvez um pouco sobre o fato de que a regata verde de Lucy está colada contra seu corpo, revelando o contorno de seu sutiã, e se eu olhar fixamente o suficiente, o contorno de seus mamilos.

Estamos caminhando pelo estacionamento, quase até os quartos, quando o pé de Lucy atinge um pedaço de lama escorregadia. Ela está prestes a cair de bunda, mas eu a pego bem a tempo, puxando-a contra mim.

Com sacos molhados imprensados desconfortavelmente entre nós, ambos com frio e tremendo, o momento não deveria ser sexy.

Mas quando ela levanta os olhos para os meus, emoldurados pelas pontas úmidas de seus longos cílios, seus olhos escuros e esfumados, em parte por causa da maquiagem borrada, em parte pelo calor entre nós ...

Droga, mas eu a quero. Sempre ela.

Talvez *só* ela.

Eu coloco meus olhos em sua boca, abaixando minha cabeça ligeiramente, lentamente. Estou dando tempo para ela se afastar, preparando-me para a rejeição.

E é uma coisa boa também, porque ela se afasta, só um pouco, mas é o suficiente. O suficiente para me dizer para recuar.

Aparentemente, o poder de cura dessa chuva de peste pode lavar um pouco do sangue ruim entre nós, mas não todo.

Pego sua bolsa, jogando-a sobre meu ombro livre, esperando que ela pense que esse era o meu plano o tempo todo. Que eu não estou obcecado em prová-la novamente, descobrir se sua boca está tão perfeita contra a minha agora quanto estava ontem.

O vento aumentou e me lembro do aviso de tornado. Eu aceno para ela continuar em direção aos quartos, não que este prédio caindo aos pedaços forneça qualquer tipo de proteção se o tempo decidir virar todo *Mágico de Oz* em nós.

Apesar do fato de o motel ter um milhão de anos, eles me surpreenderam ao fazer um upgrade para cartões-chave de plástico em vez de chaves da velha escola, e Lucy ri enquanto seus dedos escorregadios tocam os dela no chão.

Como se tornou nosso hábito, espero vê-la em seu quarto antes de entrar no meu, e com ela se afastando de mim, me permito observar a linha fina de suas costas, a curva de sua bunda sob o short jeans ...

— Mal posso esperar para ver que tipo de paraíso que me espera, — diz ela, enquanto enfia a chave na porta.

A luz pisca em verde e Lucy gira a maçaneta da porta para abri-la….

A porta não abre, e nós dois olhamos para a maçaneta barata que agora está inutilmente na mão de Lucy, não está mais presa à porta.

— Bem, então, — diz ela. — Não posso dizer que não esperava isto.

Ela ri de novo, se virando e olhando para mim, seu sorriso ainda feliz, apesar do tempo. — Você pode simplesmente deixar minha bolsa aqui. Vou correr de volta para a recepção, ver se eles têm outro quarto.

Estou prestes a dizer a ela para esquecer – que eu vou, quando vejo um movimento com o canto do olho.

Eu viro para a minha direita, vejo que o homem que está hospedado no quarto 9 veio para ver seus novos vizinhos, e o cara é ...

Assustador pra caralho.

Cabelo grisalho ralo, camisa de espancamento desbotada, calças cáqui feias e olhos que caem para o lado maluco de *esquisitão.*

Olhos que nem me veem, porque estão fixos em Lucy.

Oh infernos não.

Não vou mandá-la de volta para a tempestade para pegar uma nova chave e tenho certeza de que não vou deixá-la aqui sozinha. Mas nós dois vamos conseguir um novo quarto parece estúpido, especialmente porque de jeito nenhum vou deixá-la fora de minha vista com esse cara espreitando e sua única proteção uma porta frágil.

Ela se mexe inquieta sob o escrutínio do cara.

Foda-se.

Eu coloco uma mão possessiva na cintura dela, puxando-a em direção à minha porta, mudando de forma que eu bloqueio a visão do cara dela, dando a ele um olhar feroz de *Volte para o seu quarto*.

Ele finalmente parece registrar minha presença, sua expressão beirando o mau humor enquanto ele se esgueira de volta para seu próprio quarto.

Eu vejo as cortinas das janelas se moverem e olho para Lucy, sorrindo quando ela murmura algo *estranho*.

Abro a porta e nós dois estremecemos. Nós ficamos em alguns quartos de motel de merda até agora, mas este leva o bolo.

— Pelo menos não tem cheiro? — Lucy diz, enquanto eu fecho a porta e uso a pequena corrente para trancar a porta.

Jogo nossas malas na cama, estremecendo quando ela afunda mais do que deveria. Talvez dormir no chão seja uma bênção.

Então eu olho para o tapete, notando as manchas duvidosas.

Ou não.

Lucy abre o zíper de sua bolsa, puxando sua blusa com dois dedos, e eu cerro os dentes para não notar como ela gruda. — Quão bom é um banho quente e roupas secas agora?

No momento, estou muito mais intrigado com Lucy no banho do que com roupas secas. Minha mente lampeja com o pensamento de nós tomando banho. Juntos. Eu a apertando contra a parede, minhas mãos por todo o seu corpo ensaboado, meus lábios em seu pescoço enquanto ela inclina a cabeça para trás, gemendo de prazer.

Deus, eu amo o jeito que ela costumava gemer.

— Vou providenciar outro quarto para nós, — digo em voz baixa.

Ela se vira. — Oh, não me deixe. Aquele cara ao lado ...

— Tem a definição muscular de uma criança de quatro anos. Por mais frágil que seja essa fechadura, ele não está conseguindo passar.

— Por favor. Fique.

Eu encontro os olhos dela. — Não posso ficar aqui neste quarto com você, Lucy. Não com uma cama. Muita tentação.

Ela segura os cotovelos com as palmas das mãos e parece se enrolar em si mesma. — Tentação porque sou eu, ou apenas porque faz um tempo desde que você transou?

Meu temperamento aumenta. — Eu não sou um animal. Eu não corro atrás de nada com tetas.

Lucy não diz nada, e isso me irrita ainda mais, e dou um passo mais perto. — Isso é o que você pensa, não é? Que eu não tenho um pingo de decência, que vou me divertir com qualquer uma que ofereça.

— Não qualquer uma, — diz ela em voz baixa.

Ela não diz mais nada, mas eu sei exatamente o que ela não está dizendo, e completo a frase por ela. — Apenas Abby Mancuso. É isso? Jesus Cristo, você deixaria isso passar? Ainda não estou preso à minha namorada do colégio.

Ela não encontra meus olhos, e agora estou chateado. Passo a mão no rosto, ignorando o fato de que jogo a água em todo lugar. O que nós dois precisamos é de uma toalha para secar, alguma distância da felicidade de cinco minutos atrás e da raiva de agora.

Continua acontecendo assim conosco, e estou farto disso. Empurrar puxar, flertar, brigar, rir ...

E agora isso.

Seja o que for. Outra briga, suponho, mas eu só, eu não ...

— Estou farto disto, Lucy. Não podemos continuar fazendo isto.

— Então você não deveria ter concordado com a viagem!

Eu me aproximo. — Não coloque tudo isso em mim.

— Mas *tudo* depende de você!

— Como *diabos* você descobriu isso?

— Você nos arruinou. Tínhamos algo perfeito e você estragou tudo.

Bem. Ela quer resolver isso, vamos fazer isso, porra.

Eu chego ainda mais perto dela até que estamos cara a cara, — Não, *você* estragou tudo. Você saiu. Eu era sua aventura de verão antes de sua vida real começar. Você sempre deixou isso perfeitamente claro.

Sua cabeça se inclina para a minha, sua boca se abre em surpresa, e eu me pergunto ... eu nunca disse isso? Eu nunca disse a ela o quanto doeu vê-la desaparecer da minha vida?

Eu digo a ela agora. — Você era tudo para mim, era a única coisa na minha vida que me mantinha centrado e só falava em ir embora.

— Abby era o seu centro, — ela sussurra. — Ela foi sua namorada por dois anos, e …

— Pare. — Minha mão se levanta, meu polegar limpando a umidade de sua bochecha, sem saber se é chuva ou lágrimas. — Ela era minha namorada, não minha melhor amiga.

Ela engole. — Que era Craig.

Eu rio e solto minha mão. — Jesus, você é teimosa. Você se recusa a reconhecer que você era importante?

— Reece.

Eu me afasto e vou até a porta. — Eu vou conseguir meu próprio quarto. Tranque a porta atrás de mim.

— Reece!

Eu não volto. Estou andando em círculos com essa garota, e isso tem que parar. Ela está certa. Eu não deveria ter concordado com esta viagem. Inferno, eu nem deveria ter entrado em sua órbita. Ela estraga tudo.

Ela *me* arruína.

— Reece!

Estou na metade do estacionamento e mal a ouço por causa da chuva que continua trovejando, mas agora volto. — Droga, Lucy, volte ...

Ela aparentemente não esperava que eu parasse, porque seu corpo bate no meu, nossa respiração sibilando, embora eu ache que é mais pela proximidade do que pela colisão.

— Eu realmente importava? — Ela pergunta, respirando com dificuldade e olhando para mim.

Está na ponta da minha língua puni-la. Para dizer sim, ela *importava*, mas para enfatizar o passado. Ela importou uma vez. Já não.

Mas dane-se. Ela *é* importante. Tempo presente.

Eu não tenho palavras. Nunca tive palavras para dizer o que sentia por ela naquela época, e não as tenho agora. Inferno, nem tenho certeza se sei o que sinto por ela agora.

Ela é teimosa, provocadora e irritante, e…

Foda-se.

Eu coloco a mão em seu cabelo e puxo seu rosto para o meu para que minha boca possa reivindicar a dela.

Eu gemo no segundo que nossos lábios se tocam e meus dedos flexionam ligeiramente em seu cabelo úmido quando a sinto enrijecer. *Não. Não se afaste.*

Em seguida, os lábios de Lucy suavizam sob os meus, inclinando-se para o beijo enquanto seus braços envolvem meu pescoço.

Digo a mim mesmo para ser casual, para não devorá-la no meio de um estacionamento durante uma tempestade de verão do inferno, mas contenção nunca foi realmente minha praia, especialmente com Lucy Hawkins.

Seu beijo é doce e perigoso, tanto provocador quanto apaixonado, e para que ela não fique confusa sobre quem está conduzindo esse beijo, eu deslizo minha mão ligeiramente para baixo, agarrando sua nuca enquanto meu outro braço a envolve, arrastando-a por todo o caminho contra mim.

Eu empurro seus lábios e ela me deixa entrar com um suspiro suave.

Minha. Sempre minha.

Os relâmpagos surgem, o trovão late e o vento joga a chuva violentamente contra nós, mas não percebo. Não estou ciente de nada além dela e de seu calor.

As unhas de Lucy arranham minha cabeça, meu pescoço, e cada pontada de dor é o contraponto perfeito para a suavidade de sua boca.

Eu tinha razão. Ninguém tem o gosto de Lucy, os gemidos suaves de nenhuma garota me atingiram no nível do estômago como os dela.

Se ela tivesse me dado uma chance todos aqueles anos atrás, se ela tivesse ficado …

Eu afasto minha boca, empurrando-a de volta não muito gentilmente.

Ela tropeça um pouco, e eu estendo a mão para firmá-la, mas ela se encontra rapidamente e me afasta. — Já se arrependeu, Sullivan?

Seu tom é sarcástico, e pisco através da chuva. Só assim estamos lutando novamente.

Ela abre a boca e eu levanto a mão. — Não faça isso. Se você vai dizer algo sobre outras mulheres, ou sobre a foda de Abby, apenas guarde. Você pensa o que quiser sobre mim, mas cansei de fingir que sua opinião importa.

Sem outra palavra, eu vou embora. Deixe-a ver como ela gosta.

Pego a chave de outro quarto, uma porta abaixo do quarto original de Lucy.

Quando eu volto, minha bolsa está fora da porta.

Eu olho para a porta onde a trepadeira está ficando, em seguida, bato com os nós dos dedos impaciente contra sua porta. — Lucy. Esta porta está trancada? Eu sei que você está brava, mas não se esqueça do vizinho assustador.

Não há resposta, mas um segundo depois meu telefone vibra.

Sim. E pelo que vale a pena, prefiro lidar com ELE do que com VOCÊ.

Eu rolo meus olhos e pego minha bolsa. Vejo que estamos alcançando novos patamares de maturidade hoje.

Eu vou para o meu quarto, que é tão nojento quanto aquele em que ela está hospedada.

Deito na cama, mas continuo pulando do colchão a cada batida, a cada rangido, olhando para fora a cada meia hora para ter certeza de que a trepadeira mantém distância de Lucy.

Entre essas tentativas de protegê-la, o beijo se repete na minha cabeça como um filme, e mesmo quando eu caio no sono, ela está esperando lá também, consumindo meus sonhos.

No entanto, isso não é surpresa.

Lucy Hawkins faz isso há anos.

Capítulo 26

Lucy

Meus rabiscos em meu diário de viagem são tão ferozes que minha caneta rasga a página.

Solto um suspiro, respirando com dificuldade enquanto olho para o papel rasgado, minha caligrafia geralmente amigável, cheia de curvas, toda dura e cortante, enquanto eu reclamo sobre como Reece continua provando repetidamente que ele não é um material de longo prazo. Ele é o tipo de cara que você persegue na chuva em busca de um beijo quente, não o tipo de cara para quem você caminha pelo corredor.

Uma aventura de verão? *Isso* era o que ele pensava que era? Eu estava pensando em me casar com o idiota, e ele pensou que era apenas uma aventura de verão?

Eu não posso mesmo.

Eu ataco a página com a caneta novamente, falando sem parar sobre como ele não era um caso de verão na época, mas isso é tudo que ele é agora. Um cara gostoso que não tem nada a ver com ele além do fato de que ele beija muito, *muito* bem ...

Eu gemo de frustração e jogo o caderno de lado. Não consigo me lembrar da última vez que me senti tão ... furiosa.

Furiosa com a maneira como Reece me faz *sentir*. Esperançosa, cautelosa e quente, tudo ao mesmo tempo.

Eu ainda posso sentir o gosto de seu beijo, mas meu corpo inteiro está no limite do desejo. Eu simplesmente não consigo decidir se é a vontade de ficar nua embaixo dele ou jogá-lo no trânsito.

Minha cabeça levanta quando ouço uma batida na porta.

Meu coração bate forte, e não tenho certeza se é por medo de que seja o cara estranho da porta ao lado ou se é Reece.

Eu engulo. — Sim? — Eu chamo.

Nada.

Eu balanço minhas pernas para fora da cama, caminho até a porta e olho pelo olho mágico.

Reece.

Seus braços estão cruzados, seus ombros tensos, enquanto ele olha para a minha porta.

Ele está respirando com dificuldade, e meu cérebro estúpido se pergunta se ele está um pouco suado por baixo da camisa. Me pergunto se suas costas estariam escorregadias contra minhas palmas, seu peito úmido enquanto ele me pressiona na cama, pele com pele ...

Eu descanso minha testa na porta, batendo levemente contra a madeira.

Droga, Lucy. Aprenda já a sua lição.

— Abra a porta.

Sua voz é baixa e autoritária, e mesmo quando abro a boca para dizer a ele para se ferrar, minha mão encontra a fechadura da corrente.

Um segundo depois, não há porta entre nós. Nada além de tensão e desejo separando nossos corpos ansiosos.

Ele se aproxima. — Droga, Lucy, — diz ele rispidamente, parando a um pé de mim. Perto o suficiente para sentir o calor de seu corpo, mas não tão perto quanto eu quero. *Necessidade.*

— Por que você está sempre com raiva de mim, — eu sussurro. — Não consigo fazer nada direito.

— Raiva, — diz ele com uma risada. — Isso é o que você acha que isto é? — Reece alcança estendo a mão, deslizando em meu cabelo, espalmando minha cabeça enquanto ele inclina meu rosto para cima. — Eu não estou com raiva.

Abro a boca para dizer ... nem sei o quê. Em vez disso, eu balanço minha cabeça. Não podemos fazer isto – não deveríamos fazer isto.

Os dedos de Reece se apertam. — Diga-me, Lucy.

É um comando.

— Dizer o quê? — Eu pergunto, cedendo ao calor do seu olhar e tudo o que ele promete.

— Que você quer isto. Que você me quer.

Suas palavras são ásperas, mas seus olhos são vulneráveis e isso quase me destrói. A parte do meu coração que sempre foi dele se abre um pouquinho.

Eu encontro seus olhos. — Eu quero isto. Quero você.

Seus olhos brilham em vitória, e seu outro braço envolve em volta de mim no momento exato em que sua boca toma a minha.

Capítulo 27

Reese

Não sou filósofo, mas se meus vinte e cinco anos me ensinaram alguma coisa é que todo cara chega a uma encruzilhada. Essa proverbial bifurcação na estrada.

Para mim, o momento foi quando olhei nos olhos da garota que foi tudo para mim por dez anos, sabendo que beijá-la significaria perdê-la. De pensar que tê-la uma vez seria menos doloroso do que ter apenas um pouco dela para sempre.

Eu tinha dezenove anos e era burro. E errado. Totalmente errado, sobre tê-la uma vez sendo o suficiente para amortecer a dor de tê-la saindo da minha vida.

Há apenas uma semana, eu teria jurado que aprendi minha lição.

E, no entanto, aqui estou eu, em um motel de merda no meio do nada, cometendo todo o erro de novo.

O problema é? Nada disto parece um erro.

Não do jeito que sua língua timidamente roça a minha enquanto suas mãos se acomodam na minha cintura, hesitantes no início, então seus dedos apertando o tecido em punhados gananciosos, me puxando para mais perto.

Mas ela é tarde demais. Já estou mais perto, um braço em volta das costas dela, colando seu corpo ao meu, parecendo prometer que se eu puder apenas trazê-la para perto o suficiente, ela não será capaz de me deixar sozinho novamente.

Assim como naquele beijo na chuva, sua boca é perfeita. Familiar e nova ao mesmo tempo. Uma parte de mim está apavorado ao beijar Lucy sempre será assim – aquela estranha sensação de voltar para casa pela primeira vez, *todas* as vezes.

Quando bati em sua porta, eu pretendia apenas isso. Apenas o beijo para puni-la por ser tão linda.

Então as unhas de Lucy cravam em meus lados, a timidez em seu beijo substituída por uma fome de combinar com a minha, e eu sei que tenho uma escolha. Outra encruzilhada.

Eu posso me afastar agora, salvar nós dois da agonia de amanhã, ou ...

Ou, posso fechar a porta atrás de nós e ceder ao êxtase desta noite, amanhã que se dane.

Lucy se afasta ligeiramente, seus lábios roçando a parte inferior do meu queixo. Em seguida, seus quadris se movem contra os meus, não muito, mas apenas o suficiente para ela saber que estou duro, e eu saber que ela quer isso tanto quanto eu.

Desculpe, amanhã. Eu preciso muito dessa noite.

Capítulo 28

LUCY, DEZOITO, REECE, DEZENOVE

As mãos de Lucy tremeram ao erguerem-se para enquadrar o rosto de Reece acima do dela. — Por que você parou?

Os olhos azuis de Reece brilharam nos dela. — Não deveríamos fazer isso, Lucy.

Seu estômago embrulhou, a dor rasgando por ela. — Você está me dizendo isso agora.

— Shh, não, — ele sussurrou, silenciando-a com um beijo. — Isso não foi o que eu quis dizer. Eu quero isso mais do que jamais quis qualquer coisa. Mas assim? Você merece mais…

Lucy mordeu os lábios e abriu ainda mais as pernas, sentindo a forte pressão de sua ereção contra seu corpo nu. — Eu tenho tudo que eu quero.

— Oh Deus, — ele sussurrou, o rosto caindo em seu pescoço. — Eu não posso ... eu não posso resistir a você.

— Então não resista, — ela sussurrou.

Ele beijou a coluna de sua garganta antes de levantar a cabeça novamente, procurando seu rosto. — Você tem certeza? Preciso que você tenha certeza, Lucy. Todo o caminho.

Ela encontrou seu olhar com ousadia, o nervosismo de sua primeira vez diminuído pelo acerto de fazê-lo com Reece. — Você trouxe um preservativo, certo?

Reece soltou um suspiro, então a beijou suave e profundamente antes de estender a mão para sua calça jeans descartada ao lado de sua cama.

Um momento depois, ela ouviu o rasgo de uma embalagem e fechou os olhos com força.

— Ei, — ele sussurrou, as palmas das mãos segurando sua cabeça enquanto esperava que ela abrisse os olhos. — Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Você sabe disso, certo?

Lucy acenou com a cabeça, dizendo-lhe com os olhos que ele foi a melhor coisa que já aconteceu a ela também, mesmo que ambos evitassem a dor de cabeça que estava a apenas algumas semanas de distância. Quando ela iria embora para a faculdade, deixando-o para trás, e não haveria nada desta intimidade, não mais dele se esgueirando para dentro do quarto dela.

Diga a ele como você se sente. Peça a ele para esperar. Peça a ele para ir com você. Diga a ele que você o ama o suficiente para encontrar uma maneira de fazer isso funcionar.

Lucy estendeu a mão, segurando seus pulsos. — Reece. Reece, preciso te contar. Eu acho que eu …

Seus olhos piscaram em pânico. — Não faça isso, Lucy. Não pense.

Ela sabia o que ele estava realmente dizendo. Não diga isso. Não me diga que você me ama.

Seu coração doeu pelo garoto quebrado nele que não tinha ouvido o suficiente. Mas ela podia esperar para dizer as palavras até que ele estivesse pronto. Ela esperou por anos.

Então, ao invés de dizer a ele as palavras de seu coração, ela sorriu devagar e esperançosamente sensual, inclinando seus quadris para cima. — Por favor. Agora.

Reece nunca quebrou o contato visual enquanto a cutucava, devagar no início, dando a seu corpo tempo para se ajustar.

Isso machuca. Ela sabia que doeria. Mas também foi perfeito.

E quando finalmente ele estava dentro dela completamente, seu corpo se juntou ao dela, seus olhos brilharam em vulnerabilidade e seu coração disparou porque ela sabia o que ele estava sentindo, mesmo que ele ainda não entendesse.

Estava escrito no rosto de Reece Sullivan: ele também a amava.

Capítulo 29

Lucy

Reece me solta com uma mão, a outra estende-se atrás dele e fecha a porta do quarto do motel com uma batida firme e decisiva.

O som rola por mim. Sei que tenho exatamente três segundos para recobrar o juízo – para me concentrar no fato de que, uma vez que nos vermos nus, a viagem de carro de amanhã vai ser torturante.

Mas então ele me beija novamente, me girando, então estou imprensada entre seu corpo rígido e a parede dura.

Sua boca é quente e possessiva, e estou perdida. Eu *quero* isto. Eu quero a segunda vez com Reece que eu deveria ter tido seis anos atrás. Eu quero – não, eu *preciso* – provar para mim mesma que a perfeição daquela época antiga era devido ao romantismo feminino. Que ele não era *realmente* muito melhor do que todos os caras desde então.

A mão de Reece desliza para baixo sobre minha bunda, para baixo atrás da minha coxa, levantando-a para que ele possa se mover entre minhas coxas abertas, e eu gemo. De repente, não tenho certeza se meu plano não vai sair pela culatra em grande escala – que Reece não vai provar que ele não é apenas tão bom quanto eu me lembro ... mas melhor.

Ele se afasta ligeiramente, seus olhos escuros e tempestuosos enquanto ele lentamente levanta as sobrancelhas. Sua expressão contém um desafio e uma promessa. — Última chance.

Eu me estico, minha mão deslizando ao redor de seu pescoço e puxando sua boca para a minha e o beijo com todo o desejo e dor de cabeça dos últimos anos.

O trovão bate e me ocorre que, embora o tempo não pudesse estar pior, o quarto do motel não poderia estar mais nojento, o momento está bem perto da perfeição. Somos apenas nós, e uma cama e um barco cheio de memórias agridoces.

Ele me beija sem parar e, lentamente, sinto minhas dúvidas desaparecerem. Eu me permiti acreditar, apenas por um segundo, que ele me quer do jeito que eu o quero.

Reece segura meu rosto enquanto se aproxima ainda mais, seu beijo é feroz e faminto. Eu o beijo de volta, minhas mãos em todos os lugares. Ele é maior do que eu me lembrava, seus ombros largos e duros. Ele ainda é magro, mas com a forma endurecida de um homem em vez de o corpo ágil de um garoto.

Minhas mãos deslizam sob sua camisa, e no segundo que meus dedos tocam a pele quente, eu odeio todas as outras garotas que o tocaram aqui, detesto cada mulher que o conhece assim.

Ele não deixa minha mente demorar aí. Sua boca não deixa espaço para arrependimentos enquanto sua língua se enreda perversamente na minha, fazendo promessas sujas sobre o que está por vir.

Meus dedos puxam sua camisa úmida, querendo *tirá-la.*

Reece dá um passo para trás e me dá um leve sorriso antes de estender a mão atrás de sua cabeça e agarrar um punhado de sua camiseta, puxando-a pela cabeça e jogando-a de lado.

Sua colônia é ainda mais potente agora, afogando meus sentidos. Pelo menos, digo a mim mesma que é a colônia. Estou meio apavorada que seja a essência de Reece que está tornando impossível para mim pensar.

Espero que ele puxe minha camisa pela minha cabeça, mas em vez disso, ele inclina a cabeça em minha direção, me beijando novamente, suavemente desta vez. Seus lábios roçam provocativamente os meus, sua boca doce e persuasiva.

Como era naquela época.

— Você não tem que ser gentil comigo, — eu sussurro contra sua boca. — Eu não sou mais virgem.

Ele solta uma risada assustada. — Eu sei. Eu estava lá.

Eu quase sorrio com a memória, mas algo mais está rastejando em torno da minha luxúria ... medo. Medo de que, repetindo a magia daquela noite, estarei me preparando para a dor que se seguiu.

Seu sorriso desaparece enquanto ele examina meu rosto. — Você sempre merece gentileza, Lucy.

Eu ouço a pergunta lá, e a promessa. *Os outros caras foram gentis? Vou matá-los se não.*

Não sei como dizer a ele que não se trata de gentil ou rude; é sobre o cara. É tudo sobre aquela conexão indescritível entre duas pessoas que transforma o sexo de *bom* em *épico*.

E não é que eu não goste de lento acumulação de sexo romântico e sonhador. É que não consigo lidar com isso. Não esta noite. Não com Reece.

Portanto, não conto nada a ele. Eu *mostro* a ele. Eu mostro a ele o que eu quero. Um acoplamento forte e quente para coçar a coceira. Algo rude e impessoal que vai deixar nossos corações intactos no final.

Reece fica surpreso a princípio quando me lanço para cima dele. Eu posso sentir na maneira como ele fica tenso contra mim, a maneira como ele hesita apenas um segundo antes de devolver meu beijo desesperado.

Não é até que eu enfie minhas unhas no centro de seu peito que ele me dá o que eu quero, sua boca batendo com força na minha, assumindo o controle. Seus braços me envolvem, suas mãos possessivas enquanto ele segura minha bunda, puxando-me mais apertado para ele enquanto inclina a cabeça e aprofunda o beijo.

Eu mordo seu lábio e ele rosna, empurrando minha cabeça para trás para que sua boca possa devorar meu pescoço, suas mãos deslizando por baixo do meu vestido, as pontas dos dedos traçando provocativamente ao longo da linha da minha calcinha.

— Você quer isto? — Ele pergunta, seu hálito quente contra o meu pescoço. — Você quer minhas mãos em cima de você?

Estou respirando com dificuldade para falar, mas consigo acenar com a cabeça e ele me recompensa puxando lentamente o vestido pela minha cabeça. Ele pega no meu brinco e solto um guincho de pânico.

Reece fica imóvel, e a maneira gentil como seus dedos desenrolam cuidadosamente o tecido do pequeno aro de prata contradiz a ferocidade do momento anterior, mostrando um lado diferente dele – um lado diferente de *nós* – que quase me destrói.

Em seguida, o vestido se foi e suas mãos estão de volta em mim, as palmas deslizando ao longo do meu lado antes de levá-las aos meus seios.

Meu sutiã é azul claro e liso, dificilmente a lingerie que eu teria escolhido se soubesse que a noite seria aqui, mas Reece não parece se importar ou mesmo notar. O sutiã foi embora antes que eu pudesse pensar novamente.

O olhar de Reece se fixa no meu no exato momento em que as pontas ásperas de seus polegares roçam meus mamilos. Eu suspiro de prazer, e seus dentes brilham em um sorriso de lobo antes de capturar minha boca mais uma vez, beijando-me completamente enquanto seus dedos reaprendem a minha forma.

— Você é exatamente como eu me lembro, — ele sussurra suavemente contra minha boca. — Melhor.

Ele abaixa a cabeça, sua língua sacudindo de brincadeira na ponta de um seio antes de envolver sua boca em volta do meu mamilo, sugando com força.

Minhas mãos estão em seus ombros, segurando o equilíbrio enquanto sua boca molhada muda para frente e para trás entre meus seios. É uma tortura deliciosa.

Minhas mãos correm pelo seu peito até encontrar o cós da sua calça.

Eu desabotoo o botão, mas ele agarra meus pulsos antes que meus dedos encontrem o zíper, envolvendo a mão em ambos os meus pulsos e facilmente me manobrando para a cama.

Ainda estou de salto alto e me sento na beira da cama, tentando puxar minhas mãos para poder removê-las, mas ele não cede.

Eu franzo a testa para ele, e seu sorriso é brincalhão. Ele me solta, mas aponta um dedo de advertência na minha cara. — Fique.

O comando mandão deveria me irritar, mas em vez disso estou excitada, então faço o que ele diz, sentada quieta enquanto ele se ajoelha diante de mim. Sua boca encontra o interior do meu joelho, beijando-o suavemente enquanto ele remove um sapato. Ele repete o processo do outro lado.

Acho que o sinto sussurrar meu nome contra minha pele e meus olhos se fecham. Mãos deslizam pela parte de fora das minhas coxas e meus olhos se abrem quando sinto seus dedos engancharem no cós da minha calcinha.

Seu olhar mantém o meu enquanto ele arrasta a embaraçosamente feminina calcinha de bolinhas de volta para baixo sobre minhas pernas, meu rosto queimando de vergonha quando lembro que elas não são tão diferentes da calcinha que usei na noite em que dei *tudo* a ele.

Nunca pensei muito no fato de que pareço gravitar em torno de calcinhas de bolinhas, mas não é como eu queria que ele me visse, se é que alguma vez o fez pela segunda vez. Eu queria estar de cetim preto ou, ou renda rosa, ou algo para fazê-lo ver que eu não sou a mesma garota idiota que …

Eu suspiro quando a cabeça de Reece se move entre minhas pernas, o doce toque de sua língua banindo todas as inseguranças. Caindo de costas na cama, minhas mãos descem para sua cabeça, desejando que seu cabelo fosse mais longo para que eu pudesse emaranhar meus dedos nele, segurá-lo perto.

Não que eu precise – ele não vai a lugar nenhum. Ele não tem remorso em sua degustação de mim, suas mãos indo para minhas coxas, espalhando-me amplamente enquanto ele alterna entre longas lambidas, beijos suaves e chupadas ardentes.

Meu corpo está apertando, minha consciência inteira se concentrando no centro do meu corpo, no local exato onde sua língua se move em círculos implacáveis. Eu não consigo respirar. Eu não consigo pensar. Nunca senti nada assim antes, nunca estive tão desesperado por libertação e com medo de não sobreviver.

— Reece …

Ele desliza um dedo dentro de mim no momento exato em que sua língua acelera, e eu estalo embaixo dele, os quadris resistindo enquanto agarro a cama em uma tentativa fútil de me esfregar contra os estremecimentos quase insuportáveis de prazer.

Abro os olhos no momento em que Reece se afasta, levantando-se e tirando os sapatos e as calças antes de pisar entre as minhas pernas mais uma vez, desta vez lindamente nu e imensamente Reece.

Tento me sentar, mas ele balança a cabeça silenciosamente, acenando para que eu recue em direção ao centro da cama. Quando eu obedeço, ele rasteja sobre mim e leva minha boca em um beijo de boca aberta, sem se desculpar pelo fato de que eu posso me sentir em seus lábios.

Eu coloco as duas mãos em seu peito, empurrando-o ligeiramente para trás. — Isto foi ...

Ele levanta as sobrancelhas e eu percebo que não quero responder.

— Lucy? — ele cutuca.

Eu engulo. — Eu ia dizer que foi melhor do que antes, mas acho que não gosto de pensar sobre onde você conseguiu toda essa prática. — Sua expressão fica nublada e ele começa a se afastar, mas meus braços o envolvem. — Sinto muito, estou com ciúmes, sinto muito por estar usando uma calcinha de bolinhas estúpida.

Ele franze a testa e se abaixa para mim mais uma vez, emoldurando meu rosto com as mãos. — Empurre suas desculpas, Hawkins. Eu *gosto* que você esteja com ciúmes. E essa maldita calcinha tem feito aparições nos meus devaneios há anos. É justo que eu as veja pessoalmente mais uma vez. Eu gosto delas.

Eu rio e tento me afastar dele. — Você é um mentiroso. Você não.

Ele não me deixa ir, em vez disso, move a parte inferior do corpo para que ele me cutuque. — Parece que sou um mentiroso? Isto se sente como um homem que não adora tudo em você?

Meus olhos se arregalam com a inesperada doçura de suas palavras. Eu procuro seu rosto, mas ele não encontra meus olhos, em vez disso vai acariciar meu pescoço.

— Eu preciso de um preservativo? — Ele pergunta rispidamente, circulando seus quadris novamente para que a ponta aveludada dele cutuque minhas dobras suaves.

— Estou tomando pílula. E acabei de ter uma consulta médica antes de sair.

Ele levanta a cabeça, cotovelos de cada lado da minha cabeça enquanto ele olha para mim com olhos azuis brilhantes. — Mesmo.

— Você também está tomando pílula?

Reece ri e eu rio de volta, amando o som disso, mas amo ainda mais a maneira como ele captura minha risada com sua boca no momento preciso em que empurra dentro de mim, me pegando de uma surpresa maravilhosa.

— *Oh.*

A respiração de Reece está irregular enquanto ele segura meu olhar. Nenhum de nós se move enquanto ambos registramos a sensação dele dentro de mim.

— Não como antes, — eu sussurro.

Ele balança lentamente a sua cabeça. — Não como antes.

— Melhor.

— Melhor, — ele concorda enquanto se afasta, antes de empurrar para frente mais uma vez.

É perfeito. Não é justo o quão perfeito é. No que diz respeito a perder a virgindade, minha experiência com Reece foi tão boa quanto possível, mas isso é indescritivelmente melhor. É como se meu corpo conhecesse o dele, mesmo depois de todo esse tempo, mesmo depois de um tempo. Eu me encaixo nele perfeitamente e ele me encaixa.

— Maldita seja, Lucy, — ele sussurra, seu tom mais agravado do que zangado.

Em resposta, eu levanto meus quadris e aperto em torno dele, minhas unhas cravando em suas costas enquanto eu arqueio para ele. — Mais. Duro.

Ele obedece, acelerando o ritmo, cada impulso quase me levantando da cama até que não sejamos nada além de um emaranhado de membros se contorcendo, perdidos no outro enquanto buscamos a liberação.

E então descobrimos, quase simultaneamente, meu próprio grito vindo poucos segundos antes de seu grito enquanto nós dois enrijecemos e estremecemos, cada um segurando o outro como um bote salva-vidas.

O que é irônico, na verdade, considerando que tenho quase certeza que é mais provável que sejamos a morte um do outro do que salvadores.

Ele é pesado quando desmaia e eu o envolvo. Reece nos rola de lado. Minha respiração está quente contra seu peito, sua calor contra minha têmpora, enquanto tentamos nos lembrar de como respirar.

Nenhum de nós diz uma palavra e com certeza não olhamos um para o outro.

A mão de Reece desliza lentamente para a parte de trás da minha cabeça, seus dedos agarrando meu cabelo um pouco rudemente, e eu sei. Eu sei que ele está no mesmo lugar tortuoso e estranho que eu: dividido entre o passado e o presente e se perguntando o que diabos isso significa para o futuro.

Capítulo 30

Reese

Quando abro os olhos, a primeira coisa que vejo são os olhos verdes de Lucy Hawkins olhando para mim, arregalados e impacientes.

Nunca no meu melhor pela manhã, coloco a palma da mão sobre seu rosto e a afasto. — Pare com isso, esquisita.

Ela tenta morder minha mão e, embora seu rosto seja feroz e talvez um pouco assustador, meu corpo ainda está hiperconsciente depois de ontem à noite e sinto minha ereção matinal ganhando vida.

Em seguida, a última névoa do meu sono se desvanece e eu registro que

a) ela não está mais nua, um top de seda cobrindo seus seios perfeitos
b) Estou definitivamente nu, ainda em sua cama
c) ela tem aquela expressão no rosto que todos os homens conhecem e temem: *precisamos conversar*.

Eu rolo para o lado, com a intenção de voltar a dormir. Talvez da próxima vez que eu acordar, meus sonhos sujos se tornem realidade e eu estarei bem dentro dela, e ela estará fazendo aqueles gemidos desesperados que parecem chegar direto à minha alma com a mesma certeza que atingem meu pau.

Desta vez, seus dentes cravam em meu ombro, afiados o suficiente para chamar minha atenção.

Desistindo de dormir, rolo de volta na direção dela. — O que há de errado com você? Quem morde as pessoas?

— Mulheres que esperaram quase meia hora para que um preguiçoso acordasse.

— Oh não, não meia hora inteira, — eu murmuro, puxando-me para uma posição sentada contra a cabeceira da cama, puxando o lençol em volta da minha cintura antes de arrastar minhas mãos sobre o rosto.

O quarto está ainda mais nojento de manhã.

Ela dá um sorriso satisfeito por ter conseguido o que ela queria e, aparentemente, decide que merece uma recompensa. Não é sexy, infelizmente, mas ela pula para fora da cama e, vestindo apenas a blusa e a calcinha, atravessa o minúsculo quarto até uma daquelas cafeteiras baratas.

Lucy muda impacientemente de um lado para o outro, colocando um pé descalço em cima do outro, e então trocando enquanto espera a cafeteira cuspir um

copo cheio. A visão de suas pequenas bochechas apertadas faz maravilhas com o meu humor, mesmo quando estou tenso para A Conversa.

Não que eu esteja tão surpreso. Com o passar dos anos, fiquei muito bom em manter o sexo despreocupado e descomplicado, mas com Lucy? Nunca houve nenhuma chance.

Droga, mas foi bom. Tão doce quanto me lembro, mas ainda mais quente sem a pressão de sua virgindade absorvendo cada pensamento meu.

A noite passada tinha sido apenas sobre mim e Lucy e a *necessidade.*

Ela me entrega o café e sobe na cama, sentando-se de pernas cruzadas e me observando tomar meu primeiro gole.

Eu paro com o copo de papel frágil a meio caminho da minha boca. — Você já cuspia? Todo o seu olhar está me assustando.

Ela cruza as mãos e as coloca no colchão à sua frente. — Eu estava esperando você tomar cafeína antes de ...

Eu levanto minhas sobrancelhas quando ela para de falar, e ela chupa o lábio inferior entre os dentes, claramente temendo o que ela precisa dizer.

— Estou confusa, — ela deixa escapar, enquanto estou preparado para ela dizer as palavras que estou esperando: *foi um erro.*

Tomo um gole de café. — Sobre?

Ela morde o lábio com mais força. — O que acabou de acontecer. Como eu me sinto. Como você se sente.

Eu sorrio levemente porque ela parece adoravelmente frustrada. Lucy Hawkins sempre foi aquela garota que sabe exatamente o que quer.

Duvido que *confusão* tenha estado em seu vocabulário, e estou estranhamente satisfeito em saber que a peguei desequilibrada. Porque passei a maior parte da minha vida sendo desequilibrado por ela. Justo é justo.

E, no entanto, confuso não é suficiente. Eu quero mais.

Não que isso importe.

Não sou o cara para ela. Mesmo se eu quisesse, não há absolutamente nada que eu pudesse fazer para mantê-la. Lucy ainda tem seus grandes sonhos e gosto caro, e sempre serei o homem de jeans e uma camiseta suja, não o cara de terno feito sob medida que bate papo com a elite de Napa.

— Eu acho que é bom termos tirado isso de nosso sistema, — diz ela, pensativa. — Talvez agora possamos seguir em frente.

Eu tomo um gole do meu café para esconder o estremecimento.

— Certo? — ela diz, notando meu silêncio.

Eu levanto o copo em uma saudação zombeteira. — Certo.

— Reece.

— Olha, Lucy. Eu sou um cara. Eu realmente não quero falar sobre nada disso.

— Porque era só sexo. Apenas uma noite.

— Apenas sexo, — digo, aliviado quando não hesito e dou o fato de que foi o melhor sexo. Que parecia importante.

Ela sorri um pouco de alívio, e o diabo em mim não consegue calar a boca. — Sexo realmente bom, no entanto.

Minha voz está rouca e seus olhos verdes escurecem. — Sim.

Sua língua toca o canto da boca, e o fato de eu saber que o gesto é instintivo, em vez de uma sedução intencional, o torna ainda mais quente.

Merda. Nunca tive chance contra essa garota. *Nunca.*

Eu coloco meu copo de café vazio na mesa de cabeceira, estendo a mão e coloco um dedo na frente de sua blusa, e ela congela quando a parte de trás do meu dedo roça a inclinação interna de seu seio.

— Reece …

Eu a tenho embaixo de mim antes que ela possa terminar a frase, minha boca se abrindo quente e úmida contra o lado de seu pescoço, gratificado quando eu a sinto estremecer. Gratificado e um pouco bravo. Com raiva dela. Louco por ela achar tão fácil me descartar e tão fácil descartar o que foi a noite passada.

Inferno, talvez para ela fosse apenas sexo. Talvez o mundo dela não tenha sido abalado do jeito que o meu estava, talvez ela não esteja meio amarrada em nós agora, com medo de que o sexo nunca será tão bom quanto foi na noite passada.

Foda-se isso. Se não estou esquecendo desse encontro, nem ela.

Não tenho cuidado. Minha mão puxa sua camisa para baixo com tanta força que a fina alça de ombro se ajusta. Não sou gentil enquanto açoito seu mamilo com minha língua, raspando com meus dentes com força suficiente para fazê-la ofegar em choque antes de gemer de prazer.

Demora alguns segundos antes de suas mãos chegarem a mim, e isso me irrita também, a maneira como ela está obviamente relutante em ceder ao calor entre nós. Eu agarro seus pulsos com dedos firmes, prendendo seus braços ao seu lado, enquanto lábios, dentes e língua trabalham em seus seios perfeitos até que ela diga meu nome em um apelo silencioso.

Não esta bom o suficiente. Eu a quero desesperada. Implorando.

Eu arrasto a blusa rasgada para baixo sobre seus quadris estreitos, levando sua calcinha preta com ela. Normalmente sou a favor de cuecas pretas, mas com Lucy estou apenas chateado por não serem de bolinhas.

Desde quando ela começou vestindo cueca preta? Para quem?

Possessividade ciumenta me fez lidar com ela com mais aspereza do que eu normalmente faria, minha mão separando suas pernas, esfregando três dedos ao longo de sua costura molhada antes de deslizar meu dedo médio dentro dela.

Ela grita, arqueando as costas, empurrando um mamilo rosa em minha boca enquanto eu deslizo um segundo dedo dentro.

Apesar de todas as suas besteiras sobre a nossa história e isto não funcionar, ela está mais do que pronta para mim, mas eu a mantenho no limite.

Deliberadamente, mostro a ela o que posso dar a ela e, em seguida, levo embora, diminuindo o ritmo dos meus dedos cada vez que ela se aproxima.

— Maldito seja, Reece, — ela diz, sua voz rouca enquanto ela olha para mim.

Maldita seja você de volta, Lucy.

— Precisa de algo? — Eu pergunto.

Seus olhos estão nublados com quase orgasmo, mas ela ainda encontra coragem para estreitar os olhos para mim. — Não. Apenas me perguntando quando você vai começar, faça isto valer a pena.

Soltei um pequeno latido de diversão e, mesmo em minha raiva, adoro que sua boca inteligente ainda trabalhe com meus dedos profundamente dentro dela.

— Entediada, não é? — Eu pressiono meu polegar contra ela e seus olhos fecham, mas ela permanece teimosamente em silêncio.

Tudo bem então.

Eu a coloco de bruços em meio segundo, ignorando seu grito de protesto enquanto pressiono meu peito contra suas costas, acariciando suas orelhas. — Nunca tive a chance de fazer isto naquela época.

— Fazer o que? — Ela pergunta, tentando me afastar.

Eu me afasto dela, mudando para trás e puxando seus quadris para cima enquanto me ajoelho atrás dela.

Eu gemo ao ver sua bunda no ar, passo a mão trêmula por suas costas esguias. *Minha.*

Meu pau cutuca sua abertura molhada, e é preciso todo o autocontrole para não mergulhar nela agora e ali, pegando o que eu quero que pertença a mim mais do que eu já quis qualquer coisa.

Achei que a queria quando tinha dezenove anos, mas não é nada comparado ao que sinto agora.

Mesmo assim, puto como estou, nunca aceitaria o que ela não está oferecendo e fico perfeitamente imóvel. Esperando. Perguntando. — Lucy?

Em resposta, seus quadris empurram para trás, o menor gesto, mas é a permissão que preciso para envolver meus dedos em torno de seus quadris estreitos e bater para dentro.

O sexo é violento e sujo, as palavras saem da minha boca e os gritos dela nem gentis nem românticos, mas é o que nós dois precisamos.

Eu aguento o máximo que posso, mas o calor quente dela combinado com o tapa de meus quadris contra sua bunda me faz perder a cabeça no que parece uma questão de segundos.

Determinado a levá-la comigo, coloco minha mão para baixo, pressionando um pouco acima do local onde estamos juntos.

Lucy se arqueia com um grito selvagem, apertando em torno de mim, e minha mão livre age por sua própria vontade, enrolando em seu cabelo, puxando sua cabeça para trás enquanto gozo com mais força do que nunca.

Quando finalmente consigo me lembrar de como pensar de novo, eu lentamente libero seu cabelo, e ela joga a cabeça para frente, respirando com dificuldade enquanto afunda no colchão.

Eu me deito ao lado dela, a realidade de quão rudemente eu acabei de levar Lucy – a garota que uma vez jurei proteger com minha própria vida – se esgueirando.

De alguma forma, não acho que era isso que seus pais tinham em mente quando me pediram para cuidar dela na maldita viagem.

Deito-me de costas e engulo, tentando descobrir o que dizer, quando ela se mexe, se levanta um pouco e vira a cabeça para me encarar.

Eu me preparo para a censura, talvez raiva, mas me forço a encontrar seus olhos.

A metade inferior de seu rosto está parcialmente oculta pelo braço e não consigo ler a expressão em seus olhos.

Então ela levanta o rosto ligeiramente e meu coração começa a bater novamente quando vejo que ela está sorrindo.

Sorrindo, na verdade.

— Estamos com problemas aqui, hein?

Eu sorrio de volta, aliviado além da crença de que ela não vai me dar o sermão que eu mereço.

E, no entanto, ela está certa. — Sim, Luce. Estamos em apuros.

Capítulo 31

Lucy

Estou preparada para que a viagem de carro seja tensa ou, pelo menos, falsa alegria, mas quando colocamos nossas malas no carro e partimos para Wyoming, estamos mais ou menos de volta ao normal.

E por normal, quero dizer brigar pelo rádio. No final, ele cede, deixando-me ouvir o restante de uma balada de Reba McEntire.

Eu sorrio. Minha recompensa por lançar, tenho certeza.

— Me diga a verdade, — ele diz, mudando de faixa para ultrapassar o ônibus lento na nossa frente. — Você *gosta* de country? Ou você apenas gosta de me torturar?

— Um pouco de ambos. Agora é a sua vez de me dizer uma coisa, — eu digo, decidindo aproveitar o fato de que seus ombros parecem um pouco menos tensos do que o normal, seu rosto menos cauteloso.

— Passe.

Eu ignoro isso e pergunto de qualquer maneira. — Então. Napa.

Seus olhos se estreitam ligeiramente. Um pouco cauteloso. — O que tem isso?

— Qual é o seu fim de jogo?

Os nós dos dedos dele se apertam brevemente no volante, o único sinal de que a pergunta invasiva o incomoda. — O que você quer dizer com fim de jogo? Eu quero um novo começo e um salario. O novo emprego me dá os dois.

— Claro, — eu digo, mantendo minha voz calma. — Mas e quanto a longo prazo? Daqui a um ano, daqui a cinco anos? Dez?

Estou quase prendendo a respiração, odiando o quanto sua resposta é importante.

Ele fica em silêncio por quase um minuto e não olha para cima quando finalmente responde. — Eu realmente não faço a longo prazo. Se a vida me ensinou alguma coisa é que pode ser curta e brutal e você não pode planejar merda nenhuma.

A resposta de Reece faz meu coração doer, embora eu entenda. Sua voz é monótona e fria, sua mandíbula é de aço sólido em sua determinação, mas faz sentido. Aqui está um cara que perdeu a mãe muito jovem, teve sua irmã sob fiança e passou os últimos anos cuidando de um pai que mal registrou sua existência, apenas para perdê-lo também.

Ainda assim, a otimista em mim quer que ele veja que não tem que ser assim. Só porque seu passado está cheio de dor, não significa que seu futuro tenha que ser.

— Eles têm ótimas aulas de vinificação na área, — digo, virando-me e olhando pela janela, esperando que a sugestão pareça improvisada.

— Já sei fazer vinho.

— Eu sei, mas a Califórnia é diferente, — eu digo o mais gentilmente que posso. — Há muita competição se você quiser deixar de ser um assistente preso que cuida dos vinhedos e se tornar o responsável.

Desta vez, ele olha para cima e, embora esteja usando seus aviadores habituais, eu posso sentir a raiva em seu olhar. — 'Preso cuidando dos vinhedos'? Quando eu já dei a você a impressão de que me sentia preso?

Uh-oh. — Eu não quis dizer …

— Sim, você fez, Lucy, — ele interrompe. — Você acha que o seu lado do negócio é melhor. Não é. Pode exigir roupas mais chiques, mas tudo o que você faz é vender o vinho. Eu sei como *fazer* isso.

Eu cerro meus dentes. — Não me jogue com poder, Reece. Ambos somos especialistas em nosso campo.

— Mas você mais, certo? Porque você tem um diploma sofisticado que diz isso? Não importa se eu estava realmente trabalhando enquanto você estava lendo sobre isso.

— Ei! — Eu digo, magoada com a maneira como ele está menosprezando anos de trabalho duro e dedicação. — Sem pessoas como eu, ninguém saberia o que pessoas como você fazem o dia todo.

— Bem, com certeza vou mandar a você um belo presente de agradecimento. Oh, espere, eu não posso pagar, já que eu não tenho um plano de dez anos ou sou brutalmente ambicioso.

— Brutalmente ambicioso? — Eu gaguejo. — É isso que você pensa que eu sou?

— Não sei o que você é, — ele murmura, ligando o pisca-pisca e saindo da rodovia. — Precisamos de gasolina.

Não tenho ideia se realmente precisamos de gasolina ou se ele só precisa se refrescar, mas como também preciso respirar, não protesto quando ele para em um posto de gasolina.

Reece sai do carro, batendo a porta atrás de si, e eu solto um longo suspiro, afastando o cabelo do rosto.

Não como eu pensei que esta conversa iria ser. Eu só estava tentando descobrir onde sua cabeça estava. Ele está tão fechado o tempo todo.

Uma rápida olhada por cima do meu ombro mostra que a bomba ainda está funcionando, mas ele está com os braços cruzados e sua carranca é feroz.

Não está com um humor tagarela. Bem.

Eu saio do carro, esticando minhas pernas e pretendendo fazer minha jogada para assumir a direção por um tempo. Qualquer coisa para me distrair do verdadeiro motivo pelo qual empurrei Reece para aquela conversa.

Pensei que talvez se pudesse descobrir o que ele quer da vida, poderia descobrir se haveria espaço para mim nisso.

Porque não posso mais negar. Eu quero Reece Sullivan em minha vida.

Eu só tenho que descobrir como ele se encaixa.

Capítulo 32

LUCY, DEZ, REECE, ONZE

— Eca, eu tenho um laranja. Troca? — Ela perguntou, estendendo seu picolé para Reece e olhando ansiosamente para o seu roxo.

Ele revirou os olhos. — Você sabe que diz o sabor da embalagem. Você poderia apenas ler.

Mesmo enquanto dizia isso, ele estendeu a mão e trocou o picolé de laranja por seu preferido de uva.

Eles estavam sentados no velho Big Toy. Quase sem uso atualmente, exceto por Brandi e suas amigas. Raramente Lucy e Reece se sentam aqui juntos como no primeiro dia após a morte da mãe de Reece.

Lucy olhou para ele com o canto do olho, perguntando-se se ele estava pensando na triste lembrança, mas parecia mais interessado em seu picolé do que em qualquer coisa.

Reece tinha vindo para uma festa do pijama com Craig, mas Craig adoeceu menos de uma hora depois que Reece chegou, vomitando todo o queijo grelhado e sopa de tomate.

Lucy se sentiu péssima por pensar nisso, mas ficou um pouco feliz por Craig ter ficado doente. Ela nunca teve Reece só para ela.

— Então, como vai? — ele perguntou.

Ela mexeu na embalagem do picolé e tentou pensar em algo para conversar com ele que não parecesse muito infantil ou infantil.

— Minha classe teve um dia de carreira hoje. O pai de Shelley é bombeiro e ele trouxe uma mangueira de verdade para nós olharmos.

— Legal.

Ele não pereceu tão impressionado.

— Minha mãe veio também. Para falar sobre uvas.

Ele parecia um pouco mais interessado nisso. — Eu gosto de uvas.

Ela deu um olhar envergonhado para o picolé de uva que roubou dele, e rapidamente mudou de assunto. — Você quer entrar na indústria?

A industria *em torno de sua cidade se refere ao negócio do vinho. De acordo com a mãe de Lucy, Charlottesville, Virgínia, estava em ascensão na cena do vinho.*

— Sim, eu acho, — Reece disse, terminando seu picolé e mastigando preguiçosamente o palito de madeira. — Meu pai trabalhava nas vinícolas e o antigo chefe dele veio outro dia. Disse-me para ligar para ele se eu quisesse um emprego.

— Então é isso que você quer ser quando crescer? — ela perguntou ansiosamente. Ela adorava falar sobre ser Um crescimento. — Um vinicultor?

Ele parecia irritado e encolheu os ombros. — Eu acho. Eu não me importo.

Lucy ficou confusa. Como ele poderia não se importar? — Quero vender vinho às pessoas, — disse ela, esperando que, se contasse a ele seus sonhos, ele contasse os dele. — E eu vou usar sapatos altos, e vou usar uma saia todos os dias, e meu cabelo vai ficar perfeito, — disse ela, passando a mão sobre o rabo de cavalo cronicamente bagunçado.

— Legal.

Lucy franziu a testa. — A respeito você? O que você quer?

— Eu acabei de te contar. Para conseguir um emprego.

— Não, eu sei, mas como você quer ser*? — ela perguntou. — Sobre o que você sonha? Qual é o seu fim de jogo?*

Reece coçou a cabeça. — Fim de jogo?

Lucy assentiu com entusiasmo, animada para compartilhar seu novo vocabulário. — É do xadrez. Meu avô me ensinou. É como o estágio final do seu plano.

Reece se vira e a olha tão fixamente que faz sua barriga doer. — Eu não tenho um plano. Eu não tenho um fim de jogo.

A barriga de Lucy doeu mais. — Mas certamente há algo que você quer?

Seus ombros pequenos encolheram. — Não importaria. Eu nunca consigo nada que eu quero.

Capítulo 33

Reece

— Ok, eu tenho que dizer, nós realmente deveríamos ter começado todo o plano de compartilhamento de um quarto mais cedo, — Lucy diz, colocando sua bolsa no quarto de hotel em Las Vegas. — O *banheiro* deste lugar é maior do que o quarto do motel da noite anterior.

Eu não discuto enquanto deixo cair minha própria bolsa, indo para as amplas janelas e olhando para a Las Vegas Strip. Nós esbanjamos em um quarto no hotel de Paris, e Lucy tinha conversado com a recepção em uma enorme suíte de frente para as fontes do Bellagio.

Não sou muito de apostar, então Vegas nunca esteve na minha lista de desejos nem nada, mas tenho que admitir, é muito legal.

Lucy vem por trás de mim, seus braços envolvendo minha cintura e minha mão encontra o topo da mão dela, e eu sinto uma pequena pontada de pânico sobre como o gesto parece natural.

Não se acostume com isso, cara.

É um refrão que venho repetindo nos últimos dias, conforme nossa rotina deixou de circular como animais cautelosos para, bem ... transar como animais.

E isso nem mesmo é preciso. Na verdade, não. Claro, ficamos acordados a noite toda nos quartos de motel em Cheyenne e Salt Lake, mas os dias também têm sido ótimos.

Parece que estamos nos conhecendo novamente e é bom. Ou pelo menos acontece quando ela não começa a me atormentar sobre planos.

Eu sei que não deveria ter arrancado sua cabeça com suas perguntas estúpidas de final de jogo, mas dane-se. Por que diabos ela não pode simplesmente deixar isso acontecer? Deixar-me *em* paz?

Por que não posso ser bom o suficiente como sou?

Meus dedos apertam reflexivamente em sua mão, e ela se move para ficar na minha frente, seu olhar cauteloso. — Você está bem?

Eu forço um sorriso. — Eu vou ficar mais bem quando eu colocar você nua e no chuveiro para duas pessoas.

Ela não sorri de volta. — Olha, Reece, tenho tentado evitar o assunto desde que você surta toda vez que menciono isso, mas só temos mais algumas noites de estrada.

Meu peito aperta em pânico. — Estou ciente.

Estou mais do que ciente de que só tenho mais alguns dias antes de sua vida real começar.

Lucy respira fundo. — Ok, entendo que os caras não são conhecidos por falar sobre seus sentimentos, mas você tem que me dar alguma indicação de onde sua cabeça está.

— Em alguns minutos, estou pensando que será entre suas coxas, — digo, minhas mãos deslizando para baixo para cobrir sua bunda, puxando-a para mim.

Lucy não está entendendo e dá um passo para trás. — Isso é tudo isso? Sexo? Eu aguento se for, apenas ... diga-me agora.

Apesar de suas palavras corajosas, sua voz é baixa e me magoa.

Eu fecho meus olhos e esfrego minhas mãos sobre minha cabeça. — Merda, eu não sei, Luce. Eu não sou bom nisso.

— Ninguém é bom nisso, Reece. Relacionamentos são difíceis, e eu posso fazer isso, mas estou apenas tentando decidir se devo ao menos me preocupar com você. — Abro a boca, mas ela levanta um dedo em advertência. — Não faça nenhum comentário espertinho sobre eu estar *fazendo* duro. Estou tentando falar com você.

Eu tinha esquecido o quão persistente essa garota pode ser quando ela quer alguma coisa. Eu só queria que ela aprendesse que nunca fui bom em *dar* a ela o que ela quer.

— Dê-me um tempo aqui, Luce, — eu digo, me esforçando para manter meu tom leve. — Um pouco mais de uma semana atrás, você e eu nem estávamos nos falando. Há poucos dias, não podíamos nos falar sem querer matar um ao outro. Você não pode esperar que eu tenha tudo planejado.

Minha resposta não é o que ela quer. Eu sabia antes de dizer isso, e a maneira como seu rosto se enruga um pouco confirma isso.

Também me destrói. Mas como diabos vou colocar tudo para fora quando *ela* não vai?

Eu não sou um idiota. Lucy Hawkins me quer; ela se preocupa comigo. Mas também noto que ela não usa palavras como para *sempre* quando se trata de mim.

Eu não sou o fim do jogo dela. Nunca fui.

Nós nos encaramos por longos momentos e, com um suspiro, começo a alcançá-la, então deixo meus braços caírem. — Para alguém que está insistindo muito em uma conversa, não ouço *você* dizer muito de nada.

Ela respira fundo. — Você tem razão. Eu estou assustada.

Eu engulo e aceno uma vez. *Sim. Eu também*.

E embora eu saiba que é a saída covarde, embora eu saiba que é menos do que ela merece, eu a alcanço.

Posso não ter a menor ideia de como dizer a ela como me sinto – não tenho certeza se posso dizer a mim mesmo. Mas posso mostrar a ela.

Capítulo 34

Lucy

Minha cabeça cai para trás com um gemido quando a boca de Reece desliza pelo meu pescoço, suas mãos deslizando para a parte inferior das minhas costas, me puxando contra ele.

Eu sei o que ele está fazendo. Eu sei o que nós dois *estamos* fazendo. Estamos optando pelo caminho mais fácil, nos expressando com as mãos e a boca em vez de palavras, mas, por enquanto, deixo ser o suficiente.

Eu o beijo de volta com tudo, e Reece sente meu desespero, se afastando um pouco e me dando um olhar inquiridor, emoldurando meu rosto com suas mãos grandes e descansando sua testa na minha. — Você está bem?

Não! Não, não estou bem. Estou me apaixonando por você de novo, e não sei se você está se apaixonando.

Eu aceno, e seus olhos estreitam com a mentira, seus polegares vagando sobre minhas maçãs do rosto, seus olhos seguindo o movimento tenro.

Seus lábios substituem seus polegares, e ele chove beijos suaves ao longo da minha bochecha, minha têmpora, antes de me beijar novamente, suave e doce.

E então eu percebo que ele está respondendo, mas não com palavras.

Meu coração aperta quando percebo o que está acontecendo aqui. Ele está se despedindo ou pelo menos iniciando o processo.

Por mais quentes que tenham sido as duas últimas noites, até mesmo totalmente obsceno, tem sido tudo sobre sexo, carnal e terreno, talvez até um pouco raivoso às vezes.

Eu, com raiva dele pelo passado. Ele zangado comigo por me apegar ao passado.

Mas esta noite, no entanto ...

Esta noite é diferente. Esta noite é sobre o fato de que em apenas alguns dias terminaremos a viagem. Feito um com o outro.

O pensamento me dá vontade de chorar, e com algo semelhante a um soluço, eu o beijo de volta, minhas próprias mãos emoldurando seu rosto da mesma forma que ele segura as minhas. Eu quero dizer a ele que ele é lindo para mim, que ele é *tudo.*

Quero implorar a ele para desfazer o passado, quero parar de lembrar como era quando ele me traiu. Eu quero voltar para quando eu tinha dezoito anos e estava tão apaixonada por esse garoto que eu pensei que nada poderia nos quebrar.

O beijo muda. Ainda doce, mas um pouco desesperado agora também, e suas mãos deslizam sobre mim, suas palmas cobrindo meus seios antes que ele as deslize mais para baixo, puxando o vestido para cima e pela minha cabeça e jogando-o de lado.

Reece geme um pouco ao ver minha calcinha. Bolinhas de novo, mas crescidas. É uma tanga de cetim rosa com pontos de renda preta e um lacinho na parte superior. Ele arrasta levemente os dedos sobre o tecido e eu choramingo, dividida entre precisar dele agora e querer que isso dure a noite toda.

Ele está usando uma camisa de botão xadrez azul, que eu consigo abrir enquanto ele continua a explorar o minúsculo pedaço de minha calcinha.

As mãos de Reece deslizam de volta pelo meu corpo, mas eu as empurro de lado, agarrando seus pulsos enquanto deixo meus lábios explorarem sua parte superior do corpo perfeito.

Ele é forte o suficiente para me jogar fora em um instante, mas ele fica perfeitamente imóvel, seu único movimento é a aceleração de sua respiração enquanto eu beijo cada centímetro dele que posso alcançar.

Eu relutantemente solto suas mãos, apenas para que eu possa desabotoar sua calça jeans, alcançando dentro e apalpando-o sobre o tecido de sua boxer enquanto eu olho para cima e encontro seus olhos.

Reece xinga baixinho, me beijando com força antes de puxar minha mão de lado, me pegando em seus braços e me levando facilmente para a cama.

Eu o alcanço novamente, mas ele balança a cabeça, me segurando imóvel apenas com seu olhar enquanto tira os sapatos e se livra da calça e da boxer.

Reece está maravilhosamente nu enquanto ele lentamente se abaixa em cima de mim, mais uma vez beijando minha boca como se ele fosse um homem faminto.

Nós quebramos o contato apenas o tempo suficiente para que eu arqueasse para que ele pudesse desfazer meu sutiã, e então sua boca estava em mim, beijando meus seios enquanto seus dedos deslizavam por baixo da minha calcinha, me provocando com carícias suaves.

Através do prazer quase insuportável, sinto seus olhos em mim, como se guardasse na memória todos os meus gemidos e suspiros. Quando ele finalmente puxa minha calcinha pelas minhas pernas, isso também é lento, sensual.

Reece se acomoda entre minhas coxas, mas eu o pego desprevenido, pressionando as duas mãos contra seu peito, de alguma forma conseguindo rolá-lo de costas.

Eu monto nele, amando a maneira como seus olhos escurecem enquanto eu me abaixo sobre ele, pegando-o na mão, esfregando-o contra mim antes de me abaixar sobre ele.

Finalmente, ele está completamente dentro de mim, e o quarto está cheio com o som de nossa respiração difícil enquanto nós dois nos esforçamos para nos conter, querendo que o momento dure.

Suas mãos se curvam em torno de meus quadris, mas ele não se move, de alguma forma entendendo que preciso disso do meu jeito. Eu assumo o controle que ele está oferecendo, balançando meus quadris nos dele em movimentos ondulantes e necessitados.

Minha cabeça cai para trás enquanto eu o monto com mais força, e ele me deixa, suas mãos em todos os lugares.

Minha cintura, meus quadris, meus seios, esfregando meu clitóris.

Eu grito, minha liberação tão perto, e no último minuto, ele se levanta para uma posição sentada, um braço envolvendo minha cintura, o outro em volta da minha cabeça enquanto ele empurra dentro de mim, levando minha boca em um beijo no exato momento em que ambos explodimos, chegando juntos em um orgasmo como nada que eu já senti.

Como nada que eu nunca vou sentir novamente.

Por longos momentos, nenhum de nós se move. Estou deitada em seu ombro, respirando com dificuldade em seu pescoço enquanto ele me segura perto, sua respiração se movendo em ofegos rápidos contra mim, até que lentamente ele nos abaixa de volta para a cama.

Eu quero olhar para ele. Quero fazer um comentário picante, mas tudo que quero fazer é chorar.

Reece parece entender – talvez até sinta o mesmo. Porque ele também não fala, apenas me puxa para o seu lado e, após um beijo distraído no topo da minha cabeça, expira com algo que parece muito com desespero.

Capítulo 35

Reese

Craig atende ao segundo toque. — E aí cara! Onde você está? Quase não ouvi falar de você.

— LA, — eu digo, sentando na cama do hotel e pegando o controle remoto, ligando a TV e virando preguiçosamente até encontrar o jogo dos Dodgers.

Craig ri. – Droga, Spock realmente tirou você do caminho, hein? Pelo menos você está na Califórnia.

— Sim.

Não digo ao meu melhor amigo que estou ansioso pelo meu destino final muito menos do que estava há duas semanas.

— Tem algum plano? Vendo o letreiro de Hollywood, esse tipo de merda? Tenho certeza de que Spock tem uma lista de desejos em cada cidade.

— Não tenho certeza de qual é o plano para mais tarde, — eu minto. Lucy tem falado o dia todo sobre um restaurante chique conhecido por suas aparições de celebridades que ela quer experimentar.

Eu concordei com isso, embora eu não aceitasse ir às compras com ela, e foi assim que terminei com alguns minutos para mim mesmo para falar com Craig.

Eu esperava que falar com ele me distraísse dela, mas percebi meu erro. Se você está tentando não pensar em uma garota, não ligue para a porra do irmão dela.

— Ela está me deixando louco, — eu digo, antes que eu possa pensar melhor sobre isso.

Ele dá uma risada assustada. — Sim, Spock faz isso às vezes.

— Não, eu não quero dizer no jeito de irmã mais nova irritante, — eu digo, andando em movimentos curtos e agitados.

A risada de Craig é interrompida. — Então, o que você quer dizer com isso?

Eu paro de andar, inclino minha cabeça para trás e olho para o teto de gesso, debatendo a sabedoria do que estou prestes a dizer.

Ele pode ser meu melhor amigo, mas não somos realmente do tipo que conversa ao telefone.

Nunca tivemos que ser. Exceto durante os quatro anos em que Craig estava na faculdade, sempre estivemos a vinte minutos de carro um do outro, mais inclinados a tomar uma cerveja e jogar um jogo do que ter um longo bate-papo feminino ao telefone.

E, no entanto, tudo o que está acontecendo com Lucy, tenho me sentido tão sobrecarregado com ... alguma coisa. Eu só preciso conversar sobre isso, e diz muito sobre a minha vida que eu só tenho uma opção.

— Craig, preciso lhe contar uma coisa, — digo, fechando os olhos e orando por misericórdia.

— Você dormiu com minha irmã.

Droga. Ele não é meu melhor amigo por nada. O cara me conhece.

Eu cerro meus dentes enquanto coloco minha mão no bolso de trás, me forçando a ser direta com meu amigo. — Sim.

Eu ouço um suspiro, seguido por algo que soa como uma embalagem de chiclete. O leve ruído de mastigação que se segue confirma que ele está mastigando o chiclete de gaultéria que ama desde a sexta série. — Pensei que isso tivesse acabado há muito tempo.

Eu fecho meus olhos. — Você sabia disso também?

— Infelizmente, — ele murmura. — Ninguém conhece as intenções de um garoto de dezenove anos como outro garoto de dezenove.

— Você nunca disse nada.

— Porque me deu nojo.

— Mas você não parou, — eu digo, um pouco incrédulo.

Craig fica em silêncio por um minuto, provavelmente desconfortável. — Eu não sei. Acho que pensei ... pensei que vocês dois eram bons um para o outro. Sempre imaginei que isso iria acontecer eventualmente. Nenhum de nós ficou surpreso.

Outra surpresa. — 'Nós'? Sua família sabe.

— Sim.

Passo a mão no cabelo. — Bom Cristo. E eles me deixaram fazer essa viagem com ela, sabendo que eu era o único ...

— Não, — Craig interrompe. — Não diga isso. Prefiro nunca conhecer um único detalhe. Mas sim, a viagem foi a melhor interferência dos pais.

Eu espero meu cérebro entender. — Lucy sabe que eles sabem?

— Não. Bem, ela conversou com Brandi sobre isso. Mas, como você, Spock superestimou a discrição adolescente de vocês. Mamãe e papai sabem desde o início.

— Jesus, — murmuro, de repente, repetindo os últimos anos. Percebendo que toda vez que eu me sentava na cozinha, deixava que me alimentassem com cerveja e chili, eles sabiam que eu tinha ficado com a filha deles.

Ainda assim, em torno do choque e da consternação, também há um pouco de alívio. Nunca pareceu certo fazer com que eles confiassem em mim tão implicitamente enquanto eu pensava que estava guardando um segredo crucial.

— Então, se você sabia que estávamos juntos naquela época, você tem que saber que não estivemos muito juntos nos últimos anos.

— Claro. E eu aceitei. Os pais, nem tanto.

Tudo se encaixa no lugar. — Esta viagem foi uma tentativa para nos juntar.

— Isso é para dizer o mínimo. Não ficaria nem um pouco surpreso se mamãe tivesse seu convite de casamento escolhido por uma década, e se papai planeja dar a *você* o relógio do meu avô em vez de mim.

A ideia de fazer parte da família Hawkins de verdade ... estar conectado através do casamento com Lucy ...

A visão quase me sufoca, não tanto de horror quanto com ...

Afasto o pensamento.

— Bem, eles vão ficar desapontados, — eu digo.

— Porque ela está deixando você maluco, — diz ele, fechando o círculo da nossa conversa.

— Ela está usando calças extravagantes desde que ela foi para a escola. Acha que porque ela tem um pedaço de papel sobre hotelaria que ela é melhor do que o resto de nós.

— Ela disse isso? — ele pergunta.

— Não, — eu resmungo. — Mas ela está comprando roupas de trabalho agora para o novo emprego.

— E?

— *Minhas* roupas de trabalho são botas, jeans e minhas camisas mais antigas. As dela são de salto alto e ... eu nem sei.

— Nunca te incomodou antes.

Eu respiro fundo. Talvez ele não me conheça tão bem quanto eu pensava que conhecia. — Isso sempre me incomodou, porra, — eu digo baixinho.

Craig fica quieto por um minuto. — Spock sempre foi um pouco ... determinada, — ele finalmente disse. — Ela anunciou quando tinha tipo, dez anos, que não era o suficiente para ela saber sobre vinho, ela queria ensinar outras pessoas sobre vinho. Você *sabia* disso sobre dela.

— Claro, — eu murmuro. — Eu só não sabia o quão chato seria.

Como isso me faria sentir inferior.

— Apenas diga a ela para calar a boca, — Craig diz. — Isto é o que eu faço. Spock é apaixonada, só isso.

Você não tem ideia, Eu penso, lembrando de quão generosa e ávida ela é.

Craig está certo. Lucy é apaixonada, e não apenas entre os lençóis. Ela é apaixonado por *tudo*. Trabalho. Amor. Vida.

Eu quero um pouco disso. Eu quero absorvê-lo e reivindicar um pouco. Quero implorar a ela para guardar um pouco para mim.

Ela não vai embora. Lucy é uma garota com um plano. E eu apostaria muito que seu plano de longo prazo envolve alguém que não está satisfeito com o salário mínimo.

— O que esta acontecendo com você? — ele pergunta. — Você geralmente não costuma ser tão rígido.

— Ela é tão complicada pra caralho.

Ele bufa. — Todas elas são.

— Eu só queria saber o que ela estava pensando, — eu digo, me encolhendo ao som do gemido vindo da minha boca.

— Estou surpreso que ela não tenha contado a você. Ela sempre foi do tipo que falar abertamente, pelo menos perto de mim.

Sim, bem, você não quebrou o coração dela, Eu silenciosamente acrescento.

Eu daria qualquer coisa para saber o que Lucy está pensando atualmente.

— Ei, espere um segundo, — Craig diz. — Boss está ligando na outra linha.

— Ok, ok. — Sento-me de volta na cama e imediatamente me levanto, incapaz de me livrar da inquietação.

Vou até a mesa enquanto espero Craig voltar, pegando preguiçosamente um dos brincos de Lucy e colocando-o de volta no topo de seu diário de viagem.

Eu congelo.

— Ei. Desculpe. Ainda aí? — Craig pergunta.

— Sim. — Meu olhar ainda está no diário.

Ele fica em silêncio por um segundo. — Olha cara, eu entendo. Minha irmã é irritante.

— Sim, — eu digo, quando ele não termina sua frase.

— Não a machuque.

Eu esfrego a mão nas costas sobre o meu pescoço. — Não sei se posso prometer isso.

Meu polegar encontra o canto do diário.

— Besteira. Promessa.

Como posso prometer não machucá-la quando nem sei o que ela está pensando? Sentindo.

Abro a capa do diário. Fecho novamente e fecho meus olhos.

Eu *poderia*, no entanto. Eu poderia saber o que ela está pensando.

— Que tal isso, — digo ao meu melhor amigo. — Eu prometo que se eu a machucar no curto prazo, é apenas para não machucá-la mais no longo prazo.

— É justo, — diz ele lentamente. — E se valer a pena, eu diria a ela para não machucar você também, se fosse ela quem ligou. Ela é minha irmã, mas você é como meu irmão. Vocês dois são importantes.

— Sim. Obrigado por isso, — eu digo. — Tenho que correr.

Eu desligo antes que eu possa dizer ao meu melhor amigo que estou seriamente pensando em fazer a coisa mais merda do planeta: ler o diário de Lucy.

Ele não quer que ela me machuque? Provavelmente tarde demais para isso. Lucy já reabriu uma parte de mim que só ela pode, e está pronta para derramar sal na ferida.

Mas talvez ... talvez eu possa me proteger. Preparar-me para a dor antes que ela me atinja com força total.

Mesmo quando abro o diário, eu me odeio. Eu me odeio ainda mais quando começo a ler.

Muito, muito tempo depois, lentamente fecho o diário mais uma vez.

Eu ainda me odeio.

Mas agora eu a odeio um pouco também.

Capítulo 36

Lucy

Algo está acontecendo.

Reece está estranho há dois dias, desde Los Angeles. Não é grande coisa. Ele é sempre estranho. Mas isso é *diferente* estranho.

Achei que tivesse visto todos os lados do cara, mas isso é novo. Já lidei com Reece zangado, Reece idiota, provocando Reece, Reece quente, Reece impaciente, até mesmo vi poucos vislumbres do doce Reece.

Mas isso? Este é o Reece *indiferente*.

Ele ainda fala comigo, mas apenas quando falado. Ele não fez uma única reclamação sobre a música country no rádio – não tenho certeza se ele percebeu.

E embora ele tenha feito amor comigo em Los Angeles, e novamente na noite passada quando passamos a noite em San Francisco – exceto que, na verdade, *fazer amor* não era o termo certo para o que era – era apenas sexo. Clínico, um pouco áspero.

E o pior de tudo, frio.

Embora a estranheza dos últimos dias não seja nada comparada à tensão que desceu sobre Horny quando nos aproximamos do meu novo apartamento em Napa.

Napa fica a apenas uma hora ou mais de São Francisco, e optamos por passar a maior parte do dia em São Francisco, fazendo atividades turísticas.

Bem, na verdade, eu optei. Reece mais ou menos me seguiu como se não se importasse, até que finalmente desisti e, com um nó na garganta, subi no Horny para a última etapa de nossa jornada.

É tarde quando nos aproximamos dos limites da cidade de Napa, e percebo que não posso mais ficar quieta. Ele não sabe o endereço do condomínio que estou sublocando. Eu reclamo instruções do meu telefone em uma voz monótona.

Ele segue minhas instruções, mas não diz uma palavra.

Durante nosso impasse silencioso, ocorreu-me que não sei se ele tem um lugar para ficar esta noite. Ele mencionou que está dormindo no sofá de seu novo chefe enquanto o cara está em lua de mel, mas não sei se isso começa imediatamente, se ele está planejando um quarto de hotel ou o quê.

Eu quero tanto pedir a ele para ficar, mas estou com muito medo de que, quando eu abrir minha boca para pedir a ele para passar a noite, vai sair como *fique para sempre*, e agora eu não acho que vou aguentar a rejeição se ele disser não.

Ele para na frente de um prédio de três andares nos arredores do centro de Napa. — É isto?

Eu olho para o endereço em meu e-mail, depois para o prédio mal iluminado. Os números coincidem. — Eu acho que sim.

Ele acena com a cabeça e sai do carro. Eu faço o mesmo, grata por esticar minhas pernas. Grata por estar em casa.

Eu fico olhando para o prédio. É uma sensação ... solitária.

— Tem uma chave? — Ele pergunta, já tirando minhas malas do porta-malas.

Eu aceno, procurando em minha bolsa o envelope que a garota de quem estou sublocando me enviou via FedEx.

Nós dois colocamos minhas malas em nossos ombros, Reece agarrando algumas caixas e sacudindo o queixo para mostrar que ele vai me seguir.

Meu apartamento fica no segundo andar, e subimos as escadas em silêncio. Está quieto. Claro. Já passa das onze em uma noite da semana.

Eu respiro fundo enquanto abro a porta da minha nova casa. Estive esperando por este momento por tanto tempo, mas parece ... vazio.

Digo a mim mesma que é porque estou cansada, e um pouco mal-humorada, e já ciente do fato de que não tenho papel higiênico, nem café, nem mantimentos, mas sei o verdadeiro motivo: o homem ao meu lado.

Acendo a luz e entro. Reece segue, e tento o meu melhor para ignorá-lo enquanto observo o apartamento.

É mais legal do que eu pensava, o que é uma surpresa agradável. Minha experiência com o Craigslist é que a realidade raramente corresponde às fotos feitas no Photoshop, mas o apartamento é *realmente* como parecia nas fotos.

Não é novo, mas limpo. A mobília não é exatamente moderna, mas também não está caindo aos pedaços.

É de um quarto, que é todo o espaço que eu realmente preciso, e a cozinha é um conceito aberto, com um grande balcão e muitas janelas na sala principal.

O sofá é tão feio quanto prometido, mas a mesinha branca da cozinha é fofa, assim como o baú de aspecto antigo que também funciona como uma mesa de centro.

Entro no quarto. O colchão é novo. Sem roupa de cama, mas eu sabia disso e trouxe a minha. Armário minúsculo, mas também posso lidar com isso.

Eu respiro fundo. Casa.

Estou em casa. Isso é tudo que eu queria.

Nunca estive tão infeliz.

Reece me segue até o quarto e coloca uma caixa com o rótulo *lençóis* na cômoda.

Seus olhos percorrem a sala, me evitando. — Nada mal.

— Sim, é bom, — eu digo em um tom de madeira que não parece nada com o meu.

— Há mais uma caixa no carro, — diz ele, da mesma forma categoricamente. — Eu vou pegar então estarei no meu caminho.

Eu aceno, mas não consigo dizer mais nada.

Uma rápida olhada no pequeno banheiro mostra que a garota de quem estou alugando é uma boa alma. Afinal, há um rolo de papel higiênico.

Ouço um baque suave na porta e abro para Reece, que deve ter chutado para chamar minha atenção, já que está com as mãos ocupadas com a enorme caixa com meus poucos pertences da cozinha.

Ele a coloca facilmente no balcão e estica as costas. — Bem?

Eu só posso olhar para ele. A sério? *Bem*? Não. Estou longe de estar *bem*, nem tenho certeza se há uma palavra para o que estou.

— Sim, — eu digo. — Obrigado por carregar minhas coisas.

Ele acena em reconhecimento e se vira em direção à porta.

— Espere, — eu digo. — Onde você vai ficar esta noite?

Ele levanta um ombro. — Motel. Mandei uma mensagem para meu chefe, ele vai embora amanhã. Vou me acomodar lá por alguns dias até encontrar um aluguel barato.

Eu aceno, silenciosamente implorando para ele dizer, mas incapaz de dizer as palavras. Não sei como falar com esse Reece.

Ele olha para mim por um longo minuto, e eu juro que há algo semelhante a nojo em seu rosto antes que ele acene com a cabeça e vá em direção à porta da frente. — Aproveite sua vida, Lucy.

— Espere o que? — Eu digo, assim que ele alcança a maçaneta da porta. — Isso é tudo que você vai dizer? Depois de tudo isso?

Ele dá um suspiro cansado, sua cabeça caindo para frente como se ele estivesse esperando essa conversa tanto quanto temê-la.

Eu meio que espero que ele saia pela porta sem olhar para trás, mas ele se vira e me lança um olhar um pouco entediado. — O que você quer que eu diga?

Eu não faço ideia. Eu quero que ele fique. Eu quero que ele vá. Eu quero que ele se desculpe. Quero me desculpar.

— Ok, o que está acontecendo? — Digo, forçando um sorriso. — Você está apenas fazendo aquela coisa de cara arisco?

— Claro.

— Droga, Reece, — eu surto. — Você tem que me dar algo. O que diabos aconteceu? Por que você está agindo tão estranho?

— Como eu tenho sido estranho? Nós conversamos. Nós nos ferramos. Estamos bem.

— Não, não estamos bem! — Eu grito. — É assim que vamos acabar com isso? Para simplesmente fugir e *dizer aproveite sua vida?*

Seu sorriso está mais frio do que nunca. — Não fazia parte do seu plano, não é, baby?

Baby? Ele nunca me chamou de baby em sua vida.

— Qual plano? Do que você está falando?

— Você não tem o problema de que isso esteja acabando, você tem o problema de que isso não está acabando do seu jeito. Que você não está no controle.

Pisco rapidamente, tentando seguir, então desisto, e arrasto minhas mãos sobre o rosto, cansada. — Ok, podemos fazer isso amanhã? Nós dois podemos ter uma boa noite de sono, entrar na mesma página pela manhã.

Sua mão já está na maçaneta, empurrando a porta da frente aberta, e eu sinto uma onda de pânico. — Já estamos na mesma página.

— Mesmo? — Eu digo com uma risada nervosa. — Porque em nenhuma parte da minha página está escrito que você sai por aquela porta.

Ele se vira. — Amanhã comprarei um carro novo e entregarei as chaves do Horny assim que puder.

Meu pânico se transforma em terror total. — Reece, espere. Eu não quero Horny, eu quero ... *você.*

Ele fica rígido por um momento.

Então ele balança a cabeça e, sem outra palavra, fecha a porta na minha cara.

Capítulo 37

Reese

Boas notícias: quatro dias depois, o novo trabalho está indo muito bem.

Melhor do que eu poderia esperar, na verdade. Como prometido, a vinícola tem uma sensação de família pequena com um orçamento grande. O vinho é muito bom, meus colegas de trabalho são tranquilos e amigáveis e, mesmo vindo como o cara novo, meu salário é melhor do que no meu antigo emprego, cortesia do alto custo da vida de Sonoma.

Certo, tudo o que fiz até agora foi seguir outras pessoas, aprendendo seus processos, sua linguagem e, o mais importante, suas uvas.

Mas em menos de uma semana, já tenho ideias. Pela primeira vez em muito tempo, estou animado com as possibilidades. Não apenas sobre as uvas e as misturas, mas sobre como eles estão vendendo seu merlot e tratando sua cabine como se fosse um happy hour especial em vez de uma noite de bife robusto e especial.

Quer dizer, não que eu dê a mínima para a mecânica de marketing. Isso é para caras chiques como você sabe com quem se preocupar. Mas eu conheço uvas. Eu conheço vinho.

E Abbott tem algumas coisas boas.

Vai ser ainda melhor quando minhas rodinhas de treinamento soltarem e eu sujar as mãos. Literalmente.

Então isso é ótimo.

O que não é tão bom?

Ainda não tenho onde morar. Joe, o vinicultor líder e meu chefe oficial, uma vez que ele volta de sua lua de mel, retorna em dois dias. E embora eu saiba que ele está grato por ter alguém para alimentar seu gato feio, e eu sou grato pelo lugar para ficar, ele não ficará muito feliz em encontrar seu novo trabalhador de vinha ainda dormindo em seu sofá.

Soltando um longo suspiro, eu me inclino para trás, batendo minha cabeça no encosto da picape Chevy azul.

Este maldito carro usado é grande parte do motivo pelo qual ainda não encontrei um apartamento.

Nunca fui um craque com matemática, mas nos últimos anos aprendi uma ou duas coisas sobre orçamento básico. Fiquei muito bom em descobrir o quanto eu

precisava para cuidar de papai, fazer o pagamento da hipoteca e ainda sobrar apenas o suficiente para as compras básicas e papel higiênico de uma folha.

Eu descobri o quanto eu precisaria fazer isso sozinho em Sonoma até o centavo.

Eu só não tinha imaginado comprar um carro novo na equação. Eu estava contando com Horny. O pedaço de merda não deveria *apenas* me levar através do país; também deveria me levar de e para meu novo apartamento e meu novo emprego.

Em vez disso, na manhã seguinte que deixei a casa de Lucy, tirei uma boa parte das minhas economias, dirigi até um lote de carros usados e comprei a caminhonete mais barata e funcional que pude.

Eu dei ao garoto no estacionamento vinte dólares para me seguir no carro novo até a casa de Lucy, onde deixei Horny estacionado do lado de fora.

Meus motivos eram apenas parcialmente bons. Não tínhamos conversado sobre o que nós dois faríamos como transporte depois que nos separássemos, e eu não a queria presa em seu primeiro dia em Napa.

Mas dar Horny a ela era um pouco egoísta também. Depois das duas semanas que acabaram de passar, eu também não queria ver aquele carro novamente. Não por muito tempo. Talvez nunca. Muitas lembranças de como foi bom olhar para o outro lado do carro e ver Lucy sentada ali, conversando sobre o uso de cores complementares em garrafas de vinho, ou cantando junto uma horrível canção country, ou apenas sorrindo para mim.

Sim, eu não queria nada disso.

Então aqui estou eu, pobre pra caralho e prestes a ficar sem teto.

Meu estômago ronca, e percebo que não como desde antes de sair para o trabalho, umas boas dez horas atrás. O apartamento que acabei de visitar fica ao lado de uma lanchonete, então, em vez de ligar o carro, saio de novo, esperando que a placa desbotada na porta da loja signifique que seus preços não sejam tão astronômicos quanto alguns dos lugares mais chiques por aqui.

Toda a maldita área é cara. Maravilhosa. De tirar o fôlego, mesmo, se você ama o negócio de uvas como eu. Mas caro.

É hora de diminuir meus padrões de vida, obviamente. Todas as chances de conseguir minha própria casa, não importa o quão ruim seja, estão fora. Vou precisar de um colega de quarto, e não um cujo apartamento cheira a maconha como o primeiro lugar que visitei hoje. Estou muito velho para essa merda. E não um cuja namorada ria como um chihuahua zangada como o segundo cara que conheci.

Ignoro a parte do meu subconsciente que me diz que estou demorando para encontrar um lugar para morar, então terei algo além de Lucy para ocupar meus pensamentos.

Enquanto espero a garota de aparência entediada atrás do balcão fazer meu presunto e suíço em branco, vou até o quadro de avisos para ver se há alguma pista promissora de algum lugar para alugar.

Como eu disse. *Qualquer* coisa para ocupar meus pensamentos.

E não. Não falei com ela desde que a abandonei. Não retornei um único texto.

E vá em frente, diga que sou um idiota.

Mas *você* não tinha que ler página após página em seu diário idiota sobre como eu era um caso de *verão* e que duas semanas de *idiotice* comigo poderia ser a coisa certa antes de ela começar sua vida real. Você não precisava ler sobre como ela deseja que ela pudesse incutir algum tipo de impulso em mim, fazer com que eu me importasse com alguma coisa – qualquer coisa.

A piada é sua, Lucy. Eu me importo. Eu me importo muito com *você*.

Correção. *Importei*

Livrar meu cérebro dela parece impossível, especialmente porque ela não para de enviar mensagens de texto e ligar, perguntando o que há de errado.

O que há de *errado* é que eu quero ouvir que ela sente minha falta como eu sinto sua falta. Quero ouvir que ela não consegue dormir como eu, e que toda vez que seu telefone toca, ela espera que seja eu, como espero que seja ela.

Quero ouvir que ela não se importa com o passado distante, porque o que aconteceu no passado *recente* supera isso.

Quero ouvir que ela sente tanto a minha falta que às vezes acorda pensando que a solidão vai matá-la.

Quero ouvir que ela quer tentar de novo, e desta vez ela não vai embora, e que...

Eu me forço a me concentrar em meus pensamentos sinuosos e patéticos. Meu olhar cai sobre um panfleto da Napa Academy.

Olho para longe com um grunhido. Eu conheço vinho. Fui contratado sem diploma e, ao contrário da Princesa Lucy, não preciso de um pedaço de papel sofisticado para me dizer que sou qualificado.

Qual é o seu fim de jogo?

Só de lembrar sua pergunta animada deixa meus dentes no limite, e meu olhar volta para o folheto roxo.

A garota grita meu pedido de sanduíche, mas eu não me viro, meus olhos estão fixos no quadro de avisos.

Qual é o seu fim de jogo?

Pela primeira vez em muito tempo, me permiti pensar sobre isso. O que eu *quero*?

Passei tanto tempo me sentindo mais velho do que minha idade, tentando sobreviver de um dia para o outro, que me dei conta de que tenho vinte e cinco anos. No meu auge.

Eu posso fazer qualquer coisa.

Gosto de trabalhar com uvas, sim. Gosto de fazer vinho, definitivamente. Eu sou muito bom nisso. Também poderia ser melhor. Com um pouco de tempo, esforço e energia, poderia ser o melhor.

Qual é o seu fim de jogo?

Meu fim de jogo sempre foi o mesmo.

Lucy Hawkins é meu jogo final.

Estendo a mão para tirar o panfleto do quadro de avisos, e então me lembro que ela ser meu tudo não me torna dela.

Idiota.

Meu braço cai e eu volto para o balcão para pegar o sanduíche.

A garota está me observando enquanto eu me aproximo, inclinando-se sobre o balcão enquanto eu pego a sacola. — Procurando por algo? — ela pergunta, acenando com a cabeça na direção do quadro de avisos.

Eu encolho os ombros. — Novo na cidade. Procurando um lugar para ficar.

— Bem, isso é conveniente. Porque estou procurando um colega de quarto.

O sorriso da garota é lento e talvez um pouco sedutor. Tardiamente eu percebi que ela provavelmente é bonita, quase gostosa, e eu não notei. Eu realmente não me importo, e isso me deixa ainda mais zangado com Lucy e suas palavras descuidadas.

Eu continuo vendo sua caligrafia repetidamente em minha mente. Linha após linha pretendia arrancar meu coração.

Apaixonar-se por Reece pela primeira vez foi a coisa mais estúpida que eu poderia fazer. Fazer isso de novo seria comprovadamente insano.

O que diabos eu devo fazer com um cara que parece não ter nem um grama de luta nele?

Reece tem muita sorte de ser tão bom na cama, porque ele tem exatamente zero potencial de namorado.

Não importa quantas vezes eu me force a repetir as palavras, a dor não vai diminuir.

Eu preciso seguir em frente. Eu preciso limpar a ferida, não importa o quão doloroso.

Forço um sorriso lento, inclinando-me para frente e combinando com a postura da garota sanduíche enquanto me pressiono contra o balcão. — Conte-me sobre essa situação de colega de quarto.

Capítulo 38

Lucy

— Vejo você na segunda-feira, Helen, — eu digo, jogando minha bolsa por cima do ombro e parando na porta do escritório do meu novo chefe.

A bela loira levanta os olhos de seu laptop e sorri. — Você também. Tem algo divertido planejado?

— Nah, — eu digo, forçando um sorriso. — Estou terminando de me instalar.

— Ah. Mudar é o pior, — ela diz com um aceno de compreensão. — Você está quase terminando?

— Quase! — Não digo a ela que estou desempacotando há dias. Que principalmente tenho passado o tempo reorganizando as coisas desnecessariamente enquanto tento não pensar em Reece.

Já se passou mais de uma semana desde que ele me descartou sem nem mesmo olhar para trás ou enviar uma mensagem de despedida.

Acho que vou dar a ele mais alguns dias antes de persegui-lo em seu novo local de trabalho, mas continuo na esperança de que ele me procure.

Essa esperança está desaparecendo rapidamente.

Eu aceno para Helen, digo adeus para alguns de meus outros novos colegas enquanto saio para o sol de verão. Napa é tudo que eu quero que seja. O novo trabalho também. Principalmente, venho treinando, acompanhando a todos, aprendendo tudo que há para saber sobre a marca Chateau St. Magrit.

E depois há as partes divertidas: degustar, aprender as nuances, aprender quais rótulos estão vendendo bem e quais precisam de um pouco de reposicionamento no mercado.

É absolutamente tudo o que eu imaginei, até o pequeno escritório ensolarado ao lado da sala de degustação principal. Já o decorei com as citações inspiradoras que costumavam me alimentar.

As malditas citações têm falhado comigo ultimamente.

Tudo está falhando comigo. Porque tudo que eu pensei que queria não é o que eu mais quero.

Eu caio no banco do motorista, a visão familiar de Horny me lembrando, como sempre, daquelas duas semanas com Reece. Eu alterno entre sentir falta dele como uma louca e odiar sua coragem por ser um idiota emocional. Olha, eu entendo que os

caras podem ser estranhos com seus sentimentos às vezes, e que falar sobre isso não vem naturalmente.

Mas meu cara? Ele colocou a barra muito baixo na frente de comunicação.

Pego meu telefone para procurar uma pizzaria decente, me sentindo muito como se tivesse ganhado uma fatia de calabresa e um copo do bom zin para o qual eu deveria estar desenvolvendo uma nota de degustação.

Sem surpresa, não há texto de Reece. Quase me treinei para não esperar por isso.

Existem, no entanto, duas mensagens de Craig, e eu franzo a testa em confusão.

O primeiro texto: Spock. Você não conseguiu isso de mim.

O segundo é um endereço em El Verano, Califórnia.

Eu torço meu nariz. Que? Eu nem sei onde é.

Uma pesquisa rápida no meu aplicativo Maps mostra que fica perto de Sonoma, mas por que meu irmão estaria me mandando para lá ...

A menos que…

Alguns dias atrás, em desespero, mandei uma mensagem para Craig, perguntando se ele sabia como eu poderia falar com seu melhor amigo idiota que não estava respondendo minhas ligações. Se ele não sabe o que aconteceu entre mim e Reece, meu texto provavelmente o deixou pensando, mas não me importo.

Não me importo com nada, exceto com o idiota que fugiu da melhor coisa que qualquer um de nós já conheceu.

Craig não respondeu. Até agora.

— Irmão, eu te amo, — murmuro para mim mesma, enquanto obtenho rapidamente as instruções de direção para o endereço fornecido por Craig.

Passear pela área em uma tarde de sexta-feira não é uma tarefa fácil com os turistas de fim de semana que vêm à cidade para alguns dias de folga pelas vinícolas e, quando o GPS me leva ao meu destino, estou praticamente tremendo de ansiedade.

É uma pequena casa azul em uma rua tranquila. Um pouco degradado, mas um pouco charmoso também. Há um Honda branco e um caminhão azul surrado ocupando todo o espaço da garagem, então estaciono na rua e, com o coração aos pulos, vou até a porta da frente, que é ...

Aberto.

Apenas um estalo, mas o suficiente para eu ouvir risadas masculinas. Riso familiar.

Meu coração acelera. Reece.

Antes que eu possa pensar melhor sobre isso, eu empurro a porta e entro, meu coração batendo forte em antecipação. Em retrospecto, provavelmente deveria ter bolado um plano, mas então me lembro que não sou eu que tenho que explicar.

Não fui eu quem fugiu.

Sigo o som de sua voz, meu coração dispara de uma forma diferente e mais perigosa quando registro que não é apenas sua voz.

Também há uma voz feminina, alta e um pouco risonha.

Eu deveria estar preparada para a visão. Depois do que aconteceu com Abby todos aqueles anos atrás, eu realmente deveria estar preparada.

Mas de alguma forma, eu não estou.

E a visão de Reece em uma cozinha rindo com outra garota, que está muito perto, quase me quebra. Ele está comendo o que quer que esteja na tigela que está segurando. Eu vejo em agonia quando ela estende a mão e passa o polegar nos lábios dele, como se fosse seu direito tocá-lo.

E ele não parece se importar.

O estranho é que este momento é muito mais inocente do que aquele em que eu entrei quando tinha dezoito anos, e ainda assim dói muito mais.

Não consigo fazer um único barulho, não consigo nem respirar, e coloco a mão protetora sobre o estômago, como se tentasse afastar fisicamente o choque.

Meu gesto capta a atenção de Reece, e seu olhar azul se move até pousar em mim, seus olhos se arregalando em choque, em seguida, arrependimento e, então, quase deliberadamente, desafio. Como se me desafiasse a me importar que ele esteja sozinho em outra casa com outra mulher.

Aceite o desafio, Reece. Eu me importo. *Eu me importo*.

A garota sente a tensão e rapidamente se vira, e eu registro que ela é ridiculamente bonita. Ela solta um pequeno grito de surpresa ao me ver.

— Quem é Você? O que você está fazendo em nossa casa?

Nossa casa. Jesus.

Eu quero correr. Eu preciso correr. Mas fiz isso da última vez e não funcionou bem. Em vez disso, mantenho minha posição e me forço a respirar fundo. — Sim, Reece? Quem sou eu?

Ele levanta um ombro. — Lucy, esta é minha nova colega de quarto. Pam, Lucy. A irmã mais nova do meu melhor amigo.

Soltei uma risada enlouquecida, sem saber qual dói mais. O fato de que ele está morando com uma garota quando ele nem mesmo se dá ao trabalho de me enviar uma mensagem de texto, ou o fato de eu ter sido deliberadamente, sumariamente descartada como irmã de Craig.

Ele não poderia ser mais claro. Não somos nada um para o outro, conectados apenas por uma ligação irritante com seu melhor amigo e meu irmão.

Eu não choro. Graças a Deus, não choro.

Em vez disso, levanto meu queixo e tristemente encontro seus olhos. — Você venceu, Reece. Eu desisto, e *você ganha*.

Capítulo 39

LUCY, DEZOITO, REECE, DEZENOVE

— Reece? — Lucy chamou, batendo uma vez antes de abrir a porta da frente da pequena casa onde Reece e seu pai moravam. — Eu recebi sua mensagem. Desculpe estou atrasada.

Sem resposta. Lucy enfiou a cabeça na cozinha, certificando-se de que o pai de Reece não estava lá com sua cerveja usual na mão. Não. Ainda deve estar no trabalho.

Lucy afastou o pensamento que se perguntava por quanto tempo Jeff Sullivan iria ficar neste *trabalho.*

— Reece? — Lucy perguntou novamente, descendo o corredor escuro com seu tapete amarelado feio que levava ao quarto de Reece.

A porta dele estava entreaberta e Lucy deu um empurrão, um sorriso expectante já no rosto. Ela pensou que eles poderiam pegar algo para comer, mas se eles tivessem a casa só para eles ...

Talvez eles pudessem repetir a noite anterior.

Lucy estava confiante de que seria melhor na segunda vez. Não que a primeira vez tivesse sido menos do que perfeita.

Seus pensamentos se dispersaram enquanto ela tentava processar a cena em sua cabeça.

Reece.

Não sozinho.

Uma garota loira estava colada nele, suas mãos segurando seu rosto como Lucy tinha feito na noite anterior, e a garota estava gemendo ofegante enquanto eles se beijavam.

Lucy deixou escapar um ruído sufocado e Reece e a garota se separaram.

A loira se virou, revelando o rosto muito familiar de Abby Mancuso.

— Oh, oi, Lucy! — Abby disse com um sorriso tímido. — É bom te ver de novo.

Isso doeu mais. Que Abby nem fazia ideia de que Lucy e Reece estava junto. Ninguém sabia.

Porque eles não eram nada.

Lucy se forçou a encontrar os olhos de Reece, perguntando-se se havia algo que ele pudesse dizer para fazer isso ficar bem.

Mas não ocorreu a ela que ele não diria nada. Ele apenas olhou para ela.

— Reece? — ela sussurrou.

Seu olhar cintilou então, mas em vez de vir em sua direção, ele enfiou a faca mais fundo.

Ele estendeu a mão para Abby, sua mão tocando a cintura de sua ex-namorada protetoramente.

Os olhos de Lucy se encheram de lágrimas e, sem dizer uma palavra, ela girou nos calcanhares e saiu correndo.

Não foi até que ela entrou em seu carro e estava indo embora a toda velocidade que ela percebeu que ele nem tinha tentado *vir atrás dela.*

Capítulo 10

Rene

Alcancei Lucy no momento em que ela está abrindo a porta do motorista de Horny.

— Espere, — eu digo, agarrando seu braço e puxando-a antes que ela possa entrar no carro. — O que você quer dizer com eu 'ganho'?

Seus olhos estão selvagens e brilhando com lágrimas enquanto ela me encara. — Quero dizer, seu grande plano de me tirar de sua vida, finalmente funcionou. Você quase fez isso com Abby anos atrás. Você fez um bom progresso me excluindo completamente, sem nem mesmo me dizer porquê. Mas isto? Ficando com sua colega de quarto? Prego no caixão, parabéns.

Sua voz está tão cheia de dor que quase a puxo para perto. E, irritantemente, sinto uma estranha sensação de pânico, mesmo quando digo a mim mesmo que é isso que eu quero. Para terminar com ela.

Está na ponta da língua explicar que não estou namorando Pam. Inferno, eu nem *gosto* da minha nova colega de quarto. Ela é como um gato predador, ignorando ou simplesmente alheia ao fato de que não estou interessado.

Não conto isso a Lucy.

— Como você me encontrou? — Eu pergunto.

— O quê, isso não fazia parte do seu plano? — ela pergunta maliciosamente. — Estou surpresa que você não disse a Craig para me enviar uma mensagem para que eu pudesse entrar em sua pequena cena doméstica aconchegante.

Eu desvio o olhar e ela solta uma risada sufocada. — Estava brincando. Você ... você esta *brincando* comigo? É por isso que a porta estava aberta?

— A porta estava aberta porque a fechadura esta quebrada e não diz fechada. Eu não ...

Eu paro antes que eu possa terminar o pensamento. *Eu não faria isso*.

Exceto eu fiz. Fiz exatamente o que ela está me acusando.

E maldita Lucy por me conhecer tão bem, porque ela entende. Eu vejo com tristeza enquanto ela junta as peças.

— Você fez isso, — ela respira em estado de choque. — Meu Deus. Com Abby ... você configurou isso?

Eu corro a mão no meu rosto. — Foi há muito tempo, Lucy. Vamos esquecer isso.

— Tenho *tentado* esquecer. Mas toda vez que eu fecho meus olhos, eu vejo você beijando Abby …

— Não, — eu digo tão abruptamente que ela dá um passo para trás.

— Como assim *não*? Eu sei o que vi.

— Você viu o que queria ver. Inferno, você viu o que eu queria que você visse.

Ela solta uma risada incrédula. — Você *queria* que eu pegasse você beijando ela?

Eu rolo meus ombros. — Inferno, Lucy. Eu não quero fazer isso. Tenho tentado evitar isso.

— Eu não dou a mínima. — Ela dá um passo à frente, os olhos brilhando. — Eu quero a verdade. Eu quero saber o que aconteceu. Eu quero a outra peça do quebra-cabeça. Por que você nunca se desculpou por trapacear.

— Eu não trapaceei, — eu rosno com tanta força que juro que as portas batem.

Ela dá um passo para trás agora, atordoada e com raiva. — Como você pode dizer isso?

Eu descanso meu queixo contra meu peito por um momento antes de levantá-lo, olhando-a bem nos olhos.

Vamos fazer isso.

— Eu surtei depois do que aconteceu conosco naquela noite, Lucy. Eu não deveria ter dormido com você. Eu soube disso durante todo o verão, mas você foi tão doce, e eu precisava tanto de você ...

— Então você ligou ... Abby? — ela pergunta incrédula.

— Sim, — eu digo com uma honestidade que é estranhamente libertadora. — Mas não pela razão que você pensa. Eu disse a ela para vir, sim, mas eu *sabia* que você estava vindo. Eu queria que você nos visse juntos.

Ela ri, e meu estômago se contorce quando percebo que ela está chorando ao mesmo tempo. — Então eu estava certa. Você é um bastardo.

— Não, — eu digo, estendendo a mão, então deixando cair. — Quer dizer, sim, mas não saiu como planejado. Eu queria que você visse eu e Abby *conversando*, não...

— Beijando? — ela diz maliciosamente.

— Abby interpretou mal a minha ligação, — eu digo, mesmo quando percebo como isso soa idiota. — O que eu acho que deixei, sendo uma criança idiota como eu era. Mas eu juro para você, eu nunca coloquei a mão em Abby naquela noite, exceto para afastá-la.

Ela bufa, e o som é todo aguado. — Eu vi você beijando ela.

— Ela estava me beijando, — eu digo com tal finalidade que ela fica quieta. — Abby me beijou bem quando você entrou, mas eu juro que não a queria nem por um segundo. Ninguém ... não há ninguém que eu quisesse depois que tive você.

— Então porquê? — ela sussurra. — Por que você quer me afastar?

Foda-se tudo. — Porque você estava indo embora. Droga, Lucy, *você está sempre indo embora.* Você estava indo para a faculdade e teve todos esses sonhos de merda e ...

— Espere. Toda essa merda, naquela época e agora ... é você saindo antes que eu possa te deixar?

Eu engulo. — Não estou orgulhoso da maneira como fiz isso, mas não me arrependo.

Ela balança a cabeça. — Como você pode dizer aquilo? Você fica aí fingindo que era nobre, mas quase me destruiu!

— Por quanto tempo, uma hora? — Eu pergunto, minha voz com raiva agora, dando um passo à frente. — Talvez mais algumas semanas até você ir para a faculdade, amuada com a perda de sua cereja para um idiota traidor?

— Mais do que isso! — ela grita, igualmente zangada. — Eu te amei! Você sabia disso e usou contra mim.

Sua proclamação balança através de mim, mas eu não deixo isso afundar. Eu não posso lidar com isso. — Talvez, Lucy. Pode ser. Mas você me superou.

— Porque eu tinha que fazer, mas não foi fácil, e não foi …

— *Foi* fácil! — ele estala. — Demorou o quê, seis meses antes de encontrar outra pessoa? Aquele ruivo magrinho de óculos idiota?

Ela me encara confusa e parece levar dez segundos inteiros para registrar do que estou falando. — Você está realmente jogando Matt Terry em mim agora? O cara com quem namorei por quinze segundos? Eu peguei você me *traindo*, o que eu deveria fazer, esperar por uma segunda chance de dor no coração?

— Não, — eu digo, levantando minhas mãos e pressionando-as em minhas têmporas, então as deixando cair novamente. — Não, eu não queria que você esperasse. Eu nunca quis ... nunca pensei que nos enroscaríamos novamente. Nós apenas provamos o que eu sabia naquela época.

— Que é o quê?

— Nós não somos bons juntos, Lucy. Você é ... você é vivaz e motivada e você sempre quer *mais*. Você está sempre olhando para a próxima coisa.

Ela tenta colocar a mão no meu peito, mas eu me afasto, e seu rosto se machuca, mas ela continua. — Olha, Reece, eu tinha dezoito anos e provavelmente não era muito boa em me expressar. Eu queria ir para a faculdade, sim, queria ser todas as coisas e fazer todas as coisas, mas você *sempre* foi uma delas. Lamento se algum dia deixei você pensar o contrário. Verdadeiramente.

— Talvez, — eu digo baixinho. — Mas você sabe melhor agora, certo? Você sabe agora que eu sou uma aventura de verão, e melhor na cama, mas não sou adequado para um namorado?

— O que você … — Sua boca cai aberta. — Espere. *Espere*. Diga que você não leu meu diário.

Enfio as mãos nos bolsos e fico olhando para ela, tão enterrado em minha própria dor que não vejo o tapa chegando.

O estalo de sua palma contra minha bochecha ecoa entre nós, mas a tristeza em seus olhos dói muito mais do que o tapa em si.

— É por isso que você se afastou, — diz ela com uma risada incrédula. — Você leu minhas divagações, pensamentos raivosos e *privados* em um caderno idiota e decidiu basear todo o nosso futuro no que leu lá.

— Não temos futuro, Lucy.

— Só porque você é cobarde demais.

— Agora, espere, — eu digo, dando um passo em direção a ela. — Vou levar parte da culpa, mas não toda a culpa. Essas coisas que você escreveu …

— Estava com raiva, era um disparate infantil de consciência, Reece! — ela diz. — E você não pode ficar bravo. Da mesma forma que você usou Abby para me manter à distância para que eu não pudesse machucá-lo, eu estava me preparando para a dor. Dizendo a mim mesma que só queria uma aventura de verão, porque, de certa forma, eu sabia que isso era tudo que você me daria.

Eu olho para cima, meu coração querendo muito acreditar nela, mesmo quanto meu cérebro grita para não arriscar.

— O que está tão quebrado dentro de você que você não me deixa consertar? — ela pergunta baixinho. — Por que você não pode acreditar que me importo com você? Que podemos fazer isso funcionar?

Eu preciso sair daqui. Dou um passo para trás, para longe dela, balançando a cabeça. — Vá para casa, Lucy.

Ela engole e levanta o queixo. — E dar a você o que você quer? Prova de que vou embora, assim como sua mãe. Seu pai. Sua irmã. Todo mundo vai embora, é isso? E você está apenas esperando que eu faça o mesmo.

Ela está tão certa que quase me deixa de joelhos, e dou mais um passo para trás.

— Não me confunda com sua família, Reece. Eles foram embora, por vontade própria ou não, mas você me deixou ir. Inferno, você mais ou menos me empurrou. E eu fui embora, e não amo o que fiz. Mas você é igualmente ruim. Você não veio atrás de mim, e isso é culpa sua.

— Va embora. Para casa. — Eu rosno enquanto me afasto.

— Reece, por favor …

Eu continuo caminhando.

— *Reece!*

Eu ouço as lágrimas em sua voz e espero por elas.

O que não espero é a forma como minhas próprias lágrimas vêm quando finalmente a ouço ir embora.

Capítulo 11

LUCY, DEZENOVE, REECE, VINTE

Reece passeou impacientemente pelo banco do parque em que esteve sentado por quase uma hora.

Ele propositalmente não olhou para ninguém. Não queria ver ninguém olhando para ele como se ele não pertencesse.

Ele já sabia que não pertencia.

A faculdade nunca esteve nas cartas de Reece e, de pé no campus agora, ele se sentia o pior tipo de impostor.

Vale a pena. Tudo vai valer a pena quando você a vir.

Foi assustador. Ele sabia disso. Ele praticamente a perseguiu. Mas, assim como no colégio, Lucy era brilhante e estava envolvida em todas as atividades possíveis na faculdade. Ela fez amizade com cada pessoa.

As pessoas a *conheciam. Não demorou muito para que ele encontrasse alguém que lhe dissesse que ela acabara de entrar na biblioteca com um grupo de estudos.*

Tudo o que ele precisava fazer era esperar.

E esperar.

E esperar.

Deve ser um grupo de estudo e tanto.

Para ocupar o tempo, Reece puxou o pedaço de papel amassado onde havia escrito tudo o que queria dizer a ela.

Ele apertou o papel com força. Ele havia escrito seu coração neste maldito papel. De jeito nenhum ele iria deixar a brisa da noite levá-lo embora.

Continha tudo o que ele precisava dizer.

Desculpe, obviamente. Perdoe-me, definitivamente.

Eu te amo.

Ele engoliu, leu as palavras, mentalmente praticava dizê-las a Lucy.

Amo você, Lucy. Eu sempre te amei. Por favor, me dê outra chance.

Seus olhos arderam um pouco quando ele percebeu que era um tiro certeiro.

A porta da biblioteca se abriu e a cabeça de Reece se ergueu ao som de uma voz familiar, seu peito apertando ao vê-la.

Ela estava acenando um adeus para outra garota, rindo de qualquer coisa que a garota disse de volta.

Reece a encara, desejando que Lucy olhe em sua direção. Ela não fez isso.

Em vez disso, ela se virou e falou com o ruivo magricela ao lado dela.

Reece checou seu relógio e esperou que eles terminassem de coordenar o dever de casa, ou o que diabos eles estavam fazendo.

Depois de alguns minutos, sua impaciência se transformou em pânico. O garoto estava parado perto demais e o sorriso de Lucy era amigável demais.

Não, não!

Reece resistiu à vontade de gritar enquanto observava o cara se curvar para Lucy.

Beijar ela. Outro cara estava beijando sua garota.

Reece engoliu o nó na garganta, lembrando-se de que era justo. Ela tinha visto Abby beijando-o. Ele não disse a ela o contrário.

Foi bom que ela seguiu em frente. Que bom que ela estava feliz.

A ardência em seus olhos estava se transformando em uma queimadura total, e ele pigarreou rapidamente enquanto se virava, amassando o pedaço de papel em seu punho.

Havia uma lata de lixo ao lado do carro de Reece.

Ele jogou a carta dentro. Junto com seu coração.

Capítulo 12

Lucy

— Ok, me diga novamente como foi com Reece. Palavra por palavra. Em detalhes excruciantes.

Pego a rolha da garrafa meio vazia de Chardonnay com os dentes, já que uma mão está segurando meu celular, a outra está enterrada na caixa de Thins de trigo que é o meu jantar.

— Adoro essa ideia, Brandi, — digo à minha irmã. — A única parte que não estou certa é, se eu contar a vocês tudo isso antes de me jogar em cima de uma faca de cozinha ou depois. Não tenho certeza do que doeria menos.

Minha irmã nem mesmo para, garota sanguinária. — Como você pode superar isso se não vai nem falar sobre isso? Faz o que, uma semana?

Nove dias.

Meu novo trabalho? Fabuloso. Apartamento novo? Começando a me sentir em casa.

Meu coração? Em *fragmentos*.

Não quero superar isso. Quero chafurdar nas memórias de mim e Reece juntos.

Mas ... *mas* ... é por isso que chamei a amorosa Brandi. Tenho alguns amigos do ensino médio que conhecem Reece, um bando de amigos de faculdade que não conhecem, mas ninguém além da minha irmã conhece a história toda.

— Foi muito parecido com o que você esperaria, — eu digo taciturnamente, engolindo um biscoito com o vinho cremoso. — Ele me disse que mais ou menos fabricou toda a bagunça com Abby no dia porque ele não teve a coragem de terminar comigo diretamente.

— Entãããão, vou me arriscar aqui e adivinhar que essas não foram as palavras exatas dele? — Brandi pergunta.

Eu me jogo no sofá. — Posso estar parafraseando. Mas a essência é a mesma. Ele é um grande covarde que não conseguiu lidar com o fato de que eu estava indo para a faculdade, então ele me abandonou antes que eu pudesse abandoná-lo. Avançando alguns anos. Repetiu.

— Mas você não iria abandoná-lo, então ou agora, — Brandi diz razoavelmente. — Certo?

— Nem perto, — eu digo baixinho. — Quer dizer, eu sabia que teríamos que ficar à distância, mas também pensei que ia me casar com ele. Levei quase um ano para superá-lo. Vou demorar ainda mais agora que conheço o homem ainda melhor do que o garoto.

Há um momento de silêncio.

— Ele demorou o mesmo tempo para superar você.

Eu rolo meus olhos. — Eu duvido disso.

— Você duvida disso, mas você não sabe disso. Honestamente, Lucy, você não sabe de nada porque não perguntou a ele. Nem disse a ele como se sentia naquela época, ou como se sente agora.

— Não sei como me sinto agora.

A voz de Brandi é mais gentil do que eu esperava, mas também um pouco decepcionada. — Lucy.

Eu aperto meus olhos e fico em silêncio.

— Luce ... você o ama?

Só de ouvir essas palavras, mesmo através do meu iPhone, de alguém do outro lado do país, meu estômago embrulha.

Amor e Reece ... eles combinam quase tão bem quanto as palavras *ódio* e Reece. *Machucar* e Reece. *Raiva* e Reece ...

— Luce?

— Sim, eu o amo. Ok? Feliz?

Estrondo.

Achei que me sentiria melhor depois que as palavras saíssem, mas não me sinto. Porque não estou dizendo para a pessoa certa.

E Brandi não cede um centímetro. — Você está horrível agora. Você precisa trazê-lo de volta.

Eu me sento — O que? Não! Ele precisa me trazer de volta. Ele é quem bagunçou tudo naquela época, me deixando pensar que ele trapaceou. Foi ele quem me empurrou.

— E você o deixou.

— O que você quer que eu faça, persegui-lo? Caia de joelhos e implore a ele para me amar?

— Não, mas que tal você ter uma conversa racional com o cara, colocar tudo para fora, porque você é uma adulta? E louca de amor pelo único cara que sempre foi o *único* cara?

Eu coço meu nariz. Minha irmã mais nova é *super* irritante quando está certa.

E, no entanto, não consigo parar de pensar na expressão em seu rosto quando ele se afastou de mim. Foi tão ... final.

Não duvido que Reece se importe comigo. E eu sei que ele me *quer*, ou pelo menos ele queria quando eu estava por perto.

Mas *amor*?

Eu nem tenho certeza se Reece Sullivan sabe o que isso significa.

— Alguém ouviu falar dele? — Eu pergunto, me odiando por estar tão desesperada para ouvir algo sobre ele. Nada.

— Não, de jeito nenhum, — diz Brandi. — Desculpe, mas não estou tornando isso tão fácil para você. Você quer saber como ele está, quer saber onde está a cabeça dele, vá até ele.

— Eu não posso. Não sei o que diria.

— Então descubra, — minha irmã diz, sua voz gentil. — Você e Reece pertencem um ao outro. Sei que você se foi por um tempo, mas estive aqui com mais frequência e o vi com as namoradas que ele teve enquanto vocês dois estavam separados. Ele mal olhava para elas.

Eu estremeço ao pensar em Reece e outras garotas. — Podemos não ir lá?

— Se vocês vão fazer isso funcionar, vocês vão ter que enfrentar o que aconteceu quando vocês estavam juntos, assim como quando não estavam, — diz Brandi, soando muito mais sábia do que ela tem o direito. — E, além disso, você teve namorados nesse ínterim.

— Eu sei, — eu digo, mordiscando uma unha. — Reece, oh, tão gentilmente me lembrou disso na outra noite, como se ele ficasse com ciúmes depois do que ele fez com Abby durante o dia.

— Bem, para ser justa, você o fez dirigir até Miami para conhecer aquele cara do Oscar.

— Não foi nem mesmo Oscar que o deixou todo irritado, — eu digo, girando meu vinho. — Foi Matt Terry, de todas as pessoas.

— Quem?

— Exatamente! — Eu digo, levantando meu copo enfaticamente, quase passando um pouco sobre a lateral.

— Não, realmente, quem é Matt Terry?

— Ele era esse cara que me perseguiu no ano de faculdade. Eu estava tentando dar uma chance a Matt, *desesperada* para seguir em frente com Reece, mas bastou um beijo horrível e eu sabia que não poderia continuar com isso. Eu terminei com o pobre coitado antes do nosso primeiro encontro.

— Caramba. Nunca ouvi essa história.

Eu encolho os ombros. — Ninguém ouviu. Foi como um daqueles momentos "pisque e você perde" da minha vida.

Eu tomo outro gole de vinho, depois outro, notando que o silêncio de Brandi é mais longo do que o normal. — Voce ainda esta aí?

— Lucy.

Eu gesticulo impacientemente com meu copo, embora ela não possa me ver. — Sim?

— Você nunca contou a ninguém sobre Matt Terry?

Eu torço meu nariz, me perguntando por que ainda estamos falando sobre um pobre garoto que mal me lembro. — Não, eu penso que não. Pensei em contar ao minha colega de quarto, mas não queria envergonhar o pobre coitado. Ele era fofo. Não é culpa de Matt eu ainda estar presa ao Idiota. Vamos começar a chamar Reece assim agora, ok?

Minha irmã se recusa a jogar junto com meu jogo, sua voz mais urgente agora. — Lucy, se você nunca contou a ninguém sobre o que aconteceu com esse cara Matt, como Reece soube?

Abro a boca para responder, e então percebo que não tenho uma resposta.

— Esse beijo, o ruim com Matt, — Brandi continua. — Onde isso aconteceu?

— Não sei, fora da biblioteca? — Eu acho, tentando lembrar, meu coração correr com algo que parece importante. — Como Reece saberia sobre isso?

— Ele não saberia. A menos que ele tenha visto.

— Como ele veria, a menos que ...

Minha irmã solta um grito triunfante. — Ele *te* seguiu. Ele foi atrás de você para reconquistá-la, viu você beijando outro cara. É a única explicação. Tipo, *literalmente* a única. Certo?

Quero dizer a ela que ela está errada. Mas, quebrando a cabeça, percebo que ela tem que estar certa. A única outra explicação é que ele de alguma forma se conectou com Matt, que é a única outra pessoa que sabe sobre o beijo. Mas isso é ainda mais improvável.

Mas de qualquer forma, isso significa que Reece se importava.

Ele foi atrás de mim.

O pensamento me aquece de dentro para fora, e minha mão está tremendo um pouco quando coloco meu copo na mesa de centro.

— Eu tenho que ir, — digo a Brandi.

— Porquê. Onde você está indo?

— Ele foi atrás de mim uma vez, — digo, levantando-me, já me movendo em direção à minha bolsa. — É hora de eu ir atrás dele.

Capítulo 13

Reece

Ok, pessoal, não quero apressar vocês aqui, mas continuem, porque às vezes a mente de um cara é super simples e funciona exatamente assim.

Levei cerca de cinco minutos depois que Lucy me deixou ir pela última vez para saber que eu a queria de volta.

Levei nove dias para descobrir como diabos fazer isso.

Você quer uma longa história de como eu percebi isso? Foi tão simples quanto ver a porra das lanternas traseiras daquele carro se afastando de mim e perceber que eu queria morrer. Percebendo que eu arriscaria toda a dor de cabeça do mundo, arriscaria que ela partisse eventualmente, se isso significasse que eu conseguiria abraçá-la por apenas mais cinco minutos.

Eu levanto minha mão para bater na porta de Lucy, então largo meu braço novamente, enxugando minha palma úmida contra meu jeans.

Este plano não parecia tão assustador quando conversei sobre isso com Craig.

Apareça. Conte a ela como você se sente. Espero que ela sinta o mesmo.

Fácil.

E ... acho que vou vomitar.

Eu respiro fundo e levanto minha mão novamente, me recusando a me acovardar do jeito que tenho feito nos últimos seis anos.

Lucy Hawkins era minha garota. Agora ela é minha mulher. E eu sou o homem dela. É melhor ela começar a se acostumar com a ideia.

A porta se abre antes que meus nós dos dedos possam fazer contato, e eu tenho apenas um segundo para registrar o movimento antes que seu pequeno corpo seja lançado em meu peito.

— Oh, — ela diz em uma expiração, dando um rápido passo para trás. — Sinto mui … *Reece*?

Por um momento, só consigo olhar. Ela é tão ... Lucy. Camisa preta justa, saia branca, chinelos, cabelo em um nó bagunçado no topo da cabeça.

Ela é linda. Tão linda que não consigo respirar.

— Oi.

Ela pisca, então suas sobrancelhas sobem no exato momento em que ela coloca a mão em seu quadril. — Oi?

Eu engulo. *Merda*. Craig disse que ficaria mais fácil quando eu começasse. Mentiroso de merda.

Eu engulo novamente e aperto minhas mãos para não puxá-la para mim, resistindo à vontade de dizer a ela como me sinto com um beijo em vez de palavras.

Ela merece as palavras. Ela merece tudo isso.

— Posso entrar? — Eu pergunto.

— Hum.

Pela primeira vez, percebo que ela parece um pouco desligada. Sua surpresa ao me ver diminuiu, mas ainda há algo um pouco selvagem e desesperado em seus olhos.

É uma expressão que aprendi bem na semana passada ao vê-la no meu próprio espelho.

— Por favor, — eu digo baixinho. — Tenho coisas que preciso dizer para você.

Ela dá um passo para o lado para que eu possa entrar, fechando a porta atrás de mim.

Eu a examino mais de perto agora, notando a bolsa em sua mão. — Você estava saindo.

Ela acena com a cabeça e não encontra meus olhos, e por um momento de parar o coração, eu me pergunto se ela estava saindo para um encontro.

Não muito tempo atrás, o pensamento teria me feito correr para as colinas, querendo enterrar minha cabeça na areia antes que a maior parte da dor me atingisse.

Agora só me dá vontade de lutar. Lutar pelo que é meu.

— Eu me inscrevi para algumas aulas, — eu deixo escapar.

Ela franze a testa um pouco. — Ok. Que tipo de aulas. Tipo, como não ser um idiota?

Eu rio, porque é uma coisa muito Lucy de se dizer.

— Aulas de vinho. Vinificação, comercialização de vinhos, prova de vinhos. O que quer que se encaixe na minha agenda de trabalho.

Ela fica um pouco quieta. — Pensei que você odiasse tudo isso. Achei que a única maneira de aprender era comendo a sujeira, ou o que quer que seja.

Eu sorrio. — A prática ainda é importante. O *mais* importante, eu diria. Mas eu ... estive pensando sobre o que você disse. Pensando no que quero da minha vida, e não quero apenas ser o cara que passa os dias de salário em salário.

— Ok. — Ela pousa a bolsa com cuidado e cruza os braços. — E o que você quer?

Dou um passo em sua direção, ganhando coragem agora. Não porque não tenha medo do poder que seu exército de uma mulher tem sobre meu coração, mas porque sei a resposta para sua pergunta com absoluta certeza.

Estou cansado de ser o homem que foge. Cansado de ser aquele cara que não vai buscar algo que valha a pena porque tem medo de que desapareça.

— Eu não sei como será meu futuro, — eu digo, minha voz baixa e clara. — Talvez vinicultor líder de um dos grandes nomes. Talvez seja minha própria vinícola. Inferno, talvez eu seja atingido por um raio e perceba que gosto de vender as coisas tanto quanto gosto de fazer. Talvez eu comece minha própria sala de degustação, ou invente algum tipo de barril envelhecido, ou ...

Lucy ri um pouco e levanta a mão. — Uau. Grandes planos aí, Sullivan.

— Fim de jogo, — eu deixo escapar.

Seu sorriso desaparece. — O que?

Eu me aproximo agora. Seus olhos ficam cautelosos, mas meu coração dispara com esperança de que ela não dê um passo para trás. — Você me perguntou qual era o meu fim de jogo.

— E você descobriu? — ela pergunta.

— Não com o trabalho, não, mas estou chegando lá. As coisas estão começando a ficar ... claras.

— Bem, — ela diz, forçando um sorriso. — Estou feliz. Você foi feito para grandes coisas, sempre soube disso, mesmo que você não soubesse.

— Eu sei, — eu digo um pouco asperamente. — Mas a questão é que o fim do jogo que você me perguntou ... meus objetivos de carreira ... eles são importantes. Mas eles não são os *mais* importantes.

— Eles não são? — Ela sussurra enquanto minhas mãos alcançam ela, acomodando-se cuidadosamente em sua cintura. Tocá-la parece tão certo que meus joelhos quase dobram e eu ganho coragem.

— Eu cometi alguns erros com minha vida, Lucy. A maioria deles com você. Eu te machuquei, deixei você ir embora, eu te deixei, não vim atrás de você, eu peguei você, eu surtei com você ...

— Bastante currículo. — Eu posso dizer que ela está tentando ser leviana, mas sua voz falha.

— Bastante. Mas nada disso é o que eu mais lamento. — Eu descanso minha testa na dela e respirei fundo. — O que mais me arrependo é não ter contado como me senti sobre você. Eu deveria ter te contado quando tinha dezenove anos. Inferno, eu deveria ter te contado quando eu tinha *nove* anos.

Seu lábio inferior balança, e eu levanto a mão para roçar meu polegar em sua boca trêmula. De repente, não há medo. Sem terror. Existe apenas este momento. Atrasado, mas ainda perfeito.

— Eu te amo, Lucy.

Ok, posso ter sido prematuro em minha confiança, porque dizer isso em voz alta é aterrorizante.

Especialmente quando ela não diz uma palavra em resposta.

Lucy nem mesmo se move e seus olhos estão brilhantes de lágrimas, e não consigo lê-las. Não posso dizer o que ela está pensando ou sentindo, e estou prestes a seguir meu plano B *de ficar de joelhos e implorar*, quando ela solta um grito entrecortado e envolve os braços em volta do meu pescoço.

Eu fico perfeitamente imóvel, antes de fechar meus braços em volta dela muito lentamente, de alívio.

Então meus olhos se fecham. *Estou em casa.* Mesmo que este abraço seja tudo que eu recebo, é o suficiente. Eu farei com que seja o suficiente. Pelo menos até que eu possa ficar melhor e mais corajoso, e exigir que ela me dê mais momentos como este.

— Eu estava indo para ver você, — ela diz contra meu pescoço.

Eu esfrego a mão ao longo de sua coluna. — Oh sim? — Eu toco seu cabelo, minha mão tremendo um pouco enquanto me ordeno para não apressá-la. Não para implorar a ela para dizer o que eu preciso ouvir. — Devia estar com muita pressa.

Ela se afasta e acena com a cabeça, seus dedos tocando minha bochecha. — Digamos que está seis anos atrasado.

— Melhor atrasado do que nunca?

Seu sorriso é lento e terno enquanto ela fica na ponta dos pés para me beijar suavemente. — Você sabe que não precisa fazer essas aulas, certo? Se você quiser para você, por todos os meios. Mas não faça isso por mim.

Meu coração afunda. *Isso* é o que ela queria me dizer? Eu coloquei meu coração na linha, e ela …

— Eu te amo do jeito que você é. Eu sempre te amei.

Meu coração começa a bater de novo, mas ainda estou carente, e a aperto contra mim com força, dando-lhe uma pequena sacudida. — Novamente.

Lucy ri. — Eu amo Você. Desde o início. E eu nunca deveria ter saído naquele dia. Eu deveria ter tido mais fé em você, mais fé em nós. E na outra noite, eu deveria ter ...

— Vamos fazer um acordo, — eu digo, segurando seu rosto. — Vamos concordar em deixar tudo isso ir. Nós podemos aprender com essas experiências e todas essas merdas, mas merecemos um novo começo. Somos mais do que nossos erros.

Ela dá um tapinha feliz no meu peito. — Eu gosto disso. Um novo começo, soluços esquecidos.

Eu bufo. — 'Soluços.' É assim que os chamamos?

— Não. — Seus braços estão em volta do meu pescoço novamente e ela está olhando para mim. — Não estamos chamando eles de nada, lembra? E eu acabei de perceber porque é que eu estava indo atrás de você.

— Não era para me dizer que você me amava?

— Eu *talvez* fosse mencionar isso. Mas principalmente, eu ia te dizer que preciso de um colega de quarto. E você precisa de uma colega de quarto ... a atual não é boa para você.

Meus olhos se estreitam. — Este lugar é de um quarto.

Ela morde o lábio. — Estou ciente.

Meus olhos estreitam ainda mais. — Lucy Hawkins. Você está me pedindo para morar com você?

— Bem, é a única maneira de não nos preocuparmos com a custódia conjunta de Horny, — ela diz pragmaticamente.

Eu sorrio. — Verdade. Ele precisa saber que seus pais o amam muito.

— Você acha que ele sabe que seus pais *se amam* muito?

— Ele deveria, — eu digo enquanto começo a empurrá-la em direção ao quarto. — Afinal, foi ele que nos viu apaixonar um pelo outro de novo.

Lucy coloca a mão no meu peito, interrompendo meu progresso. — Bem, o negócio é o seguinte, Reece. Acho que nunca parei. Acho que sou uma daquelas garotas loucas e estúpidas que amou você o tempo todo.

Eu não posso evitar o sorriso feliz que se espalha pelo meu rosto quando eu dobro meus joelhos e a coloco sobre meu ombro e acelero nosso movimento em direção à cama.

— Bem, isso é conveniente, — eu digo, dando um tapa de brincadeira em sua bunda. — Porque eu sou aquele cara louco e estúpido que amou você o tempo todo também.

Epílogo

Lucy

LUCY, VINTE E SETE, REECE, VINTE E OITO

Eu descanso minha mão no ombro de Reece, puxando sua orelha para baixo para que ele possa me ouvir enquanto nos misturamos com a multidão reunida em torno do palco improvisado.

— Você sabe que se um de nós ganhar, significa que o outro perde, — eu digo.

Reece dá um tapinha na minha mão e sorri para mim. — Oh, Luce. Que bonitinha. Não, não, querida, significa que *quando* eu ganhar, *você* terá perdido.

Eu rolo meus olhos. Bastardo arrogante.

Estamos em um dos eventos mais badalados do país ... uma degustação improvisada de vinhos em que as principais vinícolas trazem o que consideram o melhor da safra do ano passado para uma degustação às cegas. É uma das minhas reuniões favoritas. Sem turistas, sem esnobes do vinho, apenas funcionários da vinícola e as pessoas que fazem as coisas.

A festa está acontecendo a noite toda. Finalmente chegaram a cinco finalistas e o vencedor está prestes a ser anunciado.

A vinícola para a qual Reece trabalha está na fase final.

A vinícola para a qual trabalho também.

Meu chefe me olha do outro lado da sala e levanta a mão com os dedos cruzados enquanto o juiz registra a votação final. Eu faço o mesmo, embora, na verdade, eu queira que Reece ganhe quase tanto quanto eu quero ganhar.

Eu amo meu trabalho. Quer dizer, eu *realmente* amo isso.

Eu amo Reece mais. Muito mais.

— Tudo bem, senhoras e senhores, — uma pequena senhora com cabelo loiro espetado diz em um microfone que range. O som reverbera nas vigas do grande celeiro onde todos nós nos reunimos. — Temos o nosso vencedor!

Ao meu lado, sinto Reece se mexer nervosamente e pego sua mão, notando a forma como algumas das pessoas ao nosso redor sorriem com o gesto. Eu não quero me gabar ou qualquer coisa, mas nos três anos que estivemos em Napa, Reece e eu nos tornamos uma espécie de realeza do vinho.

Ambos entramos na lista Trinta com menos de trinta da *Wine Magazine* – ele para a Innovative Winemaking, eu por minhas táticas de marketing de guerrilha.

Palavras de Reece, não minhas.

Ele está com ciúme, porque não estou vendendo o vinho *dele*. Ainda.

Digamos que temos planos.

— E o vencedor é ... — A loira puxa o saco de papel da garrafa do vencedor. — Abbott Vineyards!

Meu coração salta de alegria. *O vinho de Reece*.

A única reação de Reece é cerrar o punho, dando o menor impulso de vitória, antes que ele se vire e sorria para mim. — Te disse.

— Um vencedor tão gracioso. — Eu fico na ponta dos pés para beijá-lo. — Parabéns. Vá em frente, mergulhe nisso, porque no próximo ano ...

— Ano que vem eu vou ganhar de novo, e todos os anos depois disso, entãããão…

Eu rio e o empurro em direção ao palco. — Vá. Pegue seu prêmio para que possamos ir para casa e beber.

Meu coração quase explode de orgulho quando vejo Reece apertar a mão e sorrir para seus colegas. Eu aperto algumas mãos, sorrindo e trabalhando a multidão como sempre faço, mesmo com um olho seguindo Reece, amando a pura alegria em seu rosto.

Acho que meu orgulho pode me matar.

Quase uma hora depois, ele me encontra no depósito de casacos, me ajudando a entrar na vala enquanto pego a garrafa de vinho premiada em sua mão. — *Agora* eu posso ver a garrafa? — Eu pergunto, sabendo que Abbott Vineyards tem a peculiaridade de deixar cada vinicultor escolher o nome do vinho além do tipo de uva. — Você tem sido tão estranho com isso!

Reece hesita apenas por um breve momento antes de me deixar tirar a garrafa de sua mão.

Pego o logotipo familiar da Abbott, o descritor cabernet sauvignon, e então vejo o nome do vinho em si, e meu sorriso feliz se transforma em espanto atordoado, e eu olho para ele.

— Love Story, — eu digo. — Você chamou de Love Story. E há um pequeno carro de desenho animado que parece suspeitosamente com Horny.

Seu rosto está envergonhado. — Não transforme isso em uma coisa.

Eu pego seu braço quando ele tenta se virar. — Love Story. Como ... nossa história?

Reece coça a bochecha, antes de finalmente encontrar meus olhos. — É idiota? Simplesmente me ocorreu e me pareceu ... apropriado.

— Você está brincando comigo? É basicamente a coisa mais doce que já ouvi.

Seus olhos se iluminaram e posso dizer que ele está satisfeito com minha reação. — Eu ia chamá-lo de *Fim de jogo*, mas …

— Mas o que? — Eu digo enquanto caminhamos de mãos dadas em direção ao carro (um Toyota sedan de segunda mão, já que o pobre Horny está precisando cada vez mais de cochilos esses dias).

— Bem, por mais que eu ame meu trabalho, percebi que uma garrafa de vinho nunca seria *meu* objetivo final, — diz ele.

— Não? O que é? — Eu pergunto, entrando no carro enquanto ele abre o lado do passageiro para mim. — Reece? — Eu cutuco, quando ele não responde.

Em vez de responder, ele me faz entrar, me dá um sorriso misterioso e fecha a porta.

Eu mordo meu lábio, tentando desesperadamente obter um controle sobre meu sorriso eufórico antes que ele abra a porta do lado do motorista.

Tenho certeza de que o verdadeiro objetivo de Reece tem a ver com o anel de diamante que localizei em sua gaveta de meias.

E eu quero tanto aquele anel no meu quarto dedo que estou praticamente levitando.

Mas, ei, posso ser paciente. Se a nossa história me ensinou alguma coisa, é que a espera vale sempre a pena.

Fim

LOVE story

BOOK CRAZY



TRADUÇÕES
DE LIVROS